

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MONICA PINZ ALVES

EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS:
UMA ABORDAGEM DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA O
PLENO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

São Leopoldo

2015

MONICA PINZ ALVES

**EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS:
UMA ABORDAGEM DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA O
PLENO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO**

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutora em Teologia,
Escola Superior em Teologia,
Programa de Pós-Graduação,
Área de Concentração:
Educação e Religião

Orientadora: Dra. Gisela Isolde Wächter Streck

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474e Alves, Monica Pinz
Educação por princípios: uma abordagem de ensino e aprendizagem para o pleno desenvolvimento do indivíduo / Monica Pinz Alves ; orientadora Gisela Isolde Waechter Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.
198 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Ensino – Metodologia. 2. Educação – Finalidades e objetivos. 3. Professores – Formação. 4. Educação cristã.
I. Streck, Gisela Isolde Waechter. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador:

Profª Dra. Gisela Isolde Wächter Streck – EST

2º Examinador:

Profª Dra. Laude Erandi Brandenburg – EST

3º Examinador:

Prof. Dr. Remi Klein – EST

4º Examinador:

Profª Dra. Kátia Silva Cunha – UFPE

5º Examinador:

Profª Dra. Marivete Zanoni Kunz – FTBP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, e em segundo lugar aos meus pais Hildegard e Karl Heinz Pinz, que me incentivaram a, através de seus ensinamentos, conquistar mais este aprendizado, e são corresponsáveis por minha dedicação e meu amor ao ensino.

AGRADECIMENTOS

Obrigada...

A Deus, Criador da minha vida, que me deu coragem para questionar realidades e propor um novo mundo de possibilidades.

À EST pela possibilidade através dos recursos da CAPES proporcionar os meios para a minha qualificação acadêmica durante os 8 semestres.

À Faculdade Batista Pioneira de Ijuí pela indicação da Instituição EST e por apoio, orações e faltas compreendidas para aulas e congressos durante todo o período.

À minha orientadora e educadora Gisela, que com sua tranquilidade me orientou com excelência e discernimento, respeitando o meu desenvolvimento individual durante a pesquisa, não deixando de comemorar minhas conquistas e reverter os meus fracassos.

Aos educadores e às educadoras que tive o privilégio de ter durante a minha permanência na EST. Principalmente aos da área de concentração de Religião e Educação, Professores Remí Klein e Laude Erandi Brandenburg.

À minha família, meus pais e minhas irmãs Astrid e Kerstin, por acreditarem e investirem em mim.

À família Tozetti-Alves pelas orações a meu favor.

Ao meu esposo Esdras pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda a distância, todo o sofrimento, todas as renúncias durante esse tempo.

Às colegas Kate, Thiago, Gleyds e Sonia que possibilitaram transformar o coleguismo compartilhado nas aulas e viagens aos congressos com muitos cafés e trocas educacionais, em amizade além da Instituição e da tese.

À amiga e colega Kate pela cumplicidade e irmandade compartilhada desde o momento em que nos conhecemos e que se tornou fundamental para o término deste trabalho.

À amiga, colega e irmã Cheila Goergen, pelo incentivo e apoio constante, e principalmente por seu acompanhamento em cada escrita e cada discussão referentes ao tema desta pesquisa.

Aos colegas que se tornaram grandes amigos durante a caminhada do Doutorado, pelo incentivo e pelo apoio constante.

Aos funcionários, funcionárias, educadores e educadoras do CEPP de Augusto Pestana e Ajuricaba, que serviram de inspiração para esta pesquisa.

À comunidade da Igreja de Cristo, pois foi nesse meio que aprendi o valor da minha fé.

Escola é...

O lugar onde se faz amigos.

*Não se trata só de prédios, quadros, programas, horário, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente. Gente que trabalha, gente que estuda, se alegra, se conhece, se estima.*

O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor, na medida em que cada ser se comporte como colega, como irmão.

Nada de "ilha" cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma parede, indiferente, frio, só...

Importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é ser amarrado nela. Ora, é lógico...

Numa escola assim vai ser fácil estudar, crescer, fazer amigos, educar-se,

SER FELIZ.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo¹.

Paulo Freire.

¹ FREIRE, Paulo. Disponível em:
<http://www.seduc.go.gov.br/documentos/nucleomeioambiente/Caderno_horta.pdf>. Acesso em:
21 abr. 2015.

RESUMO

A presente tese objetiva apresentar a abordagem de ensino e aprendizagem denominada Educação por Princípios, uma proposta metodológica originada dos Estados Unidos, e sua relação com o pleno desenvolvimento dos educandos e das educandas. A pesquisa de cunho bibliográfico primeiramente faz um levantamento sobre as políticas públicas vigentes no sistema educacional brasileiro, apresentando as diretrizes que preveem o pleno desenvolvimento do indivíduo expondo algumas fragilidades existentes no dia a dia das escolas. A seguir a pesquisa descreve a Educação por Princípios, apresentando sua abordagem de ensino e aprendizagem, sua proposta metodológica e como esta propõe o desenvolvimento integral, corpo, alma e espírito, investigando os elementos pedagógicos utilizados nas escolas que adotam esta abordagem. A abordagem da *Elementarisierung* (elementarização), uma proposta educacional alemã, descrita para o trabalho no componente curricular de Ensino Religioso na Alemanha, tem como objetivo contribuir para o pleno desenvolvimento da pessoa e é inserida neste trabalho para averiguar a possibilidade de auxiliar na abordagem da Educação por Princípios. Ao finalizar a tese, com base nas políticas públicas e nas abordagens pesquisadas, o enfoque é voltado ao perfil do educador e da educadora, sua formação acadêmica, espiritualidade e disposição interior frente à proposta de contribuir para o pleno desenvolvimento do educando e da educanda.

Palavras-chave: Educação por Princípios, proposta pedagógica, métodos, *Elementarisierung*.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to present the teaching and learning approach called Education through Principles, a methodological proposal which originated in the United States and its relation with the holistic development of the students. The research of bibliographic character first does a survey of the public policies currently in effect in the Brazilian educational system, presenting the guidelines which foresee the holistic development of the individual exposing some existing frailties in the day to day life of the schools. In sequence the research describes Education through Principles, presenting its approach to teaching and learning, its methodological proposal and how it proposes a holistic development, body, soul and spirit, investigating the pedagogical elements used in the daily life of the schools which use this approach. The *Elementarisierung* (elementarization) approach, a German educational proposal, described in the work for the curricular component of Religious Education in Germany, has as its goal to contribute to the holistic development of the person and is inserted in this work to verify the possibility of helping in the Education through Principles approach. At the end of the dissertation, based on the public policies and the approaches which were researched, the focus turns to the profile of the educator, his or her academic formation, spirituality and internal disposition faced with the proposal contributing to the holistic development of the student.

Keywords: Education through Principles, pedagogical proposal, methodological proposal, *Elementarisierung*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sequencia de diretrizes do Sistema Educacional Brasileiro.....	32
Figura 2: Imagem Sistema Educacional Brasileiro	35
Figura 3: Os Quatro Pilares da Educação.....	46
Figura 4: Crianças Conectadas.....	63
Figura 5: Professor Antenado no Século XXI.....	65
Figura 6: Abordagem da Educação por Princípios.....	83
Figura 7: Relações na Educação por Princípios.....	86
Figura 8: Sequencia ilustrativa do Método utilizado na EP.....	91
Figura 9: Ferramentas Pedagógicas da Abordagem Educação por Princípios.....	96
Figura 10: Componentes Curriculares Integradas aos Princípios Bíblicos....	103
Figura 11: Relações entre as Dimensões da <i>Elementarisierung</i>	116
Figura 12: Competências dos Educadores e das Educadoras de Ensino Religioso.....	125
Figura 13: Alfabeto das Borboletas.....	179

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1. Sistema educacional brasileiro	31
1.1. Políticas públicas educacionais brasileiras	36
1.2. Quatro pilares da educação	45
1.3. Fragilidades da educação decorrentes das políticas públicas	54
1.4. Contexto educacional no século XXI	60
1.5. Considerações finais do capítulo	66
2. Educação por princípios bíblicos	69
2.1. Definindo “educação”	71
2.2. Definindo “educação cristã”	73
2.3. História da Educação por Princípios nos EUA	76
2.4. História da Educação por Princípios no Brasil	79
2.5. Abordagem por Princípios	80
2.5.1 O que é “princípio”	84
2.5.2. Filosofia da Educação por Princípios	84
2.5.3. Currículo na Educação por Princípios	87
2.5.4. Metodologia da Educação por Princípios	89
2.5.5. Ferramentas Pedagógicas da Educação por Princípios	93
2.5.6. Princípios bíblicos	96
2.5.7. Guia Curricular e Metodológico – SIRE	104
2.6. Considerações finais do capítulo	107
3. Diálogos entre <i>Elementarisierung</i> e Educação por Princípios	109
3.1. Abordagem da <i>Elementarisierung</i>	110
3.1.1. Dimensões da <i>Elementarisierung</i>	115
3.1.2. Competências da <i>Elementarisierung</i>	119

3.2. Pontos em comum entre <i>Elementarisierung</i> e Educação por Princípios.....	125
3.3. Modelos embasados na proposta metodológica das abordagens.....	130
3.3.1. Exemplo da <i>Elementarisierung</i> como princípio norteador no planejamento da aula baseada na história bíblica de Lucas 15.11-32 – O Filho Pródigo	130
3.3.2. Abordagem da Educação por Princípios	133
3.4. Considerações finais do capítulo	139
4. Perfil dos educadores e das educadoras baseados na Educação por Princípios	143
4.1. Formação Acadêmica	145
4.2. O que vem a ser a educação cristã mencionada na Educação por Princípios?	150
4.3. O educador e a educadora na perspectiva da Educação por Princípios.....	155
4.3.1. Identidade	157
4.3.2. Chamado	158
4.3.3. Dom	162
4.4. Espiritualidade	163
4.5. Relato de experiências com a Educação por Princípios	171
4.6. Considerações finais do capítulo.....	176
CONCLUSÃO.....	181
REFERÊNCIAS.....	187

INTRODUÇÃO

A temática proposta, pesquisada e analisada nesta tese, visa a entender a Educação por Princípios, sua metodologia, seus elementos pedagógicos, o perfil dos educadores e das educadoras e os discursos dessa abordagem. Com isso, objetiva-se também identificar se esta possibilita uma educação voltada ao pleno desenvolvimento dos seus educandos e educandas.

A Educação por Princípios consiste em uma abordagem de ensino e aprendizagem com o objetivo de promover o desenvolvimento integral, corpo, alma e espírito, tendo como base uma formação acadêmica fundamentada nos princípios bíblicos.

Esta delimitação surge dentro da pesquisa em virtude de o objeto estar voltado à escola que aplica ou diz aplicar a metodologia da Educação por Princípios. É válido ressaltar que escolas denominadas confessionais têm liberdade e amparo legal, previsto na legislação brasileira, para apresentar qual proposta pedagógica e/ou metodológica desejam seguir. Pretende-se assim verificar se as escolas, ao adotarem essa abordagem de ensino e aprendizagem, realmente colaboram ou alcançam o objetivo de educar integralmente o indivíduo.²

Pesquisar a respeito da metodologia e dos elementos pedagógicos existentes nessa abordagem permitirá compreender a proposta de ensino baseada nos princípios bíblicos. A partir disso, poderá ser entendido o perfil do educador ou da educadora que devem atuar nestas instituições, tendo em vista que são eles que colocarão em prática o discurso apresentado na abordagem da Educação por Princípios.

Ao querer definir o termo “educação”, entende-se o mesmo como um processo amplo e contínuo do ser humano, que envolve não só a formação do aspecto cognitivo, mas de todo o ser, e compreende o desenvolvimento de personalidade, sentimentos, percepções e relacionamentos. Esse processo visa

² A Educação por Princípios utiliza o termo “educação integral” para “pleno desenvolvimento da pessoa”. Como a abordagem é de origem norte-americana, grande parte de sua bibliografia é traduzida e, na tradução, optou-se pelo referido termo.

não só ao crescimento individual, mas também coletivo, a fim de que o indivíduo possa interagir, se relacionar e participar socialmente, em benefício da comunidade a que pertence.

As inquietações pessoais da autora em relação a sua própria constituição como docente e gestora motivaram a escrita da presente tese. A reflexão sobre a construção das identidades pessoal e profissional levou a perceber que esta não acontece de forma linear e passiva, mas que são as dúvidas, as inquietações, as experiências pessoais e profissionais que possibilitam a reflexão sobre os caminhos a percorrer ou sobre quais decisões são viáveis para as situações em questão.

Portanto, para uma melhor compreensão da escolha do objeto de pesquisa e/ou da temática proposta, a autora descreve recortes sobre a sua formação escolar/acadêmica e experiência profissional na docência e na gestão. A partir da compreensão dessa experiência anterior justifica-se a continuidade da formação profissional e o tema da presente pesquisa: possibilitar um pleno desenvolvimento aos educandos e educandas.

A autora³ é a caçula de três irmãs. Seus pais e irmãos viviam na Alemanha. Em 1970 seu pai aceitou o chamado missionário para o campo situado em Giruá – RS. Sua infância foi regada a muitos livros e informação. Em casa falava-se somente a língua alemã.⁴ Na alfabetização, foi a irmã Astrid que desempenhou o papel mais importante. Uma casa de bonecas construída pelo pai foi transformada em escola. E, assim, muitas horas foram passadas nessa cabana e muitas “aulas” a autora teve com a sua irmã.

O desejo da autora de ir para a escola sempre foi grande. Certo dia seu pai solicitou a ela que colocasse a mochila nas costas e a levou até a escola, quando tinha 4 anos. O pai explicou ao diretor o motivo da visita, e este se inclinou e disse: “Você deve esperar mais dois anos e então você poderá voltar para a escola”. Cessaram-se as perguntas naquele dia e o mundo voltou a girar novamente em torno das bonecas.

³ A pesquisadora nasceu em 1973 no município de Tuparendi – RS. Possui as nacionalidades brasileira e alemã.

⁴ A irmã Astrid foi para a 1ª Série sabendo apenas “sim” e “não” na língua brasileira. A pesquisadora aprendeu a se comunicar na língua brasileira com amigos na rua. Gostava muito de “fugir” de casa. Sua mãe sempre dedicou tempo a estar com as filhas em casa, ajudando-as nas tarefas conforme podia, devido à dificuldade com a língua nacional.

Os primeiros anos de escola foram cursados em Augusto Pestana na Escola Estadual de 1º e 2º Graus⁵ José Lange. Como filha de missionários, foi motivada a estudar música desde pequena. Aprendeu flauta doce com a mãe quando tinha 8 anos, e na mesma época aprendeu violão com um amigo da mesma idade. Aos 12 anos iniciou os estudos de piano. Gostava muito de participar das atividades religiosas na igreja de seus pais.

O 2º grau na época, hoje chamado ensino médio, a autora frequentou no Colégio Evangélico Augusto Pestana em Ijuí. Seu sonho era ser médica. Mais precisamente pediatra, ou seja, queria atender a crianças. No segundo ano do ensino médio reprovou. Um fato que aconteceu em decorrência da reprovação marcou a autora: ao reprovar seu desejo era trocar de escola, mais precisamente fugir da situação. A decisão dos pais foi que permaneceria na mesma escola e a proposta de voltar para uma escola pública não foi aceita. Só mais tarde foi possível entender o porquê dessa decisão. Na ocasião o pai fora conversar com os educadores e as educadoras para entender qual era a dificuldade da filha, e um professor particularmente falara que, “se ela fosse igual a sua irmã[...]”, querendo mencionar a diferença entre as irmãs, ou seja, alegando que a irmã era mais espontânea, perguntava mais, não levava dúvidas para casa etc. O pai relata que agradeceu e entendeu que o professor não a via como aluna e sim como irmã de outra aluna.

No terceiro ano do ensino médio (1991) ofereceram testes vocacionais na escola. Os testes mostraram novas perspectivas em relação às opções para a próxima etapa, e a opção da autora, após ter-se aconselhado e entendido quais eram suas principais afinidades, foi cursar Bacharelado em Música Sacra em Curitiba – PR. Em Curitiba (1992), no primeiro semestre, trabalhou como monitora na Escola Batista. Nos finais de semana deslocava-se até a cidade de Campo Largo, região metropolitana de Curitiba, e exercia ministério⁶ na Igreja Presbiteriana Renovada Independente.

⁵ Hoje Colégio Estadual José Lange.

⁶ O ministério consistia inicialmente em ensinar teoria musical e dirigir o coral a quatro vozes, e aos domingos ensinava na Escola Bíblica para a Classe de Adolescentes.

Em 1998 iniciou uma nova fase em sua vida, a princípio sem deixar as atividades musicais.⁷ Juntamente com duas amigas a autora organizou e constituiu uma escola de educação infantil nas dependências da igreja na qual participavam no município de Ajuricaba. Ao iniciar as atividades da escola, a autora percebeu a necessidade de buscar conhecimentos nas áreas de Educação Infantil, Administração e, conseqüentemente, de Gestão Educacional.⁸

Em 2002 iniciou-se a segunda unidade da escola de educação infantil, esta unidade localizou-se no município de Augusto Pestana, também a princípio nas dependências da igreja local na qual a autora participa. Surge então o questionamento, por parte dos pais, sobre a possibilidade da continuidade da escola. Já havia um terreno e em vista estavam as possibilidades de construção da Escola de Ensino Fundamental.⁹

Na organização dos documentos para aprovação do Ensino Fundamental, ao consultar a Coordenadoria Regional de Educação foi recebida a informação de que a pessoa responsável na direção precisava ter magistério ou ser graduada em Pedagogia. Como não possuía nenhuma das duas habilitações, a autora dispôs-se a prestar vestibular para Pedagogia. Finalizou o curso em 2005. Em 2006-2007, cursou pós-graduação em Gestão Educacional. Em novembro de 2007, participou do processo seletivo para o Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

A linha de pesquisa norteadora da dissertação foi referente a currículo e formação de educadores e educadoras. Essa linha apresenta como objetivo a formação de educadores e educadoras na educação básica e superior no que se refere a processos e produções, considerando a interação profissional na

⁷ Toda a trajetória na área musical foi relatada no trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM de Franciele Maria Anezi, com o título “Uma história a duas vozes: memórias de iniciação musical da educadora Monica Pinz Alves”, na qual a aluna, através de entrevistas, relata sua própria experiência e a da educadora no período mencionado.

⁸ Primeiramente comprou vários livros e, através das leituras, aprendeu sobre o assunto. Procurou seminários, cursos e associações e visitou muitas escolas para aprender suas dinâmicas e, com seus exemplos, criar o próprio modelo de escola. Durante esse tempo permaneceu executando todas as atividades na área musical, tendo sido admitida, em 1999, no então Seminário Batista, ministrando aulas de música em nível de graduação.

⁹ A entidade Obra Missionária Reobote, mantenedora das escolas, proveu os meios para a construção da escola de ensino fundamental através de doações oriundas da Alemanha, Suíça e do Canadá.

elaboração e no desenvolvimento de currículos, com explicitações e análises dos referenciais teóricos.

Durante o período de Mestrado, realizou estudos sobre como ocorre a formação continuada dos educadores e das educadoras e escolheu como material de análise a *Revista Nova Escola*, a qual circula entre estes, atraídos por sua diversidade de sugestões e seu preço acessível. Inquietava a autora o fato de participar de formações continuadas ou seminários para educadores e educadoras e perceber o quanto estes não estavam lá para discutir suas experiências em sala de aula e, conseqüentemente, suas práticas pedagógicas, apenas se mostrando ávidos pela busca de “receitas” para suas aulas, sempre questionando “como” e “o que” deviam fazer.

Desde 1998 a autora veio a exercer a função de Diretora do *Centro Educacional Primeiros Passos*, quando, como no relato anterior, a primeira escola de educação infantil surgiu no município de Ajuricaba, tendo posteriormente sido ampliada com as unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental no município de Augusto Pestana. Aos poucos, as atividades na área musical da autora diminuíram e as suas ex-alunas de música foram assumindo como educadores e educadoras as áreas musicais antes exercidas por ela mesma. Em 2008, após um período afastado devido aos seus estudos, a autora volta a trabalhar na Faculdade Batista Pioneira¹⁰ como educadora na área da Educação.¹¹ Em 2011 cursa pós-graduação de Teoria e Prática do Ensino de Alemão, oferecida pela Universidade Federal da Bahia em cooperação com o Goethe/UFRGS e a Universität de Kassel, Alemanha, regularizando assim a possibilidade de ministrar aulas de língua alemã.

Ao receber seguidamente laudos de psicólogos, psiquiatras ou médicos neurologistas na escola, a autora sentia-se muitas vezes sem ação. Uma nova inquietação a levou a buscar formação complementar na área, cursando Psicopedagogia Institucional e Clínica. Através do curso, o olhar sobre a aprendizagem dos educandos e das educandas levou a práticas psicopedagógicas

¹⁰ Em 2008, o então Seminário Batista passa pelo processo do MEC e torna-se a Faculdade Batista Pioneira – FBP.

¹¹ Funções da autora na FBP: professora no Curso de Teologia e Pós-Graduação em Docência no Ensino Religioso, coordenadora da Comissão Própria de Avaliação (CPA), membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE), representante docente no Colegiado de Curso e Ouvidora da instituição.

junto ao grupo de educadores e educadoras e, conseqüentemente, a buscar soluções para os educandos e as educandas que enfrentavam tais dificuldades, preparando-se para receber os educandos e as educandas com síndromes e incluí-los na sala de aula.

Na constante busca para melhorar o ensino nas escolas, as quais estavam sob sua responsabilidade, a autora buscava um material metodológico e pedagógico baseado na cosmovisão cristã. Conheceu a AECEP (Associação das Escolas Cristãs do Brasil) e a abordagem da Educação por Princípios em 2005 através de indicação. Na oportunidade conheceu um dos idealizadores e autores dessa abordagem chamada Educação por Princípios, o norte-americano Paul Jehle, e também encontrou os pioneiros e tradutores da teoria em língua brasileira. Conseqüentemente, conheceu várias escolas¹² e diretoras que afirmavam utilizar tal abordagem no Brasil, de modo que, naquela ocasião, também se associou a ela.

Ao implantar a abordagem da Educação por Princípios na escola, depara-se com novos desafios e algumas decepções. Sem abandonar a proposta, fez-se necessário adaptá-la para a realidade, o que naturalmente gerou novas inquietações. Mesmo conhecendo alguns diretores e escolas adotantes, a autora almejava a oportunidade de pesquisar a proposta da Educação por Princípios e entender como colocar em prática uma educação centrada no desenvolvimento integral do indivíduo.

Em junho de 2011 foi contemplada com a bolsa de taxas concedida pela CAPES, podendo iniciar os estudos de Doutorado, objetivando pesquisar a Educação por Princípios.¹³ Atualmente também atua como educadora convidada do CENSUPEG – Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação, e desde 2014 é membro do Conselho da AECEP.

Este trabalho tem como base a pesquisa bibliográfica como passo inicial na construção efetiva do assunto escolhido. A pesquisa bibliográfica é a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa

¹² No total são aproximadamente 120 escolas associadas à AECEP (Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios no Brasil).

¹³ A autora permaneceu na direção escolar do Centro Educacional Primeiros Passos de Ensino Básico, no qual realiza seu trabalho voluntariamente, e como professora da Faculdade Batista Pioneira de Ijuí – RS no cargo de docente do curso de Teologia e de Pós-Graduação de Ensino Religioso, durante a realização dos créditos do PPG.

revisão consiste no levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser feita através de livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

V.R.C. Boccato¹⁴ esclarece:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

A revisão de literatura tem vários objetivos, dentre os quais são citados:

a) proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento; b) facilitar a identificação e seleção dos métodos e técnicas a serem utilizados pelo pesquisador; c) oferecer subsídios para a redação da introdução e revisão da literatura e redação da discussão do trabalho científico.¹⁵ A pesquisa bibliográfica é um trabalho investigativo minucioso em busca do conhecimento e base fundamental para o todo de uma pesquisa. Portanto, a presente pesquisa é uma leitura compreensiva de autores que abordam a temática das políticas públicas brasileiras, Educação por Princípios e *Elementarisierung*¹⁶, e tem como objetivo compreender os referenciais que contemplam o objeto de estudo.

Ao introduzir a tese com o relato da própria formação da autora, intenciona-se mostrar que o mais importante não é o conhecimento de teorias, métodos e práticas pedagógicas, mas sim o conduzir ao autoconhecimento como experiência de si, produzindo relações reflexivas, o sujeito que se constrói mediante o cuidado de si. Se a educação, conforme Michel Foucault¹⁷, “é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos”, é nesse campo político que se deve buscar o cuidado do indivíduo, voltando-se para as potencialidades do

¹⁴ BOCCATO, V. R. C. *Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação*. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 266, 2006.

¹⁵ PIZZANI, L; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F. HAYASHI, M. C. P. *A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento*. Disponível em: <www.sbv.unicamp.br>. Acesso em: 13 abr. 2015.

¹⁶ Será utilizado o termo *Elementarisierung* em sua forma original na língua alemã, a fim de que não seja confundido com elementos de outras áreas.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

sujeito e não para suas fraquezas, apontadas nos exames e nas avaliações que medem simplesmente a quantidade de saber apreendido.

No primeiro capítulo serão realizadas leituras sobre os fundamentos e políticas públicas que regem a atual educação brasileira. Qual educação prepara o indivíduo para exercer o papel de cidadão do mundo, que deve ser sociável e necessita diariamente conviver com o resto do mundo? Como deve ser esse indivíduo? E o que deve contemplar a formação deste? Consequentemente, serão apresentados o entendimento sobre o pleno desenvolvimento da pessoa de acordo com a legislação vigente na educação brasileira. Zygmunt Bauman¹⁸, que ilustra a sociedade atual como uma “sociedade líquida”, contribui para a compreensão da sociedade moderna e suas influências na formação do indivíduo do século XXI.

No segundo capítulo, a partir de uma leitura compreensiva de autores que abordam a temática da Educação por Princípios, serão apresentadas definições da Educação por Princípios e uma análise da abordagem de ensino e aprendizagem da Educação por Princípios, e como esta propõe o desenvolvimento integral, corpo, alma e espírito, investigando quais elementos pedagógicos são utilizados para que tal abordagem seja colocada em prática nas escolas denominadas EP.¹⁹

O terceiro capítulo traz a abordagem da *Elementarisierung* com o objetivo de verificar a possibilidade de esta contribuir para a Educação por Princípios. A proposta educacional alemã, por sua vez, foi descrita para o trabalho no componente curricular de Ensino Religioso na Alemanha, porém, apresenta todas as suas características voltadas ao pleno desenvolvimento da pessoa. Após seus autores comprovarem sua eficácia para o componente em questão, a proposta é apresentá-la como contribuição para a Educação por Princípios, expondo, através do diálogo, seus pontos em comum com a formação integral do educando e da educanda.

No quarto capítulo faz-se necessário entender qual é o perfil do educador e da educadora que trabalhará com a abordagem da Educação por Princípios, podendo, através dessa leitura, examinar se o discurso da abordagem é uma

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Sociedade líquida*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2013.

¹⁹ EP – Educação por Princípios.

proposta de educação que consegue desenvolver os educandos e as educandas integralmente, ou seja, promover seu pleno desenvolvimento.

A educação cristã é descrita com base em Robert Pazmiño, entre outros autores, que defendem que o espírito é a presença ativa de Deus que transforma os esforços do educador e da educadora em acontecimentos transformadores de vida para os educandos e educandas. A preparação do educador e da educadora envolve o coração, o espírito ou a alma, a mente e o corpo ou a energia do educador e da educadora.²⁰

Para entender a ação do Espírito Santo sugerida pela educação cristã, será feita uma breve explanação fundamentada nos estudos do teórico James E. Loder. Finaliza-se, no último capítulo, conhecendo o perfil do educador e da educadora cristã nas suas características específicas de Identidade, Chamado e Dom.

²⁰ PAZMIÑO, Robert W. *Temas fundamentais da educação cristã*. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 23.

1. Sistema educacional brasileiro

A educação brasileira, com base na legislação educacional nacional vigente, prevê o pleno desenvolvimento do educando e da educanda. No entanto, para compreender quais são as políticas públicas que possibilitam a educação numa visão integral, é fundamental identificar os avanços e os recuos presentes no sistema educativo. A iniciativa deste estudo sobre as políticas públicas tem como objetivo contemplar, nas diretrizes nacionais, as propostas, as intervenções, os progressos e as inadequações, as que têm gerado constantes discussões e significativas mudanças no âmbito escolar.

Neste capítulo objetiva-se identificar algumas das políticas públicas presentes no sistema educacional brasileiro, a fim de buscar evidências de suas propostas e afirmações a respeito de uma educação centrada na pessoa. Os apontamentos e as reflexões expressos a seguir nesse texto constituem, nesse primeiro momento, o embasamento teórico, abordando políticas públicas educacionais vigentes, através da citação de alguns documentos legais que atuam como diretrizes na atual organização da educação brasileira.

Conhecer o que está proposto nas leis educacionais brasileiras vigentes permite entender o sistema educacional e também ideologias, metodologias e práticas desenvolvidas nas instituições escolares. A atual estrutura e o funcionamento da educação brasileira decorrem da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que, por sua vez, se vincula às diretrizes gerais da Constituição Federal de 1988, bem como às respectivas Emendas Constitucionais em vigor.

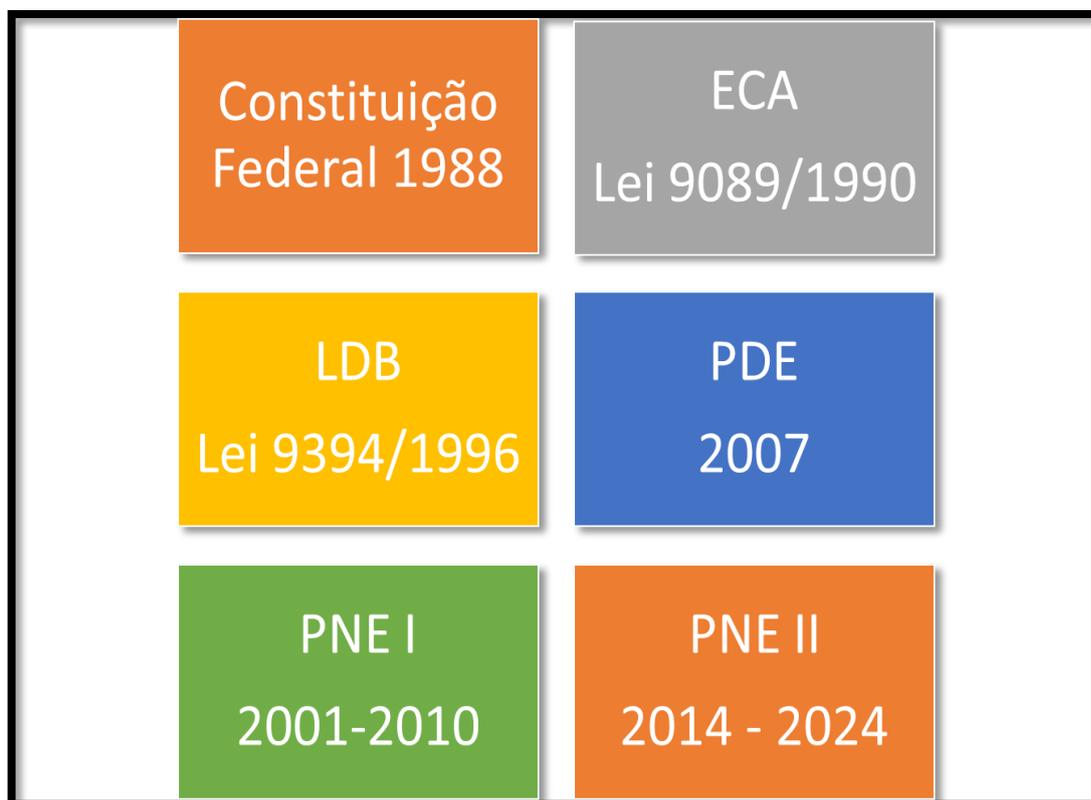


Figura 01 – Sequencia de diretrizes do Sistema Educacional Brasileiro²¹

O quadro acima demonstra a sequência das diretrizes do Sistema Educacional Brasileiro e os quais serão mencionados e descritos parcialmente neste capítulo.

A educação integral²², podendo ser entendida também como o pleno desenvolvimento dos educandos e das educandas, da qual trata esta tese, está relacionada à formação do ser humano em sua integralidade e para sua emancipação. Essa integralidade abrange aspectos físicos, psíquicos, morais, éticos, intelectuais e afetivos. Construir uma educação que emancipe e forme em uma perspectiva humana, que considere suas múltiplas dimensões e necessidades

²¹ Gráfico elaborado pela autora;

²² O termo “educação integral” utilizado nesta tese não se refere à educação integral desenvolvida no Programa Mais Educação, e sim sempre à perspectiva de que a educação deve atender a todas as dimensões do desenvolvimento humano e que este se dá como processo ao longo de toda a vida, em concordância com o termo “pleno desenvolvimento da pessoa”. A palavra “integral” significa inteiro, completo, total. Portanto, defender uma educação integral é defender uma educação completa, que pense no ser humano por inteiro, em todas as dimensões.

educativas, é a grande estratégia de melhoria da qualidade de ensino e promoção do sucesso escolar, a qual resulta na educação integral.

No art. 205 da Constituição Federal²³ verifica-se o seguinte:

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao **pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho**. (Grifo nosso.)

Criado em 1990, o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente²⁴, também prevê a garantia de direitos a crianças e adolescentes:

Art. 3º - A criança e ao adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhe facultar o **desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social**, em condições de liberdade e de dignidade. (Grifo nosso.)

Segundo o Portal Online do MEC²⁵ (Ministério da Educação) encontra-se a seguinte explanação em relação à estrutura do atual Sistema Educacional vigente no Brasil:

A atual estrutura da educação brasileira é resultado da Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB: Lei nº 9394 do ano de 1996) e do Plano Nacional de Educação (PNE), além de artigos da Constituição de 1988. A LDB rege tanto o ensino público como o privado. O sistema educacional no Brasil é estruturado por níveis e modalidades de ensino. Os níveis estão divididos em: Educação Básica (formada por 3 etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio e/ou médio profissionalizante) e Educação Superior. Já as modalidades são: a educação de jovens e adultos, educação à distância, educação tecnológica e formação profissional, educação especial, educação indígena.

A LDB define para a educação básica, ensino fundamental e médio, a carga horária mínima anual de oitocentas horas, distribuídas por duzentos dias letivos no mínimo, de efetivo trabalho escolar, sem contar o tempo reservado para os exames finais. Na educação superior, o ano letivo tem duração de no mínimo duzentos dias de efetivo trabalho acadêmico, excluído o tempo destinado aos exames finais.

Conforme a legislação educacional brasileira cabe aos municípios a oferta na educação infantil, aos Estados e Municípios a oferta do ensino fundamental, e aos Estados o Ensino médio. A União presta assistência técnica e financeira às esferas governamentais, garantindo o cumprimento do acesso à educação, dispõe de ações educativas, como a formação de professores e oferta a educação superior.

²³ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

²⁴ ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/ECA%20ATUALIZADO.pdf/view>>. Acesso em: 11 mai. 2015.

²⁵ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 7 abr. 2015.

As Leis também estabelecem competências a serem cumpridas pelos gestores e profissionais da educação, educandos e suas famílias. Dessa forma, a educação é vista como uma estrutura cujo suporte está nas ações de todas as partes envolvidas.

O que mais se espera no sistema educacional do Brasil, a partir do cumprimento de leis e do dever de cada uma das partes, é a democratização do ensino e a conseqüente Universalização da Educação, que nada mais é do que a garantia de acesso para todos a todos os níveis.

De acordo com o art. 21 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96), a educação escolar compõe-se de:

I. Educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II. Educação superior.

A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (art.22). Ela pode ser oferecida no ensino regular e nas modalidades de educação de jovens e adultos, educação especial e educação profissional, sendo que esta última pode ser também uma modalidade da educação superior. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (art. 29). A educação infantil é oferecida em creches, para crianças de zero a três anos de idade, e pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos.

Em seu artigo 32, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional²⁶ cita que a escola será responsável também pela formação básica do cidadão, após seu início no ensino fundamental obrigatório, conforme é confirmado nos incisos abaixo:

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Como está descrito na estrutura atual divulgada pelo MEC, as políticas públicas brasileiras regem ambas as esferas da educação: instituições públicas e privadas. Tanto uma como a outra possuem uma comunidade escolar, composta por equipe de gestão, educadores e educadoras, educandos e educandas, pais e comunidade em que estão inseridos. Da mesma forma os documentos preveem o

²⁶ BRASIL. Lei n. 9.394 *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Promulgada em 20 de dezembro de 1996. Editora do Brasil, p. 15.

acesso de todos à educação e o seu pleno desenvolvimento, ou seja, formação integral, independente de nível de ensino em que se encontrem.

Apesar da compreensão dos documentos legais apresentados acima, existe distanciamento do que é visto e ouvido em relação ao dia a dia nas instituições, conforme é possível verificar, de uma forma visual, na charge abaixo, apresentando a busca pelas habilidades e competências de forma igualitária.



Figura 2: Imagem Sistema Educacional Brasileiro²⁷

Diante de tal incoerência, percebe-se que há necessidade de que ocorram algumas mudanças nas propostas das políticas públicas educacionais brasileiras, a começar pela Lei de Diretrizes e Bases, que vem sofrendo emendas e não recebe

²⁷ PIRES, Artur. *Lei de Cotas nas universidades federais: passo gigantesco da educação brasileira*. Disponível em: <<http://impressoesmundanas.blogspot.com.br/2012/08/lei-de-cotas-nas-universidades-federais.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

novas propostas há cerca de vinte anos. As políticas públicas necessitam ser colocadas em prática para que haja menos padronizações de educandos e educandas, apresentando uma realidade em que são “fabricados” nos moldes tradicionais e, muitas vezes, sequer conhecem algo a respeito de leis de ensino.

1.1. Políticas públicas educacionais brasileiras

São conhecidos como “políticas públicas” os conjuntos de disposições, medidas e procedimentos que realizam a orientação política do Estado e regulamentam as atividades governamentais, ou seja, todas as ações do governo, divididas em atividades diretas de produção de serviços pelo próprio Estado e em atividades de regulação de outros agentes.

Verifica-se uma política pública como ações sociais coletivas que visam a orientação e a garantia de direitos perante a sociedade²⁸, a qual consequentemente envolve compromissos e decisões com determinadas finalidades. Para uma melhor compreensão, é relevante ter-se conhecimento de como são definidas algumas dessas atividades que fazem parte do planejamento das políticas e instruções governamentais.

O conceito de programa, de acordo com Silva²⁹, consiste em um conjunto de atividades constituídas para serem realizadas dentro de cronograma e orçamento específicos, disponíveis para a implementação de políticas ou para a criação de condições que permitam o alcance de metas políticas desejáveis. Já o projeto é um instrumento de programação para alcançar os objetivos de um programa, envolvendo um conjunto de operações, limitadas no tempo, das quais resulta um produto final que concorre para a expansão ou o aperfeiçoamento da ação do governo. Quando essas operações se realizam de modo contínuo ou permanente, são denominadas “atividades”.³⁰

²⁸ *Políticas Públicas na Educação*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABDokAF/politicas-publicas-na-educacao>>. Acesso em 28 jan. 2015.

²⁹ SILVA, Pedro L. B.; COSTA, Nilson R. *A avaliação de programas públicos: reflexões sobre a experiência brasileira*. Relatório Técnico. Cooperação Técnica BID-IPEA. Brasília, IPEA, 2002, p. 18.

³⁰ GARCIA, Ronaldo C. *Avaliação de ações governamentais: pontos para um começo de conversa*. Brasília, IPEA/CENDEC, out. 1997, p. 6.

Celina Souza³¹ descreve uma das principais definições sobre políticas públicas:

Campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações e ou entender por que ou como as ações tomaram certo rumo em lugar de outro (variável dependente). Em outras palavras, o processo de formulação de política pública é aquele através do qual os governos traduzem seus propósitos em programas e ações, que produzirão resultados ou as mudanças desejadas no mundo real.

A educação vai além do ambiente escolar, envolvendo tudo o que se aprende socialmente, seja na família, na escola, no trabalho, na rua, no teatro, como resultado do ensino, da observação e da construção, e a educação escolar faz parte de um sistema que é fruto de políticas públicas. Portanto, políticas públicas educacionais dizem respeito às decisões do governo que têm incidência no ambiente escolar como ambiente de ensino-aprendizagem. Um dos exemplos de políticas públicas é a LDB³².

As ações governamentais são planejadas sempre com objetivos, metas, efeitos e efetividade. Todas as ações promovidas como políticas públicas têm como objetivo melhorar a qualidade da educação no Brasil. Afirmção confirmada por Eneida Oto Shiroma, Maria Célia Marcondes de Moraes e Olinda Evangelista quando definem conceito de políticas:

O conceito de política encadeou-se, assim, ao do poder do Estado – ou sociedade política – em atuar, proibir, ordenar, planejar, legislar, intervir, com efeitos vinculadores a um grupo social definido e ao exercício do domínio exclusivo sobre um território e da defesa de suas fronteiras.³³

Maria Abádia Silva também contribui afirmando que

[...] políticas refere-se ao conjunto de atos, de medidas e direcionamentos abrangentes e internacionais, estabelecidos no campo econômico e estendidos à educação pública pelo Banco Mundial, dirigidas aos Estados da América Latina e assumidos pelos governos locais, que tratam de disciplinar, de ordenar e de imprimir a direção que se deseja para a educação nacional.³⁴

³¹ SOUZA, Celina. *Políticas públicas: questões temáticas e de pesquisa*. Caderno CRH, Salvador, n. 39, jul./dez. 2003, p. 13.

³² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)

³³ SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda (Orgs.). *Política educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 7.

³⁴ SILVA, Maria Abádia. *Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial*. Campinas, SP: Autores Associados, Fapesp, 2002, p. 7.

Não há como ignorar que o sistema de ensino do Brasil, desde suas origens, tem enfrentado sérios problemas de estrutura e organização, o que põe dificuldades adicionais para as ações de qualificação da educação no país. José Carlos Libâneo menciona duas importantes razões para conhecer e analisar as relações entre o sistema educativo e as escolas:

[...] de um lado, as políticas educacionais e as diretrizes organizacionais e curriculares são portadoras de intencionalidades, ideias, valores, atitudes e práticas que vão influenciar as escolas e seus profissionais na configuração das práticas formativas dos alunos, determinando um tipo de sujeito a ser educado, de outro lado, os profissionais das escolas podem aderir ou resistir a tais políticas e diretrizes do sistema escolar, ou então dialogar com elas e formular, coletivamente, práticas formativas e inovadoras em razão de outro tipo de sujeito a ser educado.³⁵

Da mesma forma como ocorreram as reformas educativas nos países do mundo europeu e americano³⁶, as políticas educacionais e organizativas vigentes no Brasil devem ser compreendidas no contexto das transformações econômicas, políticas, culturais e geográficas as quais têm sido chamadas de globalização.³⁷ Os acontecimentos do mundo atual afetam a educação escolar. A instituição escolar já não é considerada o único meio ou o meio mais eficiente e ágil de socialização dos conhecimentos técnicos e científicos, de desenvolvimento de habilidades cognitivas e de competências sociais requeridas para a vida prática.³⁸

É evidente que as pessoas aprendem no ambiente de trabalho, na televisão, na rua, nos centros de informação, nos vídeos, na Internet, ampliando assim os espaços de aprendizagem. Por isso, segundo Libâneo a escola de hoje precisa não apenas conviver com outras modalidades de educação não formal, informal e profissional, mas articular-se e integrar-se a elas a fim de formar cidadãos mais preparados e qualificados para um novo tempo.³⁹

Com base nesta visão de políticas públicas educacionais vigentes no Brasil, volta-se para o objeto desta pesquisa: O que se entende por “pleno desenvolvimento da pessoa” neste novo tempo? Conforme já citado, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o pleno desenvolvimento, num primeiro

³⁵ LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Editora Cortez, 2. ed. 2005. p. 31.

³⁶ LIBÂNEO, 2005, p. 33.

³⁷ Esse termo sugere a ideia de que as pessoas estão em meio a um acelerado processo de integração e de reestruturação capitalista.

³⁸ LIBÂNEO, 2005, p. 52.

³⁹ LIBÂNEO, 2005, p. 53.

momento, depende de que a escola ofereça condições para que este venha ocorrer. Somente a partir do momento em que a pessoa se pode desenvolver plenamente é que tem condições de se sentir realizada.

Vitor Henrique Paro, Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica PUC de São Paulo – PUC-SP, alerta que o pleno desenvolvimento de uma criança não é passível de ocorrer apenas com o conhecimento adquirido nas disciplinas escolares. Segundo Paro:

Esses objetivos só podem ser alcançados quando a educação se realiza de forma plena, como apropriação da cultura historicamente produzida. E a cultura não se compõe apenas de conhecimentos e informações, mas também de valores, crenças, ciência, arte, tecnologia, filosofia, direito, costumes, tudo enfim que o homem produz em sua diferenciação do mundo meramente natural.⁴⁰

Frequentemente é discutida a temática de que somente por meio da educação o Brasil será um país mais desenvolvido e, principalmente, mais igualitário. Muitos são os encontros, congressos, conferências que analisam a importância da educação para a qualidade de vida de todos os brasileiros e sobre ela refletem.

Um destes eventos foi a “Conferência Mundial de Educação para Todos” que aconteceu na Tailândia, na década de 1990, convocada por Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, PNUD e pelo Banco Mundial, com o objetivo de discutir as necessidades básicas da aprendizagem dos educandos e das educandas. Sua proposta era focalizar a aprendizagem e não o ensino, levando em conta as necessidades básicas de aprendizagem de diferentes grupos e o estabelecimento de políticas que articulassem diversas formas de educação. Foram então abordados sete aspectos de necessidades básicas da educação, sendo eles: sobrevivência, desenvolvimento das próprias capacidades, vida e trabalho dignos, participação democrática, melhoramento da qualidade de vida, tomada de decisões e aprendizagem permanente.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.cortezeditora.com.br/artigos/artigovitorparo.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

Na da conferência mundial⁴¹ criou-se o programa *Todos Pela Educação* (TPE). Trata-se de uma aliança multisetorial entre iniciativa privada, organizações sociais, educadores, educadoras e gestores públicos de educação, com o objetivo de garantir uma educação básica de qualidade para todos os brasileiros até 2022, bicentenário da Independência do país. Para alcançar a educação de qualidade de que o Brasil precisa, objetivo maior do programa Todos Pela Educação, foram definidas cinco metas⁴² específicas, compreensíveis e focadas em resultados mensuráveis.

A primeira meta do programa “Todos Pela Educação” afirma que todos os educandos e as educandas com idades entre 4 e 17 anos devem, obrigatoriamente, frequentar a escola, visto que assim se reduz a evasão escolar e existe a possibilidade de que esses educandos e educandas concluam a Educação Básica. A meta número dois refere-se à alfabetização de todos os educandos e as educandas até seus 8 anos de idade, pois muitos iniciam sua vida escolar apenas nessa faixa etária. A terceira meta trata de que todo educandos e educandas deve ter direito a um aprendizado adequado a sua série. Já a meta número quatro requer que todo educandos e educandas conclua o Ensino Médio até os 19 anos de idade. A quinta e última meta, elaborada no âmbito do programa Todos Pela Educação, trata dos investimentos em educação, que devem ser ampliados e bem geridos.

Para algumas das metas acima expostas já foram criadas políticas públicas para que as mesmas sejam alcançadas. Um exemplo disso é a Lei do Ensino Fundamental de Nove Anos, a qual leva a obrigatoriedade que crianças com 6 anos de idade completos estejam matriculadas no ensino regular e se alfabetizem até os 8 anos, conforme previsto na segunda meta.

Percebe-se que o atual Plano de Educação Brasileiro é extremamente bem elaborado, amplo e preocupado com a qualidade do ensino e aprendizagem dos educandos e das educandas. Ele ressalta também que o programa Todos Pela Educação não é um projeto de uma organização específica e sim um projeto para a Nação, pois suas metas são imprescindíveis para a educação. Acredita-se numa

⁴¹ Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/visaohistorica.pdf>> (p. 31). Acesso em: 10 mar. 2015.

⁴² *Todos pela Educação*. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/indicadores-da-educacao/5-metas>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

união de esforços em que cada cidadão ou instituição é corresponsável e se mobiliza, em sua área de atuação, para que todas as crianças e todos os jovens tenham acesso a uma educação de qualidade.

Todos os anos há preocupações em relação às políticas públicas que elevem o nível educacional do seu povo. O país marcou história com a criação do FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), fundado entre 1996 e 1998, o qual resulta em investimento financeiro para melhorias na infraestrutura das instituições de ensino públicas e também na formação dos educadores e das educadoras. Em 2007 ocorre a criação do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação). O fundo é composto, na quase totalidade, por recursos dos próprios Estados, Distrito Federal e Municípios, sendo constituído de: contribuição de Estados, DF e municípios, sobre os recursos que já faziam parte da composição financeira do FUNDEF⁴³.

O país criou, nas últimas décadas, várias políticas públicas em prol da melhoria da qualidade da educação, com poucos resultados visíveis na prática. Mesmo atuando na transmissão de ideologias ou sendo entendida como ação transformadora da sociedade, a educação sempre objetiva o desenvolvimento do homem e da mulher, sua integração e sua participação na sociedade.

Toda ação que prevê mudanças na educação brasileira passa por gestores educacionais, educadores e educadoras, pois são eles que efetivamente colocarão em prática ações que envolvem saberes, valores e atitudes que auxiliem na formação de cidadãos capazes de influenciar e modificar o país.

Na LDB 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) são encontrados muitos aspectos importantes em relação ao educando e à educanda (seus direitos e deveres na educação) e também em relação aos educadores e às educadoras. Essa lei foi discutida e aprovada após a promulgação da Constituição de 1988, advinda de um longo processo de disputas políticas na Câmara de Deputados e no Senado. Esperava-se uma direção em relação ao profissional da educação. Porém, ao lê-la pode-se encontrar expressa, de forma subjetiva, a

⁴³ FUNDEB - *Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação* Disponível em: <<http://www.educacao.ma.gov.br/Documentos/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Secretaria%20Nacional%20do%20Tesouro.PDF>> Acesso em: 7 set. 2015.

condição adequada de trabalho (art. 67, inciso VI), no entanto, sem o esclarecimento das condições mínimas para que o docente realize satisfatoriamente a sua atividade educacional. Dessa forma, também na legislação vigente há dificuldades para efetivar condições objetivas e subjetivas do trabalho docente.

Primeiramente em 2001 criou-se o Plano Nacional da Educação – PNE 10.172/2001 - como resultado da pressão da sociedade que, por iniciativa de sindicatos, educadores e educadoras, estudantes, pais, comunidade e com o apoio de alguns parlamentares, reivindica soluções para a atual situação da educação. Na ocasião o plano foi denominado PNE da Sociedade Brasileira. Ao ser enviado para o Congresso, o governo retirou da gaveta o seu próprio projeto, anexando-o a esse de iniciativa popular. Na época, o PNE do governo expressava a política capitalista neoliberal, enquanto que o PNE da Sociedade Brasileira buscava fortalecer a escola pública e a democratização da gestão escolar.

Considerando de extrema importância o conhecimento do conteúdo de ensino por parte do educador e da educadora para posteriores constatações neste trabalho, transcreve-se parte do documento que ressalta a importância do educador e da educadora e sua carreira de magistério, apresentado na primeira etapa do PNE (2001-2010):

Esforços dos sistemas de ensino e, especificamente, das instituições formadoras em qualificar e formar professores tem se tornado pouco eficazes para produzir a melhoria da qualidade do ensino por meio de formação inicial porque muitos professores se deparam com uma realidade muitas vezes desanimadora. Ano após ano, grande número de professores abandona o magistério devido aos baixos salários e às condições de trabalho nas escolas. Formar mais e melhor os profissionais do magistério é apenas uma parte da tarefa. É preciso criar condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico. É preciso que os professores possam vislumbrar perspectivas de crescimento profissional e de continuidade de seu processo de formação. Se, de um lado, há que se repensar a própria formação, em vista dos desafios presentes e das novas exigências no campo da educação, que exige profissionais cada vez mais qualificados e permanentemente atualizados, desde a educação infantil até a educação superior (e isso não é uma questão meramente técnica de oferta de maior número de cursos de formação inicial e de cursos de formação inicial e de cursos de qualificação em serviço) por outro lado é fundamental manter na rede de ensino e com perspectivas de aperfeiçoamento constante os bons profissionais do magistério. Salário digno e carreira de magistério entra,

aqui, como componentes essenciais. Avaliação de desempenho também tem importância, nesse contexto.⁴⁴

O trecho acima retrata alguns dos muitos problemas, destacados na época da criação do PNE, com o docente, tornando muitas vezes difíceis as mudanças em termos de educação integral do indivíduo. Muitos educadores e muitas educadoras estão abandonando sua carreira, outros não se atualizam nem concluem uma licenciatura, atuando somente com o curso normal (magistério). Realmente, bons salários, formação continuada e plano de carreira podem e devem existir para motivar o profissional na busca constante pela qualidade de sua atividade exercida.

Em 2010 aconteceu um dos eventos mais importantes para o futuro da educação brasileira, realizado em Brasília de 28 de março a 1º de abril: a Conferência Nacional de Educação – CONAE, um espaço de discussão sobre os rumos que o país devia tomar em todos os níveis de ensino. Dessa conferência saíram as diretrizes que deram origem ao Plano Nacional de Educação (PNE) de 2011, documento que organiza prioridades e propõe metas a serem alcançadas nos dez anos seguintes. "O PNE traça os objetivos, mas sua implementação é responsabilidade dos diferentes níveis de governo, que precisam criar planos de ação", diz Francisco das Chagas Fernandes, secretário-executivo do Ministério da Educação (MEC) e coordenador geral da comissão organizadora da Conae.⁴⁵

Há tempos não se via tamanha mobilização em torno de um projeto de lei como o que ocorreu com o Plano Nacional de Educação (PNE), que tem 2.915 propostas de emendas. Um sinal do interesse em fazer a Educação brasileira avançar, além de tentar remendar o PNE anterior com suas metas que não têm critérios de avaliação claros e são amplas demais, como a de número dezessete: "Valorizar o Magistério público da Educação Básica a fim de aproximar o rendimento médio do profissional do Magistério com mais de onze anos de

⁴⁴ PNE, 2011, IV – MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2015.

⁴⁵ MOÇO, Anderson. *Balanço do Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/legislacao/pne-plano-nacional-de-educacao-537431.shtml>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

escolaridade do rendimento médio dos demais profissionais com escolaridade equivalente”.⁴⁶

As políticas públicas permanecem em avanço, e a prova disso está na organização municipal dos planos de educação desde 2014. O Ministério de Educação, por meio da Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE), trabalha para apoiar os diferentes entes federativos no desafio de alinhar os planos ao PNE.⁴⁷

Não é intenção abordar aqui os detalhes do processo da criação do Plano Nacional de Educação (PNE) e nem se deter nos avanços da construção do mesmo, ou nas fragilidades passíveis de se detectar, mas tão-somente apresentar sua relevância em termos de política pública para o docente brasileiro e entender como a legislação da conta do direito de todo educando e educanda ao pleno desenvolvimento.

O Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), proposto no segundo mandato do governo Lula, busca a melhoria da educação brasileira através da priorização de “uma educação básica de qualidade”, com a justificativa de que

[...] investir na educação básica significa investir na educação profissional e na educação superior, porque elas estão ligadas, direta ou indiretamente. Significa também envolver todos, pais, alunos, professores e gestores, em iniciativas que busquem o sucesso e a permanência do aluno na escola.⁴⁸

De certa forma percebe-se que surge uma “nova” política, mas com um “velho” discurso. Também não deixa claros os meios de efetivação da tão mencionada educação de qualidade, ou seja, as condições para o trabalho do educador e da educadora no dia a dia na escola. Lamentavelmente, tais condições não são pensadas nestas normatizações, e se são acabam não sendo estabelecidas.

Nos documentos normativos pesquisados e apresentados nesta tese, há um esforço para conduzir a uma qualidade na educação, a qual deve contribuir para o desenvolvimento pleno e integral dos educandos e das educandas. A sociedade a exige, e aos docentes cabe a responsabilidade de efetuar-la, porém, como já

⁴⁶ PAGANOTTI, Ivan. *Novo PNE: muitas emendas podem piorar o soneto*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/novo-pne-muitas-emendas-podem-piorar-soneto-639756.shtml>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

⁴⁷ *Plano Nacional da Educação*. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

⁴⁸ Cf. PDE, 2007.

citado anteriormente, é preciso compreender o que envolve uma educação de qualidade centrada na pessoa. Segundo Edgar Morin⁴⁹, três são as variáveis, duas das quais estão diretamente relacionadas ao educador e à educadora:

Uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infraestrutura adequada, atualizada, confortável; com tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas. Uma organização que congregue docentes bem preparados intelectual, emocional, comunicacional e eticamente; bem remunerados, motivados e com boas condições profissionais, e onde haja circunstâncias favoráveis a uma relação efetiva com os alunos que facilite conhecê-los, acompanhá-los, orientá-los.

A educação envolve o desenvolvimento de todas as dimensões e características humanas, seja a cortesia, o respeito, a atitude e o conhecimento. Em termos gerais, a educação sempre está ligada ao conhecimento, a atitudes e valores. Mas para que todas as razões acima, como o respeito mútuo, a justiça, a solidariedade e a igualdade sejam praticadas, é preciso, sem dúvida, um sistema educacional que cumpra com a sua proposta.

1.2. Quatro pilares da educação

As políticas públicas educacionais expõem o desafio da educação para buscar a autonomia do educando e da educanda, possibilitando a construção da capacidade de se relacionar consigo mesmos, com os outros e com o mundo. É na escola o local ideal para aprimorar esse potencial de viver juntos, de alcançar objetivos comuns, criando habilidades de relacionamentos e de difundir práticas de solidariedade e cooperação.⁵⁰

Neste contexto a UNESCO estabeleceu, em 1993, a Comissão Internacional de Educação para o Século XX⁵¹, a fim de dar respostas a estes desafios da educação. Essa comissão foi presidida por Jacques Delors e por um grupo de especialistas e pedagogos de várias partes do mundo, que, como

⁴⁹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Cortez, 2001, p. 14.

⁵⁰ NUNES, Antonio Ozório. *Como restaurar a paz nas escolas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 31.

⁵¹ NUNES, 2011, p. 31.

resultado, produziram um relatório com sugestões e recomendações o qual passou a ser conhecido como “Relatório Delors”.⁵²

Este relatório destacou-se na área da Educação em várias partes do planeta. Sua defesa é em prol da organização da educação com base em quatro princípios (os pilares do conhecimento), os quais interagem, são interdependentes e se fundamentam numa concepção de totalidade dialética do sujeito.⁵³

A figura⁵⁴ abaixo permite visualizar os quatro pilares da Educação de Jacques Delors. O relatório foi editado em forma de livro: *Educação: um tesouro a descobrir*, de 1999 e reeditado pela Editora Cortez em 2012.⁵⁵



Figura 3: Os Quatro pilares da Educação.

⁵² NUNES, 2011, p. 31.

⁵³ NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. 4. ed. Ver. Brasília: Unesco/Fundação Vale, 2008. In: NUNES, 2011, p. 31.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.joseeduardomattos.com.br/quais%20sao%20os%20quatro%20pilares%20da%20educacao.html>. Acesso em: 25 jan. 2015.

⁵⁵ DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Internacional sobre Educação para o Século XXI*. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

Da aprendizagem dos quatro pilares é possível visualizar uma visão integral de educação, que se dirige à totalidade do ser humano e não apenas a um de seus aspectos, numa verdadeira mudança de paradigmas.⁵⁶ Trazem à luz a educação no sentido amplo e completo, para além dos limites da sala de aula.⁵⁷

O relatório tem como objetivo mostrar a importância de uma educação também voltada para os princípios, valores e virtudes que devem ser semeados em cada criança e jovem, conforme a figura acima, no que diz respeito ao “exemplo de habilidades”. Através desses objetivos visa-se à mudança de atitudes e comportamentos, sendo o ponto de partida a construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações. Mais do que saber, é preciso aprender a ser. Precisa-se educar para que os educandos e as educandas aprendam a ser.

Segundo Izabel Fernandez⁵⁸, a escola precisa ensinar para a vida, e isso pressupõe preparar as crianças e os jovens com um conjunto de habilidades sociais e de instrumentos necessários para que possam desenvolver uma equilibrada autoestima, tomar decisões responsáveis, relacionar-se adequadamente com os demais, resolver conflitos de forma positiva e adequada entre outros.

Enquanto o Brasil caminhava rumo à implantação e à execução de sua nova LDB, o mundo discutia a educação a partir das perspectivas descritas acima. O estudo destes quatro pilares chegou até os educadores e as educadoras brasileiros, que na época se deslumbravam com as informações deste relatório. Muito se ouvia e discutia a respeito dos pilares, mas era visível sobretudo uma maravilhosa proposta educacional, que poderia dar início a uma nova metodologia e, em consonância com a LDB, proporcionaria uma educação melhor, que desenvolveria plenamente o educando e a educanda.

Perceberam-se mudanças teóricas em relação à educação brasileira, mas ao mesmo tempo constatou-se que a legislação não tem força para mudar qualitativamente um sistema, embora a sociedade civil tenha contribuído com

⁵⁶ NUNES, 2011, p. 32.

⁵⁷ NOLETO, 2008, p. 30.

⁵⁸ FERNANDEZ, Isabel. *Prevenção da violência e solução de conflito: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005.

muitas iniciativas para transformá-la. Talvez o maior desafio colocado à educação seja o de transformá-la em um espaço de educação que integre os quatro pilares.⁵⁹

A transmissão, de forma clara e eficaz, da informação e da comunicação, adaptadas à civilização cognitiva, acreditando ser essa a base das competências do futuro, é um dos maiores desafios para a educação. Ao mesmo tempo o ensino, ao informar, precisa orientar para o desenvolvimento individual e coletivo, sem que os educandos e as educandas se sintam “ilhados” pelo número de informações.

Para compreender o pensamento acima, é necessário discorrer brevemente sobre cada aprendizagem da educação descrito neste relatório e entender assim a essência dos mesmos, lembrando que a educação deve organizar-se em torno destas quatro aprendizagens fundamentais, que ao longo da vida humana serão denominados “pilares do conhecimento”.

Seguem, na íntegra, as pistas e recomendações indicadas por Delors.⁶⁰

Elas basicamente sintetizam o significado de cada aprendizagem:

- ✓A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.
- ✓*Aprender a conhecer*, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.
- ✓*Aprender a fazer*, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes; quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional; quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.
- ✓*Aprender a viver juntos* desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- ✓*Aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.
- ✓Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de

⁵⁹ A leitura da realidade mencionada neste parágrafo é baseada na experiência profissional da autora como educadora.

⁶⁰ DELORS, Jacques *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Editora Cortez-UNESCO, p. 101-102, 1998. A transcrição referida é literal.

aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.

A educação deve ser pensada e planejada e, para que venha a ocorrer em todas as fases da vida, a aprendizagem deve ser encarada como um meio e uma finalidade da vida humana. Pode-se entender como um meio porque cada um aprende a compreender o mundo que o cerca, na medida em que lhe é necessário, e como finalidade porque o seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Jacques Delors menciona no relatório que:

A tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes, que permitem compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia a capacidade de discernir.⁶¹

Portanto, através desta afirmação é possível entender que o conhecimento é múltiplo e evolui infinitamente, tornando-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo. Aprender para conhecer, antes de tudo, ou, como a expressão é mais conhecida, “aprender a aprender”, exercita a atenção, a memória e, sobretudo, o pensamento.

A segunda aprendizagem está mais estreitamente ligada à questão da formação profissional: como ensinar o educando e a educanda a pôr em prática seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução?⁶²

Nas sociedades assalariadas que se desenvolvem a partir do modelo industrial ao longo do século XX, a substituição do trabalho humano pelas máquinas tornou as tarefas cada vez mais imateriais e acentuou seu caráter cognitivo, por isso aprender a fazer não deve limitar o ensino a apenas uma tarefa material bem definida.⁶³

As tarefas puramente físicas são substituídas por tarefas de produção mais intelectuais ou mentais, como o comando de máquinas, a sua manutenção e sua vigilância, ou por tarefas de concepção, de estudo e de

⁶¹ DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir* – Relatório para a Unesco da Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012, p. 74.

⁶² DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Disponível em: <<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014. p. 93.

⁶³ DELORS, 2012, p. 76.

organização, à medida que as máquinas também se tornam mais “inteligentes”, e que o trabalho se “desmaterializa”.⁶⁴

Percebe-se aqui o quanto o progresso técnico modifica as qualificações exigidas pelos novos processos de produção. Dentre essas qualificações estão as capacidades de se comunicar, de trabalhar com os outros, de gerenciar e de resolver conflitos, as quais se tornaram atualmente imprescindíveis principalmente no desenvolvimento do setor de serviços.

Desta forma, a “desmaterialização” da aprendizagem aumenta a economia voltada para o setor de serviços. Esse setor altamente diversificado define-se, sobretudo, pela negativa: seus membros não são nem industriais nem produtores agrícolas e, apesar da sua diversidade, têm em comum o fato de não produzirem bens materiais. Muitos serviços definem-se principalmente em função das relações interpessoais a que dão origem.

O desenvolvimento do setor terciário exige, pois, cultivar qualidades humanas que as informações tradicionais não transmitem, necessariamente, e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas.⁶⁵

Assim, as relações interpessoais mostram-se cada vez mais importantes para a solidificação de uma educação que traga a criticidade ao educando e à educanda. Aprender a viver na diferença, gerindo conflitos pautados no respeito e em valores, compreensão mútua e paz, é o terceiro pilar apresentado. Levar as pessoas a tomarem consciência das semelhanças e da interdependência de todos os seres humanos, de maneira que possam participar de projetos comuns com prazer e fraternidade.

Sem dúvida esta aprendizagem representa um dos maiores desafios da atualidade. O mundo atual está repleto de violência, em oposição à esperança que alguns têm no progresso da humanidade. Sobre isso, Jaques Delors orienta:

É de se louvar a ideia de ensinar a não violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para se combater os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, naturalmente, os seres humanos têm a tendência de supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que atualmente caracteriza a atividade econômica no interior de cada país e, sobretudo no nível internacional, tende a dar prioridade ao espírito de composição e ao sucesso individual. De fato, essa competição

⁶⁴ DELORS, 2012, p. 76.

⁶⁵ DELORS, 2012, p. 77.

resulta, na atualidade, em uma guerra econômica implacável e em uma tensão entre os mais e os menos favorecidos, que divide os países do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de se lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar esse clima, devido a uma má interpretação da ideia de emulação.⁶⁶

Sugere-se que a educação utilize duas vias complementares. Primeiramente a descoberta progressiva do outro e, num segundo momento, ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, tendo esse método o intuito de evitar ou resolver os conflitos latentes.

Uma vez que a descoberta do outro passa, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e pelo fato de que deve dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela fornecida pela família, pela comunidade ou pela escola, deve, antes de mais nada, ajudá-los a descobrir-se a si mesmos.⁶⁷

Esta aprendizagem leva a entender que o conhecimento de outros grupos étnicos e/ou religiosos leva a uma perspectiva que evita atritos, os quais muitas vezes têm produzido ódio entre adultos. Assim como o ensino da história das religiões ou dos costumes pode servir de referência vantajosa para futuros comportamentos.

Outra característica deste pilar é a valorização da coletividade em detrimento da individualidade. As diferenças, e até mesmo os conflitos interindividuais, tendem a se reduzir quando jovens trabalham conjuntamente em projetos motivadores.

A aprendizagem precisa ser plena, integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo, de maneira que forme um indivíduo como pessoa e membro da sociedade. Deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade, explicitando o papel do cidadão e o objetivo de viver.

Acredita-se que todo ser humano necessite receber uma educação que lhe dê subsídios para despertar o pensamento crítico e autônomo, formar seus valores morais e também ser autônomo intelectualmente.

A diversidade de personalidades, a autonomia e o espírito de iniciativa, até mesmo o gozo pela provocação, são suportes da criatividade e da inovação. O que poderia parecer apenas como uma forma de defesa do

⁶⁶ DELORS, 2012, p. 79.

⁶⁷ DELORS, 2012, p. 8.

indivíduo perante a um sistema alienante ou considerado como hostil, é também por vezes a melhor oportunidade de progresso para as sociedades.⁶⁸

Com base na afirmação acima pode-se concluir que o papel essencial da educação é proporcionar a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, o discernimento, os sentimentos e a imaginação para desenvolver os seus talentos e assim poder traçar, tanto quanto lhes for possível, seu próprio destino.

Na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar um lugar mais importante do que aquele lhes é concedido, em muitos países, por uma espécie de ensino tomado mais utilitarista do que cultural. Além disso, a preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade deveria também revalorizar a cultura oral e os conhecimentos retirados da experiência da criança e do adulto. (...) Esse desenvolvimento do ser humano, que se realiza desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Nesse sentido, a educação é, antes de mais nada, uma viagem interior, cujas etapas correspondem à da maturação contínua da personalidade.⁶⁹

Infelizmente, apesar de este relatório ter sido apresentado no final do século XX, vários anos se passaram e ainda é possível visualizar o ensino apoiando-se em apenas um dos pilares: aprender a conhecer, e, em menor escala, no aprender a fazer. Os outros dois pilares ou são negligenciados, ou são subentendidos como prolongamentos naturais dos dois primeiros. Delors entende o ensino estruturado a fim de que a educação surja como uma experiência global a ser concretizada ao longo de toda a vida, tanto no plano cognitivo quanto no prático.⁷⁰

Apesar da dificuldade de cumprir com a proposta do relatório descrito acima, é possível detectar tentativas de acertos ou cumprimento da proposta. Uma das políticas públicas vigentes apresentadas recentemente é criada como uma proposta do Plano Nacional de Educação: o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.⁷¹ Conforme já foi visualizado na proposta pedagógica da LDB 9394/96, o objetivo é estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, sempre proporcionando, conforme o segundo artigo, o pleno desenvolvimento do

⁶⁸ DELORS, 2012, p. 81.

⁶⁹ DELORS, 2012, p. 82.

⁷⁰ DELORS, 2012, p. 74.

⁷¹ A autora julga importante trazer essa proposta metodológica para o diálogo devido à repercussão do Pacto entre os educadores e as educadoras públicos com os quais a mesma tem contato durante as suas aulas na pós-graduação.

educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.⁷²

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os 8 anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.⁷³ Apresenta-se esse período porque se tem a compreensão de que, aos 8 anos de idade, os educandos e as educandas precisam estar aptos ao funcionamento do sistema da escrita, ao domínio das correspondências grafônicas, à fluência de leitura e ao domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos.

São considerados quatro princípios centrais ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico:

1.O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador; 2. O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias; 3. Conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade; 4. A ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem.⁷⁴

A visão desta proposta é a de que a alfabetização seja considerada uma das prioridades nacionais, entendendo que o educador e a educadora e o alfabetizador e a alfabetizadora têm a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Porém, para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico, mas sim estar ciente de qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática.⁷⁵

Sendo uma proposta oriunda do governo, o mesmo compromete-se com a mesma para alfabetizar todas as crianças em língua portuguesa e matemática; realizar avaliações anuais universais, aplicadas pelo INEP, junto aos concluintes do 3º ano do Ensino Fundamental; no caso dos estados, apoiar os municípios que

⁷² LDB.

⁷³ Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

⁷⁴ Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁷⁵ Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

tenham aderido às Ações do Pacto, para sua efetiva implementação. As Ações do Pacto, por sua vez, apoiam-se em quatro eixos de atuação;⁷⁶

1. Formação continuada para os educadores e as educadoras alfabetizadores e seus orientadores de estudo: curso presencial de dois anos para os educadores e as educadoras alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Os encontros com os educadores e as educadoras alfabetizadores serão conduzidos por Orientadores de Estudo.

2. Materiais didáticos, obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais: além de novos conteúdos para alfabetização, também foi previsto o aumento da quantidade de livros e jogos entregues às escolas, pois cada turma receberá um acervo, podendo criar uma biblioteca acessível a crianças e educadores e educadoras na própria sala de aula.

3. Avaliações sistemáticas: a avaliação é proposta por reflexões e sugestões – caderno com reflexões sobre a avaliação e sugestões de atividades de diagnóstico e de acompanhamento dos processos de aprendizagem.

4. Gestão, mobilização e controle social: destaca-se a importância do sistema de monitoramento disponibilizado pelo MEC, o SisPacto, destinado a apoiar as redes e a assegurar a implementação de diferentes etapas do Pacto. Por fim, ressalta-se também a ênfase do MEC no fortalecimento dos conselhos de educação, dos conselhos escolares e de outras instâncias comprometidas com a educação de qualidade nos estados e municípios.

1.3. Fragilidades da educação decorrentes das políticas públicas

Acredita-se que, com a quantidade de informações recebidas a uma velocidade admirável, surja a exigência de filtrar e absorver o que a mídia e o mercado competitivo lançam como metas de excelência. O desejo de muitos gestores, educadores e educadoras, educandos e educandas e seus pais para com a educação, nem sempre é correspondido pelas propostas dos organismos

⁷⁶ Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

financeiros internacionais, nacionais. É preciso exercer uma contextualização da prática e das vivências que existem no atual paradigma educacional.

Neste contexto não se pode descuidar da necessidade de educar e desenvolver valores humanos e éticos. Então percebe-se que tudo depende da educação, mais especificamente da Educação Básica. Desde a construção de valores, a qualidade política, o mercado de trabalho equilibrado, a saúde preventiva, a preservação do meio ambiente, tudo passa pela educação.

É utilizado como exemplo o Plano Nacional de Educação (PNE), prescrito no art. 214 da Constituição de 1988 e reafirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no. 9.394/96, art. 9º, § I e art. 87, § 1, o qual é um instrumento político de prioridades e conteúdos sistematizados por meio do qual o Governo Federal, através do Ministério da Educação, coordena, controla e fiscaliza a educação em todo o país, em todos os níveis de ensino. Além disso, após a sua aprovação é um documento de referência aos estados e municípios para a elaboração dos seus planos.⁷⁷

Pode-se constatar, com este exemplo, que afinal todo o contexto educacional é monitorado e controlado. De um lado é sugerido à escola exercer sua autonomia, mas por outro visualiza-se o domínio por parte dos órgãos interessados em direcionar os passos da educação.

Para Stephen J. Ball e Jefferson Mainardes:

As políticas envolvem confusão, necessidades (legais e institucionais), crenças e valores discordantes, incoerentes e contraditórios, pragmatismo, empréstimos, criatividade e experimentações, relações de poder assimétricas (de vários tipos), sedimentação, lacunas e espaços, dissenso e constrangimentos materiais e contextuais. Na prática as políticas são frequentemente obscuras, algumas vezes inexecutáveis, mas podem ser, mesmo assim, poderosos instrumentos de retórica, ou seja, formas de falar sobre o mundo, caminhos de mudança do que pensamos sobre o que fazemos. As políticas, particularmente as políticas educacionais, em geral são pensadas e escritas para contextos que possuem infraestrutura e condições de trabalho adequada (seja qual for o nível de ensino), sem levar em conta variações enormes de contexto, de recursos, de desigualdades regionais ou das capacidades locais.⁷⁸

Portanto, a política educacional só terá sentido quando democraticamente construída por uma identidade coletiva, e não individual e singular.

⁷⁷ SILVA, Maria Abádia. *Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial*. Campinas, SP: Autores Associados, Fapesp, 2002, p. 7.

⁷⁸ BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Orgs.). *Políticas educacionais: questões e dilemas*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 13.

O Estado é um dos principais lugares da política e um dos principais atores políticos. Em seu sentido mais simples, a política é uma declaração de algum tipo – ou ao menos uma decisão sobre como fazer coisas no sentido de ‘ter’ uma política -, mas que pode ser puramente simbólica, ou seja, mostrar que há uma política ou que uma política foi formulada.⁷⁹

Assim, a educação não deve ser pensada de forma abstrata, e a implementação das políticas educacionais é estritamente necessária à sensibilização, visando à qualificação de todos os sujeitos envolvidos nesse processo, possibilitado que sejam criadas as políticas de Estado e não políticas de governo, lembrando que nem tudo que serve para o governo, serve para a escola, para a educação.⁸⁰

Outro exemplo que auxilia a compreensão das fragilidades da educação no Brasil, é mencionado por Claudio de Moura Castro⁸¹ em artigo na *Revista Veja* do dia 13 de maio de 2009, intitulado “Uma Mona áspera”: “Na educação, apesar dos resmungos de muitos, muito pode ser feito sem que sejam necessários recursos extravagantes”. Castro refere-se à publicação do livro “*Como os sistemas escolares de melhor desempenho chegaram lá*”, de Mona Mourshed. Destacam-se apenas dois pontos desse artigo: bom ensino só com excelentes educadores e educadoras e gastar muito pode não assegurar boa educação.

Os sistemas mencionados e estudados por Mona possuem as condições fundamentais para a qualidade, como parâmetros rigorosos de aprendizagem e com um nível mínimo de investimento. O estudo destaca quatro pontos: 1) A qualidade de um sistema educacional não pode ser maior que a qualidade de seus educadores e suas educadoras. O educador e a educadora são os principais responsáveis pelo sucesso da aprendizagem. 2) A única forma de melhorar resultados é melhorar a instrução. Não basta escolher os melhores, é preciso manter os educadores e as educadoras sempre atualizados. E a preocupação deve ser tanto na formação inicial como na continuada. 3) Alto desempenho significa que todas as crianças devem ser bem-sucedidas. Todos educandos e educandas aprendem. A proposta é oferecer reforço no turno inverso para os estudantes com mais dificuldades. 4) Toda escola precisa de um grande dirigente. A função do

⁷⁹ BALL; MAINARDES, 2011, p. 14.

⁸⁰ BALL; MAINARDES, 2011, p. 14.

⁸¹ CASTRO, Claudio de Moura. *Uma mona áspera*. Revista VEJA. São Paulo: Editora Abril, 13/05/2009

gestor é das mais importantes: administrar o conjunto de recursos da escola de forma a criar um ambiente de aprendizagem.⁸²

O esforço coletivo começa pelo cidadão em sua atuação diária na família e na comunidade. Valorizar o ensino e o aprendizado, e cuidar para que as crianças da família e da comunidade estejam na escola, com bom aproveitamento, é o primeiro passo. Esse esforço é, pois, um desafio e deve estender-se a toda a sociedade civil por meio de suas organizações, instituições e empresas.

Diante deste contexto poder-se-iam mencionar outras fragilidades existentes na educação brasileira, porém não é esse o objetivo desta pesquisa. O objetivo neste momento é apenas mencionar algumas fragilidades⁸³ existentes, que não passam despercebidas no campo de atuação da educação para quem convive nele diariamente, e perceber como estas influenciam na incoerência apresentada nas diretrizes da educação e no cumprimento das mesmas no desenvolvimento pleno dos seus educandos e das suas educandas.

No setor público, uma das críticas apontadas é a má gestão de prioridades. A educação não faz parte da agenda estratégica dos governos. Segundo relatos da História da Educação no final dos anos 1980, ficou claro que a reforma do Estado era necessária para o desenvolvimento sustentável, e a educação não foi incluída. Isso só aconteceu nos anos 1990.

Os ministérios e secretarias, sejam na União, nos Estados ou nos municípios, podem ser nominados como moedas de troca política por não haver uma continuidade do trabalho, uma vez iniciado em uma gestão anterior. O MEC hoje é o órgão nacional que assumiu de fato o papel estratégico como coordenador nacional, de avaliação e de normatização, mas a fragilidade está na preparação dos gestores educacionais que aparecem na linha de frente: diretamente nas escolas e onde se encontram os problemas e as necessidades das avaliações e normatizações.⁸⁴

⁸² MOURSHED, Mona. *7 medidas testadas e aprovadas*. Revista VEJA. São Paulo: Editora Abril, 18 jun. 2008.

⁸³ Guiomar Namó de Mello apresenta, nesse periódico, os dez maiores problemas da Educação Básica no Brasil, e também apresenta algumas das soluções possíveis. A intenção da autora é apontar algumas das fragilidades que considera de fato importantes para a continuidade desta tese.

⁸⁴ MELLO, Guiomar Namó de. *Os 10 Maiores Problemas da Educação Básica no Brasil*, 2003, p. 8. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/img/politicas-publicas/fala_exclusivo.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2015.

Até os anos 1990, mais da metade (52%) das crianças que iniciavam o Ensino Fundamental não conseguiam concluí-lo. Quando o faziam, o tempo médio era de doze anos, e dessa forma não ingressavam no Ensino Médio e sim diretamente no mercado de trabalho. Esses dados já evoluíram, mas ainda preocupam. As crianças são comparadas com padrões absolutos, não se leva em conta o progresso individual, não se pensa no ano seguinte como continuidade do anterior. A criança reprovada começa tudo de novo.

Por exemplo, um educando e uma educanda que reprova em Matemática, mas é aprovado em todos os outros componentes curriculares, no ano seguinte começa de novo, inclusive nos componentes curriculares em que foi aprovado. Consequentemente, entre repetir é melhor desistir da escola e assim a evasão é em grande parte causada pela repetência. Visualiza-se uma sequência de padrões pré-definidos esperando que os educandos e as educandas, ao entrarem no primeiro ano, estejam com a “prontidão concluída” e para passar para o segundo têm que ter chegado a um ponto arbitrário fixado pelo educador e educadora ou pela escola.⁸⁵ Em decorrência desse pensamento, o Ensino Fundamental prepara para o Ensino Médio e este, por sua vez, só serve para preparar para o vestibular. A realidade mostra a fragilidade de uma pedagogia e uma didática muito longínquas da realidade do educando e da educanda.

As constatações desta fragilidade descrita acima são apontadas no Relatório de Monitoramento de Educação para Todos de 2010, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o qual indica que a qualidade da educação no Brasil é baixa, principalmente na educação básica. Apesar da melhora entre 1999 e 2007, o índice de repetência no Ensino Fundamental brasileiro (18,7%) é o mais elevado na América Latina e fica acima da média mundial (2,9%). No quesito abandono, 13,8% dos brasileiros largam os estudos já no primeiro ano da educação básica e, mais uma vez, esse dado fica acima da média mundial (2,2%).⁸⁶

A formação de educadores e educadoras pode ser apontada como uma das fragilidades no campo da educação. No Ensino Superior não há uma instituição

⁸⁵ MELLO, 2003, p. 12.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/biblioteca/pesquisas/relatorio-de-monitoramento-global-de-educacao-para>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

dedicada especificamente à formação de educadores e educadoras. O curso superior para educador e educadora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por exemplo, não oferece a possibilidade de formação do educador e educadora polivalente devido ao fato de que o Ensino Superior é dividido por componentes curriculares, e conseqüentemente o educador ou educadora torna-se especialista em seu componente curricular com pouca ênfase em didática e pedagogia.⁸⁷

No cotidiano escolar, o educador e a educadora polivalente do primeiro ao quinto ano, o educador e a educadora especialista de sexto a nono ano e do Ensino Médio conseqüentemente dividem a vida escolar de seus educandos e das suas educandas de modo artificial, tornando muitas vezes cada componente curricular um feudo. É impossível, com essa preparação, realizar um trabalho interdisciplinar, pois a priorização é dos conteúdos básicos e poderia afetar a organização escolar de modo nocivo, dificultando gestão racional do tempo e do espaço.⁸⁸

Os cursos de formação de educadores e educadoras adotam uma cultura pedagógica e didática baseada numa clientela escolar ideal e homogênea social e culturalmente. Mas a realidade na qual o educador e a educadora vai trabalhar tem, cada vez mais, uma clientela heterogênea, diversificada social, cultural e economicamente. Dessa forma o educador e a educadora não sabe ensinar ao educando e a educanda porque não aprendeu, e isso causa insegurança, que leva à possibilidade de vir a culpar a criança e a família pelo fracasso, apresentando nova fragilidade. Mesmo que haja um esforço, a falta de incentivos leva ao desânimo e à acomodação, resultando numa realidade em que o educador e a educadora são vistos como vítima, não como alguém que está lá para auxiliar na formação e no desenvolvimento pleno do educando ou educanda.⁸⁹

Educar sempre foi e sempre será um desafio. No Brasil, superar a herança imperial (escola para poucos, muito acadêmica e distante da vida) para chegar a uma educação democrática, que outros países já tinham no início do século XX, é um dos grandes desafios. Outro é sintonizar a educação com as demandas da sociedade do conhecimento, ou seja, a qualificação para o exercício da cidadania,

⁸⁷ MELLO, 2003, p. 15.

⁸⁸ MELLO, 2003, p. 15.

⁸⁹ MELLO, 2003, p.18.

as aprendizagens de Jaques Delors, assim como acessar, processar e dar sentido à informação que vem rápida e aguarda soluções igualmente na mesma velocidade. Não esquecendo que, na era da informação, o desafio de trabalhar em equipe faz parte da geração que, através da tecnologia, tem o hábito de se isolar.⁹⁰

Um desafio enfrentado no cotidiano da educação é a experiência de que nenhum país construiu educação de qualidade sem garantir acesso a todos. População homogênea não existe. É preciso aprender a trabalhar com a diversidade.⁹¹

1.4. Contexto educacional no século XXI

A época atual é marcada por fartos, variados e ardentes debates educacionais. Mello descreveu os problemas há mais de uma década, e os mesmos permanecem atualmente. A educação brasileira, como se pode visualizar através das diretrizes apresentadas até o presente momento, tem tido, desde a promulgação da LDB nº 9.394/96, um importante destaque no cenário contemporâneo. Nesse contexto, uma figura que aparece como central é a do educador e da educadora, profissional que faz a aula acontecer, e é em suas mãos que se concentra toda a energia necessária para o desenvolvimento da potencialidade humana, pois é na essência do educador e da educadora que reside grande parte da possibilidade da formação de cidadãos mais éticos, solidários, fraternos e humanos.

No Brasil, durante as últimas décadas, a qualidade educacional oscilou em meio a múltiplas influências. Os planos incorporaram, com mais ou menos intensidade, o substrato econômico que sustentou os diferentes projetos nacionais de desenvolvimento, alguns deles inclusive já foram mencionados aqui. Ressalta-se sempre a igualdade de oportunidades para todos, a gestão democrática e o compromisso ético com a qualidade educacional, conforme sugerem os próprios educadores e educadoras. Na prática as ações educativas, através dos incentivos governamentais, deram ênfase a programas e projetos orientados pela lógica do campo econômico, dirigindo a ação escolar para as atividades instrumentais do

⁹⁰ MELLO, 2003, p. 18.

⁹¹ MELLO, 2003, p. 19.

fazer pedagógico e para a administração de meios ou insumos. Assim, a qualidade, por sua vez, acaba sendo medida pela sua posição no *ranking* das avaliações externas.

Enquanto se buscam respostas para as questões acima, observe-se a seguinte afirmação de Morin sobre o papel da educação:

O papel da educação é de nos ensinar a enfrentar a incerteza da vida; é de nos ensinar o que é o conhecimento, porque nos passamos o conhecimento, mas jamais dizem o que é o conhecimento. (...) Em outras palavras, o papel da educação é de instruir o espírito a viver e a enfrentar as dificuldades do mundo.⁹²

Segundo Danilo Streck⁹³, a tentativa de compreender o papel da educação ultrapassa os limites de uma área de conhecimento ou disciplina acadêmica, a reflexão sobre educação é pela própria natureza do objeto, uma atividade inter ou transdisciplinar. Da mesma forma Comenius, considerado o pai da moderna pedagogia, no início de sua *Didactica Magna* pede compreensão pela sua aparente presunção de elaborar um tratado em nome “da salvação do gênero humano” e diz:

Ensinar a arte das artes é, portanto, um trabalho sério e exige perspicácia de juízo, e não apenas de um só homem, mas de muitos, pois um só homem não pode estar tão atento que lhe não passem despercebidas muitíssimas coisas.⁹⁴

Falar de educação exige diálogo com outras áreas do conhecimento, com outros saberes. Dentre os educadores e as educadoras mais recentes basta lembrar-se de Paulo Freire, que estava sempre refazendo sua reflexão, superando incongruências e contradições, descobrindo novas tensões e acrescentando novas dimensões a partir da própria prática.⁹⁵

Hannah Arendt afirma que:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fossem a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não as expulsar de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade

⁹² Cf. MORIN, 2001.

⁹³ STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 9.

⁹⁴ COMENIO, J. A. *Didactica Magna*. São Paulo: Martins Fonte, 2002, p. 47.

⁹⁵ STRECK, 2005. p. 10.

de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disto com antecedência para tarefa de renovar o mundo comum.⁹⁶

A escola é considerada um espaço privilegiado e importante para dar sentido à vida como um todo. Possibilita a formação e a estruturação de indivíduos para se tornarem cidadãos. Atualmente tem-se vivenciado a escola como um espaço onde a tensão e a violência institucional – tanto simbólica como física – aparecem como responsáveis diante dos fracassos da educação. Isso mostra que a escola reflete a sociedade e a sociedade reflete a escola. Escolhas racionais como obter o conhecimento, conhecer as opções e ter condições de exercer seu papel social dependem de uma série de questões subjetivas.

Analise-se a figura abaixo, que apresenta, em forma de itens e por faixa etária, o perfil dos educandos e das educandas diante do contexto histórico em que se vive atualmente: mundo globalizado e a tecnologia disponível para a maioria das classes sociais⁹⁷, salvo àquelas onde o acesso não foi possibilitado ainda.

⁹⁶ ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2002. In: MOREIRA, Ivanilde. *Fracasso escolar e interação professor-aluno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

⁹⁷ A autora ressalta, através de sua experiência ao longo dos últimos anos frente à gestão escolar, que muitos adultos não possuem as mesmas habilidades para utilizar todos os aparelhos citados acima, e seguidamente encontra-se alguém comentando que pede ajuda do seu filho, neto, sobrinho, enfim, de alguma criança e/ou adolescente para “aprender” a mexer com a tecnologia em questão. Se a alguns anos a tecnologia era privilégio de poucos, a realidade de hoje é outra, a acessibilidade para adquirir facilitou a propagação desta para todas as classes sociais.

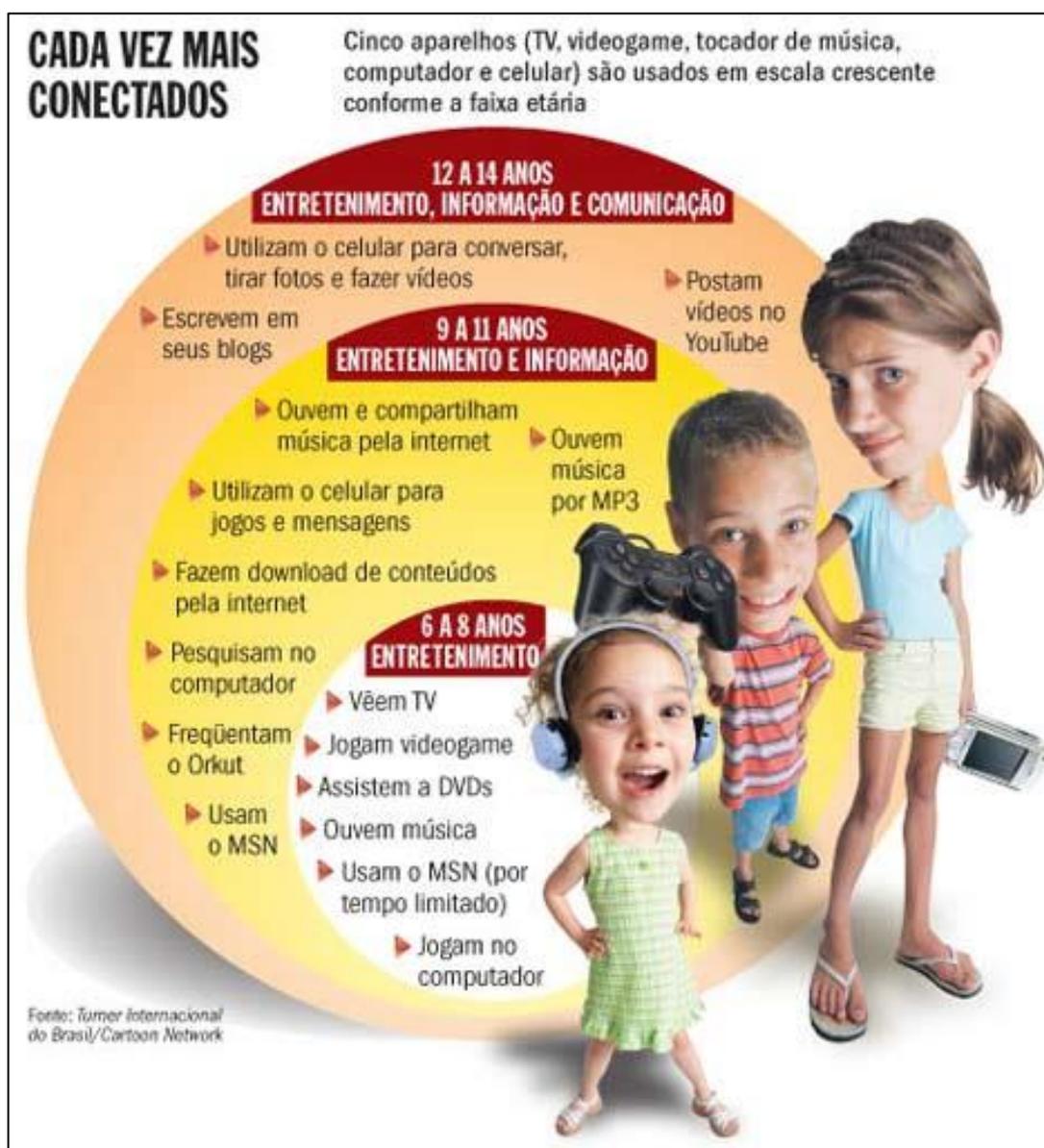


Figura 4: Crianças conectadas.⁹⁸

Com esta mudança, é possível afirmar que se vive sim em um mundo diferente. As crianças têm opiniões, sabem exatamente o que querem, perguntam, discordam, possuem vocabulário extenso e rico em expressões. Por que não dizer que agem como adultos em miniaturas?

Por outro lado, diante do contexto atual no campo educacional, os educadores e as educadoras tendem a possuir uma autoestima baixa, um

⁹⁸ Disponível em: <<http://neuropsicopedagogianasala.deaula.blogspot.com.br/2012/09/ser-crianca-ou-adolescente-no-seculo-xxi.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

sentimento de desvalorização de seu trabalho, estando descontentes com sua remuneração e desorientados em sua própria formação como seres humanos, sem saberem se expressar e agir.⁹⁹ Isso mostra um abismo entre o que se pratica e o ideal apregoado. Como lidar com limites, indisciplina, questões sociais, violência familiar, se, muitas vezes, o próprio educador e educadora não tem tudo isso resolvido dentro de si?

Pedro Demo afirma sobre as possíveis relações do educador e da educadora com o educando e a educanda:

A monumental resistência que os professores, tanto da escola básica quanto da universidade, apresentam aos processos de mudança que os atingem intrinsecamente, encontra nesta expectativa uma razão muito forte de ser, e explica a contradição flagrante em seu discurso cada vez mais vazio: falam de mudança, entendem-se até mesmo como profissionais da mudança, mas – enredados na contradição performativa – querem mudar sem se mudar [...] enquanto se fala da mudança que deveria ocorrer nos outros, espera-se que esqueça, de exigir a mudança do professor.¹⁰⁰

Da mesma forma que ocorreram as mudanças no perfil das crianças, espera-se que o perfil do educador e da educadora esteja mais “antelado” também, acreditando ser um dos pressupostos básicos para quem interage com outros indivíduos.

Portanto, já é claro que neste Século XXI as mudanças e informações são rápidas, sobrepondo-se aos conhecimentos. Bauman, numa entrevista especial para o jornal *Folha de São Paulo*, afirma:

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "autoevidentes". É verdade que a vida moderna foi desde o início "desenraizadora" e "derretia os sólidos e profanava os sagrados", como os jovens Marx e Engels notaram. Mas, enquanto no passado isso se fazia para ser novamente "reenraizado", agora as coisas todas - empregos, relacionamentos, know-hows etc.- tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis.¹⁰¹

⁹⁹ MELLO, 2003, p. 20.

¹⁰⁰ DEMO, Pedro. Conhecimento moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. In: MOREIRA, Ivanilde. *fracasso escolar e interação professor-aluno*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 3. Ed., 2010.

¹⁰¹ Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2015.

A figura abaixo procura simplificar o caminho da mudança esperada dos educadores e das educadoras diante do perfil dos educandos e das educandas:



Figura 5: Professor Antenado no Século XXI.¹⁰²

Espera-se, portanto, um novo educador e uma nova educadora. A *Revista Nova Escola*, sempre atenta às mudanças na educação, publicou, já em 2008¹⁰³, a consultoria norte-americana McKinsey, que elaborou um estudo compilando o que os países com melhor desempenho em educação faziam para atingir a excelência. O Governo Federal em seguida criou o Exame Nacional de Ingresso na Carreira

¹⁰² Disponível em: <<http://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com.br/2012/08/seculo-xxi-e-os-novos-perfis.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

¹⁰³ MOÇO, Anderson. *O novo perfil do professor*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/novo-perfil-professor-carreira-formacao-602328.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

Docente, em 2011, com o objetivo de servir de referência para a contratação na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental em todo o país.

Jean Piaget e Lev Vygotsky, em seus estudos e análises aprofundados em relação à aprendizagem, apontam, em suas respectivas teorias, que o que realmente importa é ser um mediador na construção do conhecimento e isso requer uma postura ativa de reflexão, autoavaliação e estudo constantes.

1.5. Considerações finais do capítulo

Através do olhar, ora das políticas públicas vigentes, ora dos documentos legais e normativos, em relação à estrutura da escola pública¹⁰⁴ no Brasil, em concordância com algumas das fragilidades aqui apresentadas, percebe-se que a educação realizada nas escolas está longe de alcançar nobres missões e fornecer uma sólida base científica, desenvolver o espírito de solidariedade de classe social e formar o cidadão.

Em contrapartida, estudos de R. Marzano mostram que a escola faz uma diferença significativa no desempenho discente e que “um educador e uma educadora individualmente pode ter efeito poderoso em seus educandos e das suas educandas, mesmo que a escola não tenha”.¹⁰⁵

Moreira, por outro lado, afirma que, apesar da macroestrutura que cerca o educador e a educadora e os educandos e as educandas, é necessário levar em conta que um educador e uma educadora bem posicionado política e pedagogicamente pode fazer muita diferença na aprendizagem e por que não dizer na vida dos educandos e das educandas.¹⁰⁶

Estar bem posicionado politicamente significa, entre outras coisas, estar ciente de que a educação não é uma ação neutra e sim está impregnada de intenções: escolhe-se tal conteúdo, adotam-se certos materiais ou livros didáticos, isto é, a todo o momento o educador e a educadora precisam fazer escolhas e,

¹⁰⁴ Escola de TODOS e não de POBRES, alerta a autora, referindo-se à “satanização” do público e à “santificação” do privado.

¹⁰⁵ MARZANO, R. J.; PICKERING, D. J.; POLLOCK, J. E. *Ensino que funciona: estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos alunos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

¹⁰⁶ MOREIRA, Ivanilde. *Fracasso escolar e interação professor-aluno*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 3. ed., 2010. p. 23.

para fazê-las, é preciso ter clareza do que vale a pena para o contexto e para a vida dos educandos e das educandas.¹⁰⁷

E outro contexto que não se pode deixar de mencionar é a classificação que Bauman¹⁰⁸ faz da sociedade atual quando a denomina de “modernidade líquida”, em substituição ao termo muito utilizado e discutido de “Pós-Modernidade” que se transformou numa ideologia deixando de ser uma condição humana. Segundo Bauman¹⁰⁹, a sociedade líquida não pensa a longo prazo, não consegue traduzir seus desejos em um projeto de longa duração e de trabalho duro e intenso para a humanidade.

Para Bauman, a perda do caráter reflexivo em relação à sociedade e a perda da noção de progresso como um bem que deve ser partilhado são reflexo de uma sociedade que, em vez de criar grupo e engajar pessoas para movimentar as nações para as mudanças necessárias, começou a ser desregulamentada e desordenada. Bauman explica que a sociedade atual é desregulamentada, pois o mercado é que dita as regras e as regras do mercado são marcadas pelo objetivo econômico capitalista: a aniquilação dos concorrentes e o sucesso com os consumidores.¹¹⁰

Infelizmente visualiza-se uma corrente de incerteza e insegurança que guia o sujeito pós-moderno, a ausência de referenciais para construir sua vida o leva a se transformar diariamente, toma as formas que o mercado o obriga tomar, não há engajamento na elaboração de projetos de vida, tudo é incerto, até mesmo o emprego de amanhã.¹¹¹

Diante deste contexto, conforme a autora afirma na Introdução, de fato ocorreram a reflexão e a busca constantes em sua trajetória como gestora, para alcançar a diferença e a mudança necessárias a uma educação voltada ao pleno desenvolvimento dos educandos e das educandas. A abordagem de ensino e de aprendizagem denominada Educação por Princípios, que será desenvolvida no

¹⁰⁷ STRECK, 2005, p. 11.

¹⁰⁸ BAUMAN, 2013.

¹⁰⁹ BAUMAN, p. 25.

¹¹⁰ BAUMAN, p. 25.

¹¹¹ BAUMAN, p. 25.

próximo capítulo é baseada na educação cristã. Segundo Danilo Streck¹¹², o pressuposto é de que a fé cristã tem uma conexão intrínseca com a educação.

O teólogo e pedagogo alemão Hans-Jürgen Fraas destaca bem essa relação no contexto mais amplo da relação entre crer e aprender. Segundo Fraas, crer significa aprender, uma vez que a relação com Deus necessariamente deixa suas marcas no sujeito. Através desta relação, ele questiona a sua situação no mundo, pergunta-se sobre o significado de sua vida, enfim, é desencadeado um processo de aprendizagem. Da mesma forma, na base da aprendizagem está a predisposição a se abrir ao novo, uma atitude de confiança que é também o fundamento da fé.¹¹³

¹¹² STRECK, 2005, p. 11.

¹¹³ FRAAS, H. J. Glaube und Identität, p. 9. In: STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005. p. 11.

2. Educação por princípios bíblicos

A Educação por Princípios é uma educação fundamentada em princípios de governo.¹¹⁴ São sete princípios identificados na Bíblia e na história cristã. Existem outros princípios bíblicos que não são necessariamente identificados como princípios de governo, mas que podem fazer parte do ensino e, na maioria das vezes, ser relacionados aos sete princípios governamentais.¹¹⁵

A Educação por Princípios está fundamentada em uma filosofia cristã de educação e governo e, conseqüentemente, segue uma metodologia cristã e um currículo cristão, objetivando contribuir para a formação do caráter cristão do educador ou da educadora para que o mesmo se torne habilitado à construção do caráter de seus próprios educandos e educandas. Segundo Paul Jehle¹¹⁶, a proposta da Educação por Princípios parte de uma educação voltada para o desenvolvimento integral do indivíduo¹¹⁷, levando em conta o corpo, a alma e o espírito.

¹¹⁴ Definições de termos utilizados na Educação por Princípios e que foram extraídas do Dicionário Webster 1828: Autoridade: poder legal, ou direito para comandar ao agir. Ex. a autoridade dos pais sobre os filhos. A fonte de toda autoridade, lei e domínio se encontra em Deus e é definida em sua palavra. Jesus, o filho encarnado de Deus, ensinava com autoridade (Mateus 28:18, Cl. 2:10). Pode ser soberana ou representativa. Governo: exercício de autoridade; direção; controle; administração; o propósito é proteger os direitos e propriedades daqueles governados; em sala de aula o professor/governador deve proteger a propriedade de cada aluno (a pessoa, afeição, motivações, ideias, talentos, consciência, chamado, opinião. Bem como a propriedade material) e seu direito à liberdade de aprendizado e alcançar o seu potencial em Cristo. Governar: 1. Dirigir e controlar as ações e condutas dos seres humanos, seja por estabelecimento de leis (nos estados livres) ou por vontade arbitrária (monarca – tirania). Todo ser humano deveria governar bem a sua própria família. 2. Restringir; manter em sujeição. Ex.: governo das paixões e temperamentos. Domínio: ter autoridade ou poderes sobre; exercer influência ou domínio sobre; grande extensão territorial pertencente ao governo de um indivíduo; esfera de ação. Território: área de um país ou cidade, sobre a qual se exerce a sua soberania; domínio. Delegar: enviar (alguém) com poderes de resolver, obrar e julgar; transmitir poderes; dar a alguém o direito de agir em nome de outrem quer em caráter particular ou como representante. Lei: regra de direito ditada pela autoridade e tornada obrigatória para uma comunidade, a ordem e o desenvolvimento; conjunto de normas que rege um grupo de convívio social. (WEBSTER, 1967.)

¹¹⁵ AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015, p. 3.

¹¹⁶ JEHLE, Paul. *As sete colunas da sabedoria*. AECEP, 2008. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 5.)

¹¹⁷ Neste capítulo, opta-se por utilizar o termo “educação integral”, a fim de manter a originalidade da pesquisa bibliográfica, porém, o termo refere-se ao pleno desenvolvimento da pessoa objeto de estudo da presente pesquisa.

A Educação por Princípios tem sido definida por Helvia Brito¹¹⁸ como

[...] uma abordagem de ensino e aprendizagem que parte do raciocínio sobre verdades bíblicas e identifica os fundamentos do conhecimento, conduzindo à reflexão da causa para o efeito visando produzir entendimento realizador e caráter cristão. Sua aplicação consistente contribui para formar erudição baseada numa cosmovisão cristã e líderes servidores, aptos a cumprir o propósito de Deus com suas vocações.

De acordo com o *site* da Foundation for American Christian Education¹¹⁹, o *Principle Approach* é definido como “a maneira consistente e ordenada de ensinar e aprender que produz caráter cristão e autogoverno, erudição cristã e raciocínio bíblico para uma vida de aprendizagem e discipulado”. A Educação por Princípios é uma abordagem de ensino e aprendizagem que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960 e chegou ao Brasil em 1989.

O *Principle Approach*, denominação pela qual é conhecido nos Estados Unidos, parte da ideia de que os princípios bíblicos são também princípios universais totalmente coerentes com os princípios da natureza, pois toda a natureza reflete traços do seu criador. Segundo a proposta da Educação por Princípios, Deus revela-se por meio da natureza, por meio das Escrituras Sagradas e por meio da pessoa de Jesus Cristo. Portanto, a educação integral nesta visão da Educação por Princípios não pode desconsiderar nenhuma dessas três fontes de conhecimento. A ideia central é de que o temor a Deus é o princípio da sabedoria (Provérbios 9.10)¹²⁰, sendo a sabedoria não o conhecimento meramente intelectual, mas a sábia aplicação do conhecimento a todas as áreas da vida.

Esta metodologia busca o desenvolvimento máximo do educando em todas as suas potencialidades por meio do processo educativo. Cada estudante deve ser percebido e valorizado em sua individualidade, pois é um ser criado à imagem e semelhança de Deus.

Segundo Inez Borges¹²¹, no Brasil este trabalho com a proposta do *Principle Approach* surgiu em meados de 1989, através de Cida Mattar, pedagoga de Belo Horizonte. Após passar um período nos Estados Unidos, conheceu a

¹¹⁸ BRITO, HÉLVIA. *Identidade: discernindo quem somos para avançar no cumprimento de nossa missão*. Disponível em: <<http://www.aecp.com.br/artigo/identidade-sintese-do-tema-do-22-ws-de-2013-sao-paulo-.html>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.face.net/?page=principle_approach>. Acesso em: 1 mai. 2014.

¹²⁰ A BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. ver. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

¹²¹ BORGES, Inês Augusto. *Educação e personalidade*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

metodologia da Educação por Princípios com o fundador de escolas em Massachusetts (Virginia), Dr. Paul Jehle. Retornando ao Brasil, Cida Mattar organizou um grupo de educadores e educadoras interessados na educação cristã e, com estes, formou um grupo de estudos que posteriormente apresentou a visão educacional com o objetivo de “promover a formação e apoiar o desenvolvimento de escolas cristãs com base na Educação por Princípios”.

Borges¹²² afirma que

[...] foi possível identificar uma abordagem pedagógica intitulada “Educação por Princípios”, a qual procura ensinar, desde a tenra idade, que se todas as coisas foram feitas por Deus, em todas elas serão encontradas marcas do criador. Dessa forma, procura-se desenvolver um padrão bíblico de pensamento e de comportamento.

Então cabe perguntar: O que significa educar para o desenvolvimento integral do indivíduo, tendo como base uma proposta de ensino e aprendizagem fundamentado na Educação por Princípios? Como a proposta dessa abordagem pode auxiliar esse desenvolvimento integral?

2.1. Definindo “educação”

Em alguns momentos, a fim de compreender os significados dos termos que serão utilizados no decorrer desta pesquisa, além de citações de autores acerca do assunto em questão, também serão utilizados como fontes alguns dicionários. Dentre estes consta o dicionário de Noah Webster¹²³ de 1928, que tem sido a fonte mais utilizada na Abordagem por Princípios.

Webster¹²⁴ define educação:

[...] compreende toda uma série de instruções e disciplinas cujo objetivo é iluminar o entendimento, corrigir o temperamento, formar boas maneiras e

¹²² BORGES, 2014, p. 23.

¹²³ Por que o Dicionário Webster de 1928? Noah Webster é considerado o “Pai da educação cristã americana” por seu trabalho nesse campo. Foi a ele quem Deus usou para codificar a linguagem norte-americana na forma padrão. Webster levou vinte anos até dominar 26 idiomas para que pudesse pesquisar cada palavra, traçando sua origem até a língua original. Ele valorizava a fonte primária, a Bíblia, portanto definiu as palavras biblicamente inserindo abundantes citações bíblicas e pregou no dicionário muitos sermões de uma frase só, tais como: “Todo homem deve governar bem sua própria família”. Para a abordagem da Educação por Princípios é fundamental o uso deste dicionário independente de ser histórico e não atualizado. Fonte: Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 1

¹²⁴ WEBSTER, Noah. In: LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. Belo Horizonte: AECEP, 2006, p. 7. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2.)

hábitos dos jovens, preparando-os para que sejam úteis em suas futuras funções. Dar às crianças boa educação em boas maneiras, educa-las nas artes e nas ciências é importante; dar-lhes uma educação religiosa é indispensável; e uma imensa responsabilidade pesa sobre os pais e guardiões que negligenciam tais deveres.

Segundo Aurélio Ferreira¹²⁵, educação é o “Ato ou efeito de educar-se. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Civilidade, polidez”.

Os pensamentos de Roberto Rinaldi¹²⁶ remetem ao conceito geral de educação no Brasil com a seguinte afirmação:

No Brasil temos um elevado contingente de crianças, um futuro para ser conquistado de crianças, demandando muito esforço educacional. Nunca se investiu tanto em educação como em nossos tempos, nunca houve tantos recursos disponíveis e nunca os pesquisadores souberam tanto sobre a psicologia e a neurologia associada ao aprendizado. Estamos cercados de teses maravilhosas sobre a riqueza da inteligência, em seu aspecto emocional, multiforme e criativo. Em nenhum momento do passado jovens tiveram tanto tempo livre e poder de acesso à informação e comunicação. Contudo, será que estamos compreendendo e tendo sucesso em nosso empenho educacional?

Desta forma, a educação hoje tornou-se um grande desafio para todos os educadores e as educadoras, visto a demanda da sociedade e da nova geração que hoje há nas escolas. Rinaldi¹²⁷ acrescenta, ainda, sobre a perspectiva de educador e educadora cristãos frente às dificuldades vivenciadas no âmbito escolar:

Entendemos que educar é um projeto de vida, no sentido do resultado que se almeja para o indivíduo ou grupo, mas também um processo, no sentido das múltiplas e repetitivas atividades envolvidas na sua execução. Todos temos a ganhar quando entendemos e nos aplicamos na arte e ciência de educar, atendendo nossa missão como seres racionais e espirituais, de viver e perpetuar a vida com excelência.

Esta visão de educação opõe-se à definição de que educar é transmitir conteúdos e afirma que educar é trabalhar em projetos de vida, especialmente ensinar como viver de uma forma íntegra na sociedade em que se está inserido. Quando se falam em integridade, faz-se referência muito a valores e a algo que

¹²⁵ FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 272.

¹²⁶ RINALDI, Roberto Jr. *Educação na perspectiva cristã*. AEECEP, 1. ed. Belo Horizonte, 2006, p. 5. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 1.)

¹²⁷ RINALDI, 2006, p. 6.

parte do interior do ser humano. Gonzalo Baéz-Camargo¹²⁸ define assim a educação:

O processo pelo qual a vida se desenvolve, enriquece e aperfeiçoa à luz de valores e ideais últimos. Fundamentalmente um processo interior, que, no entanto, se estimula pela ação de elementos, situações e influências do exterior. Deve produzir, como resultado, personalidades vigorosas, criadoras frutíferas, capazes de ampliar os horizontes, elevar os ideais e aperfeiçoar as normas da vida humana, e não seres comuns, aos quais, desde pequenos se ensina submeter-se e conformar-se com as normas consagradas pela tradição e pela opinião pública, ainda quando sejam irracionais e injustas.

São muitos os conceitos e definições do termo “educação”, sejam eles oriundos de uma perspectiva cristã ou secular, porém, em todos eles se percebe uma riqueza profunda de termos relacionados não apenas a conhecimentos clássicos conteudistas. Todas as definições pesquisadas remetem ao desenvolvimento moral, psíquico, interior dos educandos e das educandas, ou seja, pode-se dizer que os conceitos apresentados almejam em sua definição uma educação integral, voltada a aspectos físicos, intelectuais, morais e espirituais.

2.2. Definindo “educação cristã”

Conforme Gonzalo Baez-Camargo¹²⁹, ao definir uma educação como cristã é preciso entender que a educação é a construção ou modificação da experiência do educando e da educanda à luz de valores e ideais supremos. Então a educação cristã, ou também denominada religiosa, ocorrerá quando esses valores e ideias forem religiosos ou cristãos. O que significa educar numa perspectiva cristã? É educar através do doutrinamento ou instruir na prática de certos ritos?

Baez-Camargo¹³⁰ afirma que “a educação cristã é o processo pelo qual a experiência, isto é, a própria vida da pessoa, se transforma, desenvolve, enriquece e aperfeiçoa mediante sua relação com Deus em Jesus Cristo”.

Ines Borges¹³¹ define e exemplifica a educação cristã:

¹²⁸ BAEZ-CAMARGO, Gonzalo. *Princípios e método da educação cristã*. Traduzido por Luis A. Caruso. Rio de Janeiro, RJ: Confederação Evangélica do Brasil, 1961, p. 28-29.

¹²⁹ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 36.

¹³⁰ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 38.

¹³¹ BORGES, 2014, p. 123.

Toda e qualquer prática educativa que considera o ser humano do ponto de vista do evangelho. Dar um copo de água a alguém pode significar uma atitude educativa, pois a pessoa beneficiada poderá aprender algo sobre si mesma, sobre os demais seres humanos e sobre a providência de Deus, além de ver saciada sua sede. Esse simples gesto é mencionado por Jesus como digno de recompensa (Mateus 10.42) quando feito como resultado da percepção que se tem de que a pessoa a quem se está ajudando é um ser precioso para o seu Senhor. Sendo Jesus Cristo o centro do evangelho, será legitimamente cristã a educação que preocupar-se responsabilmente em ser cristocêntrica, tendo Cristo como referencial e centro de toda teoria e de toda prática.

Segundo Augustus Nicodemus Lopes¹³², a educação cristã é uma forma particular de educar. Pode ser simplesmente definida como “a instrução formal feita sob a perspectiva do cristianismo, buscando o desenvolvimento da pessoa e de seus dons naturais à luz da perspectiva cristã da vida, da realidade, do mundo e do homem”.

Norman DeJong conceitua a educação cristã de forma mais específica, como “a tentativa de organizar sistematicamente o pensamento quanto à educação conforme os ensinamentos bíblicos que constituem a fé cristã ortodoxa”.¹³³

Robert Pazmiño¹³⁴ classifica a educação cristã como:

O esforço deliberado, sistemático e sustentado, divino e humano, de compartilhar ou adquirir conhecimento, valores, atitudes, habilidades, sensibilidades e comportamentos que compõem ou são compatíveis com a fé cristã.

De acordo com a cosmovisão cristã, o alvo do educador e da educadora não consiste apenas na transmissão de conhecimento, mas requer a esperança de uma transformação do educando e da educanda a ser operada pela ação do Espírito Santo. Para conseguir colocar isso em prática, são necessários o esforço sistemático nas exposições sequenciais e interações contínuas por parte do educador e da educadora, não deixando de refletir como um discípulo de Cristo, possibilitando assim alcançar o seu objetivo. Qualquer componente curricular pode ser abordado e ensinado de uma perspectiva cristã se a análise partir das pressuposições bíblicas sobre o Criador, o ser humano e a natureza.

É importante esclarecer o termo “cosmovisão cristã”. De origem alemã, *Weltanschauung*, tem sido traduzido para o inglês como *worldview* e para o

¹³² LOPES, Augustus Nicodemus. *O que é uma escola cristã*. Revista Mackenzie, ano IV, n. 24, 2003, p. 51.

¹³³ DeJONG, Norman. *Education in the truth*. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1974, p. 16.

¹³⁴ PAZMIÑO, 2008, p. 89.

português como cosmovisão. Significa uma forma de interpretar o mundo, interpretar todas as áreas da vida, diferente de filosofia ou de filosofia de vida.¹³⁵ No início a palavra refletia a ideia de que o ser humano é o centro do universo e, portanto, o termo passou a designar “uma concepção do universo a partir do homem conhecedor e moralmente livre”.¹³⁶ Atualmente tem sido utilizado para expressar o conjunto de crenças sobre as diferentes áreas da vida, e são comuns as expressões “cosmovisão cristã” e “cosmovisão humanista”. A cosmovisão de uma pessoa define como ela interpreta a vida, a família, o trabalho, a arte e, é claro, a educação.¹³⁷

As definições acima enfatizam a agência divina e a intencionalidade humana como essenciais à perspectiva cristã sobre a educação. A fim de comparar, já num primeiro momento, a educação cristã e o contexto secular, será utilizada a descrição de Maria Lúcia de Arruda Aranha, que supõe: “O desenvolvimento integral do ser humano, quer seja sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social”.¹³⁸

Mais do que apenas uma descrição, este conceito de Aranha defende alguns objetivos nobres do processo educacional: a formação integral do ser humano e a transmissão de valores necessários ao desenvolvimento de um caráter que lhe possibilite viver em sociedade. Dessa forma, o educador e a educadora não é um transmissor de conceitos, mas um contribuinte na formação e no desenvolvimento do caráter de seus educandos e de suas educandas.

É evidente o compromisso da educação com a vida extraescolar e a expressão cultural, que reflete a educação aplicada a um determinado contexto social. Em termos gerais, a educação cristã não rejeita os alvos comumente defendidos pela perspectiva secular sobre Educação. Ela aceita aqueles valores que refletem a nobreza da atividade educacional e acrescenta a eles uma

¹³⁵ AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015, p. 13.

¹³⁶ NAUGLE, 2002, p. 59. In: LEITE, Claudio Antonio Cardoso *et al* (Orgs.). *Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2006, p. 42.

¹³⁷ AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015, p. 13.

¹³⁸ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda (Org.). *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1989, p. 49.

perspectiva mais holística do ser humano e do universo ao seu redor, pois busca interpretá-los à luz dos princípios do Criador, revelados nas Escrituras Sagradas.

Assim, a educação cristã parece combinar com as dimensões descritivas da educação secular e com as dimensões normativas fundamentais a uma cosmovisão cristã. O caráter distinto da educação cristã é que, em seu espectro, ela se compromete com a realização dos objetivos educacionais por meio de um currículo que integra as variadas áreas do conhecimento com a epistemologia bíblica, dispensando atenção integral ao ser humano, sempre partindo de uma cosmovisão bíblica.¹³⁹

Considerando as complexidades comuns ao campo das definições, é sempre prudente estabelecer algumas comparações entre os conceitos definidos, a fim de que suas características proporcionem melhor compreensão do assunto.

2.3. História da Educação por Princípios nos EUA

Os princípios constitucionais que constam na primeira Constituição Americana são primeiramente de origem bíblica. Entende-se que apenas um povo que conhece esses princípios tem condições de preservar o espírito de liberdade constitucional. Muitas outras constituições, inclusive a do Brasil, foram inspiradas na Constituição Americana. No contexto da revolução francesa e, em seguida, na Alemanha, permeava o pensamento hegeliano, segundo o qual a criança é propriedade do Estado e não da família, tendo surgido então a educação laica e o afastamento dos princípios bíblicos.¹⁴⁰

A educação como responsabilidade do Estado é uma ideia estranha ao pensamento bíblico. Em 1840, com o reflexo dessas ideias, surge o primeiro Conselho Estadual de Educação, criado por Horace Man na Inglaterra. A partir daí o Estado foi avançando e, aos poucos, a família e a igreja cedendo ao Estado a responsabilidade pela educação dos filhos.

¹³⁹ SANTOS, Valdeci da Silva Santos. *Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas*. In: FIDES REFORMATATA XIII, n. 2, São Paulo, 2008, p. 158.

¹⁴⁰ AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015, p. 27.

Jean-Claude Guillebaud, comentando sobre a globalização, afirma que, ao mesmo tempo em que a cultura norte-americana é globalizada, a própria América se “desamericaniza”, pois não são os princípios americanos que estão sendo globalizados e sim a total ausência de princípios, que se infiltrou na cultura durante o século XX.¹⁴¹ No início do século XX é feita uma reforma educacional e elaborado um plano nacional para a educação pública.

Conforme *The Foundation For American Christian Education*, na década de 1960 Verna Hall, historiadora americana, publicou o livro *História Cristã da Constituição dos EUA*, documentando como a providência divina e a aplicação de uma filosofia cristã produziram a primeira nação construída com base em princípios bíblicos.

Hall era uma funcionária do governo estadunidense que trabalhava na área de documentação antiga, tendo acesso a documentos originais dos tempos de colonização e de formação da nação após a Guerra da Independência.

Trabalhando com fontes originais, Hall percebeu que os princípios basilares da América dos puritanos e dos pais fundadores já não estavam sendo conhecidos ou respeitados pela maioria de seus conterrâneos, mesmo os que se identificavam como cristãos. A partir dessa observação, passou a ler tudo o que podia sobre o tema e montou um enorme acervo particular de livros e documentos sobre a história cristã dos Estados Unidos.¹⁴²

Rosalie J. Slater, uma educadora amiga de Verna Hall, logo percebeu o potencial das descobertas que estavam diante dela e passaram a trabalhar juntas no objetivo de restaurar a educação cristã na América. Slater foi também inspirada a pesquisar o modelo colonial de educação e caráter americano. Publicou, em 1965, *Ensinando e aprendendo a história cristã americana*, ano em que também fundaram a FACE¹⁴³ – Foundation For American Christian Education.

Verna Hall e Rosalie Slater representam um movimento de resistência a este afastamento dos princípios cristãos, sobre os quais a nação norte americana foi construída. A Educação por Princípios é uma proposta de retorno histórico

¹⁴¹ GUILLEBAULD, Jean-Claude. *A reinvenção do mundo: um adeus ao século X*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

¹⁴² Cf. BORGES, 2014, p. 136.

¹⁴³ Cf. BORGES, 2014, p. 136.

clássico à educação fundamentada nos princípios bíblicos e na prática historicamente consagrada.

Quase ao mesmo tempo, Paul Jehle, um jovem da cidade de Plymouth, no Estado de Massachusetts, iniciou seu ministério como pastor e educador em uma pequena escola particular. Decidido a encontrar princípios educacionais nas Escrituras Sagradas, Jehle gastou grande parte dos anos seguintes em oração e leitura da Palavra de Deus. Aos poucos foi preenchendo cadernos e mais cadernos de anotações, de joelhos, ao lado de sua cama, enquanto orava e meditava nos princípios que iam sendo encontrados no texto sagrado. No ano de 1970, quando Jehle participou de um seminário sobre educação cristã promovido pela FACE, percebeu que vários dos princípios que tinha encontrado na Bíblia, Hall e Slater haviam encontrado na história americana.¹⁴⁴

A FACE definiu a Educação por Princípios como um método cristão de raciocínio bíblico, que requer um entendimento do ser humano como um todo, um ser integral e que necessita de desenvolvimento pleno fazendo das verdades da Palavra de Deus à base de cada assunto no currículo escolar.¹⁴⁵

A Educação por Princípios encontra-se estruturada como proposta pedagógica sob três pilares: a Filosofia, a Metodologia e o Currículo. Cada um desses pilares busca responder a uma indagação filosófica. A Filosofia procura responder ao “por que” ou “para que” da Educação por Princípios; a Metodologia, ao “como” fazer a Educação por Princípios; e o Currículo procura responder “o que” ensinar na Educação por Princípios.

¹⁴⁴ AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015, p. 28.

¹⁴⁵ Cf. BORGES, 2014, p. 140.

2.4. História da Educação por Princípios no Brasil

Segundo a AECEP¹⁴⁶, os ideais de Educação por Princípios chegaram ao Brasil ainda na década de 1980. Em 1987 Cida Mattar¹⁴⁷ conheceu Paul Jehle e iniciou um estágio na Escola do Novo Testamento – “*The New Testament Christian School*”, Plymouth – Massachusetts USA, vendo-se comissionada a trazer essa visão de educação para o solo brasileiro.

Brito¹⁴⁸ relata, em seu artigo descrito logo após o conhecimento do falecimento da mentora em Educação por Princípios no Brasil, que Cida pensou em permanecer nos EUA e atuar como educadora. Mas um dia, durante um desfile pela cidade de Plymouth, segurando a bandeira do Brasil, Deus lhe falou que deveria voltar para sua terra, e ela ouviu: “Tenho preparado lá um grupo para ouvir a visão e te ajudar”, e assim ela, obediente, retornou ao Brasil.¹⁴⁹

Ao chegar ao Brasil, procurou sua Igreja e outras para falar sobre a visão de educação cristã de *Principle Approach* ou Enfoque por Princípios como era chamado na época. Infelizmente não recebeu apoio. Num momento posterior foi apresentada ao Pr. Márcio Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha de Belo Horizonte – MG, e na ocasião compartilhou sua experiência nos Estados Unidos, falando da visão de educação cristã baseada nos princípios bíblicos. O pastor prontamente aceitou a visão, iniciando-se assim uma série de reuniões que levaram à fundação da primeira escola por princípios no Brasil, a Escola Cristã, no dia 9 de fevereiro de 1989, com quatro turmas e 49 educandos e educandas. Posteriormente essa escola ficou conhecida como Colégio Cristão e chegou a

¹⁴⁶ Associação de Escolas Cristãs Por Princípios.

¹⁴⁷ Cida Mattar veio a falecer em 23.01.2014. Era educadora cristã e missionária, formada em Pedagogia e Psicopedagogia. Ela tinha 55 anos e foi vítima de um infarto no banheiro da escola onde trabalhava, a Escola Jardim da Boa Semente, em Belo Horizonte – MG. A vida de Cida foi marcada pela luta em favor de uma educação integral para crianças e adolescentes no Brasil. Foi uma das fundadoras da RENAS – Rede Evangélica Nacional de Ação Social, da AECEP – Associação de Escolas Cristãs de Educação Por Princípios e da Rede Mãos Dadas. Informações citadas pela autora que conhecia pessoalmente Cida Mattar.

¹⁴⁸ BRITO, Hélivia, 2014. Disponível em: <<http://www.aecep.com.br/artigo/o-inicio-da-historia-da-educacao-por-principios-no-brasil-e-a-vida-de-cida-mattar--por-helvia-brito.html>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

¹⁴⁹ Cf. BRITO, 2014.

aproximadamente oitocentos educandos e educandas. A Escola tinha¹⁵⁰ como mantenedora a Igreja Batista da Lagoinha em 1989.

Em 1991 Cida Mattar conheceu o casal Roberto e Ana Beatriz Rinaldi, iniciando-se entre eles uma amizade e uma cumplicidade com objetivo definido: divulgar a Educação por Princípios no Brasil. Em 1991, o casal teve contato com o Principle Approach, na Virgínia, e em 1992 visitou a Stonebridge School, escola modelo de Educação Por Princípios também na Virgínia, EUA. Decididos a disseminar essa abordagem no Brasil, fundaram em 1992 o CRE – Centro Renovo de Educação – em São Paulo, com o objetivo de orientar escolas que tivessem interesse em adotar a metodologia.

Juntamente com Cida Mattar realizaram o 1º Workshop de Educação Escolar Cristã.¹⁵¹ Nos anos seguintes, Mattar e Rinaldi traduziram materiais e organizaram eventos. Viagens missionárias de Mattar, na companhia de Hélvia Brito e Dejanira Lopes Vieira (Coordenadoras pedagógicas da Escola Cristã da Igreja Batista da Lagoinha), disseminaram a Educação por Princípios por vários estados brasileiros.

No dia 9 de abril de 1997, Roberto Rinaldi e Cida Mattar fundaram a AECEP¹⁵² em São Paulo, com oito associados. Com mais de oitenta escolas associadas, no ano de 2003, a sede da AECEP mudou-se para Belo Horizonte, onde permanece atualmente. Hoje conta com mais de 120 escolas associadas por todo o território brasileiro, com maior concentração nos estados de São Paulo, que conta com aproximadamente 45 escolas, e Minas Gerais, com quase trinta escolas associadas.

2.5. Abordagem por Princípios

O termo “Abordagem por Princípios” originou-se do título do livro escrito por Rosalie Slater, *Teaching and Learning America’s Christian History: The Principle*

¹⁵⁰ Por força maior, o Colégio Cristão de Belo Horizonte, após 25 anos, veio a encerrar suas atividades.

¹⁵¹ Cf. BORGES, 2014, p.141.

¹⁵² Associação das Escolas por Princípios no Brasil.

Approach.¹⁵³ Slater, ao estudar o livro de Verna Hall, *The Christian History of Constitution*¹⁵⁴, deduziu que os fundadores dos EUA raciocinavam a partir de sete princípios bíblicos nas áreas de História e governo. Aprofundando sua pesquisa, ela demonstrou que a Abordagem por Princípios era o método bíblico de raciocínio cristão que fazia das verdades da Palavra de Deus a base de cada componente no currículo escolar.¹⁵⁵

É relevante ressaltar que, por se tratar de uma proposta de educação com base em princípios bíblicos, os pressupostos norteadores dessa proposta educacional estão pautados numa visão cristã de mundo, ou seja, numa cosmovisão bíblica. Ao lembrar a história da educação cristã, vem o exemplo de Jesus, conhecido como um mestre que deu ordens explícitas a seus seguidores para empregarem o método educativo, anunciando às pessoas seus valores e crenças.

Max Lyons¹⁵⁶ relata que o sistema educacional norte-americano originalmente enfatizava a aprendizagem a partir de princípios bíblicos. Duzentas e seis das 208 primeiras faculdades norte-americanas foram fundadas sobre a fé cristã. A Universidade de Harvard, inicialmente um seminário cristão, serve como um excelente exemplo. Um dos documentos de sua fundação declara que Cristo é o único fundamento de uma sã educação:

Que cada estudante seja plenamente instruído e diligentemente levado a bem considerar que o fim último de sua vida e estudos é conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna (João 17:3) e, portanto, lançar Cristo na base, como o único fundamento de todo sã conhecimento e aprendizado. “E, visto que somente o Senhor dá sabedoria, que cada um se disponha seriamente através da oração secreta a buscá-lo (Provérbios 2.3)”.¹⁵⁷

Identificar os princípios presentes em um componente curricular auxilia os educandos e as educandas no aprendizado de toda uma vida, não apenas como

¹⁵³ Tradução: “Ensinando e aprendendo a história cristã da América: a Abordagem por Princípios”. (Tradução nossa.)

¹⁵⁴ Tradução: “A história cristã da Constituição”. (Tradução nossa.)

¹⁵⁵ SLATER, Rosalie J. *Teaching and Learning Americas Christian History*. São Francisco, CA: FACE, 1965, p. 88.

¹⁵⁶ LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. AEECEP, 2006. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2.)

¹⁵⁷ SLATER, 1965, p. 88.

fonte de conhecimentos na informação ou fatos, mas preparando-os a “como aprender”. Albert Einstein¹⁵⁸ disse:

Se uma pessoa domina os fundamentos de sua área de conhecimento e sabe pensar e trabalhar de maneira independente, certamente encontrará o seu caminho e, além disso, estará mais bem capacitada a adaptar-se para aprender a adquirir conhecimento detalhado.

Webster¹⁵⁹ afirma:

Na busca de seus estudos, proponha-se a dominar qualquer coisa que tente aprender. Entenda bem os rudimentos ou primeiros princípios de cada área de estudo, seja literatura ou ciência. Os primeiros princípios geralmente são difíceis para os principiantes, mas quando se superam as primeiras dificuldades, o progresso será mais fácil e agradável.

Portanto, a Abordagem por Princípios pode ser considerada uma educação clássica, ou seja, de maneira prática significa que o currículo dá total importância às Ciências Humanas, aos clássicos de Literatura, Arte e Música, ao estudo das línguas, à lógica, à arte de pensar e raciocinar e à retórica, à arte de falar com propriedade, elegância e força.

O propósito da Abordagem por Princípios é estar submetida a toda e qualquer verdade bíblica, descartando tudo o que promova a depreciação. Segundo Filipenses (4.8)¹⁶⁰, essa Abordagem segue uma corrente mais elevada de cultura, abraçando o que inspira e eleva.

A próxima figura¹⁶¹ remete visualmente à essência apresentada na Abordagem:

¹⁵⁸ EINSTEIN, Albert. In: LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. Belo Horizonte: AECEP, 2006, p. 10.

¹⁵⁹ WEBSTER, Noah. In: LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. Belo Horizonte: AECEP, 2006, p. 10. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2).

¹⁶⁰ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁶¹ Slides da Sessão Temática no 23º Workshop de Ana Beatriz Rinaldi.

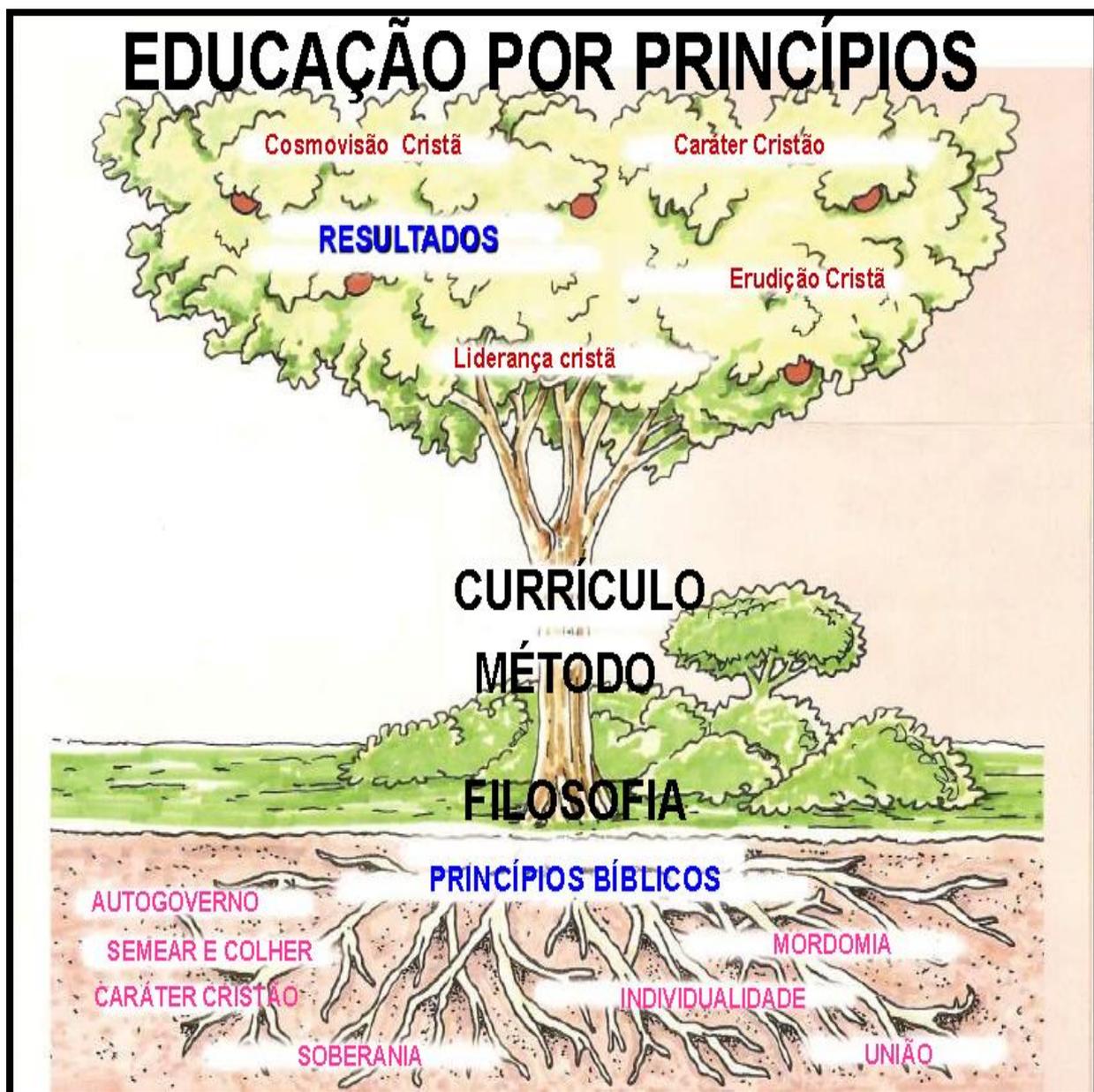


Figura 6: Abordagem da Educação Por Princípios.

Uma abordagem, para que seja considerada uma abordagem educacional sustentável do ponto de vista pedagógico, deve ter uma fundamentação filosófica, uma fundamentação metodológica e uma curricular. A fundamentação filosófica trata do porquê de educar, da natureza do ser humano ao qual se deve educar e, portanto, do objetivo final a ser atingido com a educação. A fundamentação metodológica aborda os métodos necessários para que sejam atingidos os objetivos estabelecidos pela filosofia que embasa a abordagem pedagógica, e, por último, a fundamentação curricular preocupa-se com os conteúdos que devem ser

ensinados e com aqueles que devem ser evitados, para que sejam atingidos os objetivos estabelecidos na respectiva filosofia educacional.¹⁶²

2.5.1. O que é “princípio”

A palavra “princípio” significa a origem, primeira causa, uma raiz, uma fonte verdadeira. Princípios bíblicos são verdades fundamentais extraídas da Palavra de Deus que expressam seu caráter e sua natureza, sendo aplicáveis a quaisquer situação e época. Os princípios ajudam o ser humano a discernir e usar o conhecimento corretamente (sabedoria).

Exercitar princípios bíblicos chaves no processo de ensino e aprendizagem conduz à formação de padrões de pensamento consistentes com a Palavra de Deus. Princípios também são ideias-guias, rudimentos de conhecimento – apropriar-se deles permite dominar um assunto por sua base. Ensinar com uma abordagem de princípios implica buscar a fonte, entender os fundamentos, agir consistentemente.

Webster¹⁶³ define “princípio” como:

A causa, fonte ou origem de algo; aquilo do que algo procede; uma verdade geral; uma lei que compreende muitas verdades subordinadas; como os princípios de moralidade, de lei, de governo, etc. A palavra “princípio” significa a origem, a causa, um rudimento, uma verdade absoluta. Um princípio é algo que não muda, difere-se de uma opinião, de uma boa ideia, não é relativo e não está preso a um contexto histórico, a uma época específica ou a um costume. A Bíblia é um livro que contém inúmeros princípios, verdades absolutas que não se prendem ao contexto histórico ou à época em que foram escritas: São princípios, verdades eternas.

2.5.2. Filosofia da Educação por Princípios

A filosofia da Educação por Princípios é centrada na moral cristã, tendo a Cristo como fundamento e modelo. Aponta quem ou o que está governando ou direcionando a situação, ensinando a pensar do interno para o externo. Opõe-se à

¹⁶² AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015. p. 37.

¹⁶³ WEBSTER, Noah. In: LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. Belo Horizonte: AECEP, 2006. p. 9. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2.)

visão humanista e relativista, acreditando que estas distorcem o sentido do conhecimento ao fundamentá-lo no ser humano, sem compromisso moral.

Para que uma educação seja considerada cristã ela deve ser pautada na Bíblia e em três pontos: Filosofia (por que), Currículo (o que) e Método (como). Na abordagem, a educação não é neutra, mas pressupõe a formação de caráter com base moral e espiritual. Está fundamentada na visão geracional, ou seja, uma geração é responsável por transmitir à próxima geração o conhecimento de Deus e o conhecimento de todas as áreas da vida através de uma cosmovisão cristã. Com essa visão, os pais são os responsáveis pela educação dos seus filhos, mas contam com educadores e educadoras comissionados por eles para ajudarem nessa tarefa educacional.¹⁶⁴

De acordo com I Colossenses (3.10)¹⁶⁵, o “como” se constrói é tão importante quanto “o que” se constrói. Usar métodos bíblicos para ensinar é essencial se desejar alcançar os resultados esperados. Como exemplo, pode-se ler em Provérbios 22.6¹⁶⁶: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele.”

Ensinar e aprender são processos naturais e relacionais, de tal forma que o coração e a mente do educador e da educadora interagem com a mente e o coração do educando e da educanda. Esse método de educação libera o potencial do indivíduo, forma caráter cristão, constrói uma erudição baseada numa cosmovisão cristã e habilita líderes servidores. A filosofia educacional tem a Bíblia e seus princípios como fundamento central para basear todo o processo educacional. A abordagem apresenta uma visão cristã da criança, reconhecendo que esta tem um potencial e um propósito únicos na vida, determinados por Deus, e, portanto, todo trabalho educacional tem como objetivo despertar esse potencial e a razão existencial, auxiliando a criança a ser aprendiz por toda a vida.¹⁶⁷

A Educação por Princípios é uma maneira de ensinar e aprender tendo a Palavra de Deus como essência de cada componente do currículo escolar. Na aplicação dessa metodologia, o educando e a educanda pensa e aprende através

¹⁶⁴ LYONS, Max T. *Fundamentos para estabelecer uma escola na Abordagem por Princípios*. AECEP, 2007. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 4.)

¹⁶⁵ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁶⁶ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁶⁷ Cf. LYONS, 2007.

de princípios. O slide¹⁶⁸ abaixo esclarece a ideia e mostra, de uma forma mais detalhada e visual, a proposta da Abordagem por Princípios:



Figura 7: Relações na Educação por Princípios.

A filosofia da Educação por Princípios é a explicação de todos os fenômenos relacionados à prática educativa: a concepção de ser humano, da razão pela qual a educação é necessária, de a quem compete ensinar, do que deve ser ensinado e com quais ferramentas e métodos tal ensino será realizado. Tudo isso é

¹⁶⁸ Slides da Sessão Temática no 23º Workshop de Ana Beatriz Rinaldi.

parte da filosofia da abordagem da Educação por Princípios, mas igualmente de qualquer abordagem pedagógica.

2.5.3. Currículo na Educação por Princípios

O currículo da Educação por Princípios define um contexto de aprendizagem consistente, integrando os componentes curriculares sob a perspectiva da soberania de Deus e Seu propósito na Criação. Por exemplo, no *site*¹⁶⁹ do Instituto de Educação Cristã Imago Dei¹⁷⁰ a direção descreve o currículo como uma experiência viva do educador e da educadora com os educandos e as educandas, através de seu exemplo e domínio do componente curricular. Opõe-se à apresentação fragmentada e meramente informativa dos componentes curriculares, que não promove no educando e na educanda uma visão integrada e responsável.

Segundo Ana Beatriz Rinaldi, em sua apresentação no workshop¹⁷¹ da AECEP para iniciantes na Abordagem por Princípios, o currículo da EP deve responder às seguintes questões:

- ✓ Como o referido componente curricular pode ser usado para promover o Evangelho ou cumprir a grande comissão?

- ✓ Como este componente curricular ajuda a tomar domínio sobre o ambiente?

- ✓ Por que um cristão deve estudar este componente curricular?

- ✓ O que vai ensinar ao educando e a educanda e levá-los a crescer à imagem de Cristo?

- ✓ Como este componente curricular pode ser usado em casa, na igreja e no governo civil (instituições divinas) para cumprir os propósitos de Deus?

O foco norteador desta abordagem encontra-se no respeito ao indivíduo como ser integral, ou seja, leva em consideração a crença de que o ser humano é constituído de corpo, alma e espírito, e de que todos esses aspectos devem ser tratados com a mesma importância e atenção. O objetivo é a formação cidadã de

¹⁶⁹ INSTITUTO IMAGO DEI. Disponível em: <<http://imagodei.com.br/>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

¹⁷⁰ Instituto Imago Dei é uma escola associada a AECEP e utiliza a abordagem da EP.

¹⁷¹ Workshop realizado em Maio de 2014 em Minas Gerais-MG.

seus educandos e suas educandas através da garantia de uma educação de qualidade, e, principalmente, a formação do caráter cristão nos mesmos, através do ensino dos princípios bíblicos inseridos em seu conteúdo diário.

A escola que adotar esta abordagem visará a formar pessoas que se preocupem em projetar seu futuro baseando-se no compromisso com as verdades bíblicas, com a dignidade e a esperança. Buscando, também, oferecer a todos os que fizerem parte dessa da escola uma visão clara do referencial pedagógico de formação de caráter, por meio de cursos de qualificação e formação continuada, para que possam infundir em seus educandos e suas educandas crenças como as de que: Deus é o autor de todo conhecimento; o temor do Senhor é o princípio de toda a sabedoria; “as Escrituras Sagradas constituem o maior registro de toda a verdade; e essas verdades são transversais a qualquer área do conhecimento no interior dos componentes curriculares, e, quando aplicadas com inteireza, produzem efeito duradouro e restaurador”.

A proposta desta abordagem defende ainda que o conhecimento escolar adquirido deve servir para a melhoria de vida. É dever da escola fortalecer, junto a seu alunado, a ideia de que os pais são autoridades diretas sobre os filhos e, conseqüentemente, os principais responsáveis por sua educação. Acredita-se que o fortalecimento de instituições como família, governo civil, igreja e escola é o principal aliado da educação de uma nação, uma vez que a formação cidadã tem a sua base inicial na família, tendo a escola como local de consolidação dessa formação para uma vida em sociedade.

Sua filosofia está comprometida com a formação integral dos educandos e das educandas, para o pleno desenvolvimento do seu temor a Deus e das suas potencialidades, pois entende que os principais pontos da filosofia da educação cristã devem estar pautados nos princípios bíblicos do conhecimento e no reconhecimento de que Deus é o princípio de todo conhecimento e toda sabedoria.

Toda proposta de educação de alguma forma é confessional. Porém, o entendimento corriqueiro que se tem é que o termo “confessional” está relacionado substancialmente com uma educação religiosa, quando, na verdade, todas as escolas, de forma explícita ou tácita, confessam seus pressupostos. A partir dessa convicção, ou seja, da percepção clara da inexistência da neutralidade não somente na educação, mas em qualquer âmbito da vida social, é necessário que

se pense na questão da confessionalidade nas propostas curriculares das escolas, uma vez que esta se torna evidente, não só em sua proposta pedagógica, mas também nas atividades propostas, nos materiais didáticos, enfim, no currículo em ação de uma escola.

Segundo Elizabeth Youmans¹⁷², a Bíblia deve ser central para todos os componentes curriculares. Porém o autor ressalta que não é a quantidade de Bíblia ensinada o mais importante, mas sim os princípios bíblicos que permeiam os currículos em todos os níveis e em cada componente curricular (Salmos 19.8).¹⁷³ É raciocinar com a revelação da verdade bíblica que ilumina todos os componentes curriculares. Um fundamento bíblico é colocado em cada componente curricular e os princípios revelam a natureza e o caráter de Deus através delas. A Bíblia promove o critério pelo qual todos os componentes curriculares são julgados.

2.5.4. Metodologia da Educação por Princípios

A proposta da metodologia da Educação por Princípios é desenvolver o raciocínio criativo e construir o conhecimento através da pesquisa, fundamentando seu aprendizado na aplicação de princípios bíblicos. O ensino é visualizado como um processo individual, adequado à necessidade de cada criança. Opõe-se a métodos pré-fabricados e consumistas, que acarretam dependência do meio psicossocial.

Webster¹⁷⁴ define método como:

Organização adequada e conveniente das coisas, procedimentos ou ideias; a disposição natural ou regular de coisas ou partes separadas; a ordem conveniente de se conduzirem transações comerciais ou para se compreender qualquer assunto complicado.

Segundo Lyons¹⁷⁵, os métodos de ensino são as aplicações de uma filosofia de educação às práticas da sala de aula. São extremamente importantes e o autor enfatiza que não são neutros. O apóstolo Paulo conclamou, aos Coríntios, que considerassem a importância dos métodos: “Lancei eu como sábio Construtor

¹⁷² YOUNMANS, Elizabeth. Christian Curriculum Design. In: *Workshop de Educação Escolar Cristã*, 15, 2006, São Paulo.

¹⁷³ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁷⁴ WEBSTER, 2006, p. 11.

¹⁷⁵ LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. Belo Horizonte: AECEP, 2006, p. 11. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2.)

o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele (3.10).”¹⁷⁶ Lyons lembra que a Abordagem por Princípios determina que o interno dá vazão (ou causa) ao externo.

Na metodologia da Educação por Princípios são utilizados quatro passos no processo de Ensino e da Aprendizagem: PESQUISAR (incluindo a fonte bíblica do assunto a ser estudado), RACIOCINAR (identificando os princípios do assunto), RELACIONAR (perguntando-se o que isso significa para a própria vida, a sociedade e o mundo) e REGISTRAR (sintetizando o assunto estudado com as próprias conclusões).

Este processo é considerado como uma forma de estudo e investigação que proporciona o raciocínio em qualquer área da vida do educando e da educanda; consiste em seguir todas as etapas, sem omitir nenhuma delas, toda vez que se inicia um assunto diferente do que já foi visto.¹⁷⁷

Assim que o educador e a educadora disponibilizam o assunto, os educandos e as educandas já começam a *pesquisar*, sendo que as fontes utilizadas são várias: dicionários, enciclopédias, livros e Internet, entre outros, e tudo que foi encontrado é levado para a próxima aula. Em sala com o material obtido, começa então a parte de *raciocinar*, depois de uma socialização do que foi encontrado pela turma. Cada educando e educanda tem a oportunidade de raciocinar com base no que procurou, tentando considerar, meditar e ponderar de maneira que a pesquisa o conduza a pensar e criar um relacionamento com o mundo.

O próximo passo é *relacionar* o assunto em questão com as diversas áreas, como, por exemplo: a vida, a escola, a família e principalmente outros componentes do currículo escolar. Por último se tem, então, a parte de *registrar*, sendo que o educando e a educanda, após pesquisar, raciocinar e relacionar, tem agora a oportunidade de registrar em seus fichários o resultado de todo o seu trabalho.

O fichário torna-se algo tão importante e individual porque este método é utilizado em todos os componentes curriculares, e, como os registros são pessoais,

¹⁷⁶ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁷⁷ ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS CRISTÃS DE EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS, s.d. Disponível em: <<http://www.aecep.com.br/>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

o educando e a educanda tem a possibilidade de futuramente recorrer aos seus registros como forma de estudo e futuras pesquisas.

Pode-se assim observar que a Abordagem por Princípios prioriza o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do respeito ao bem comum, bem como a inserção da ética na vida dos educandos e das educandas, tendo assim o compromisso de cumprir todos os conteúdos propostos, porém, pautados em textos bíblicos, que têm como função nortear as práticas pedagógicas de uma escola sem perder de vista os Parâmetros Curriculares Nacionais.¹⁷⁸

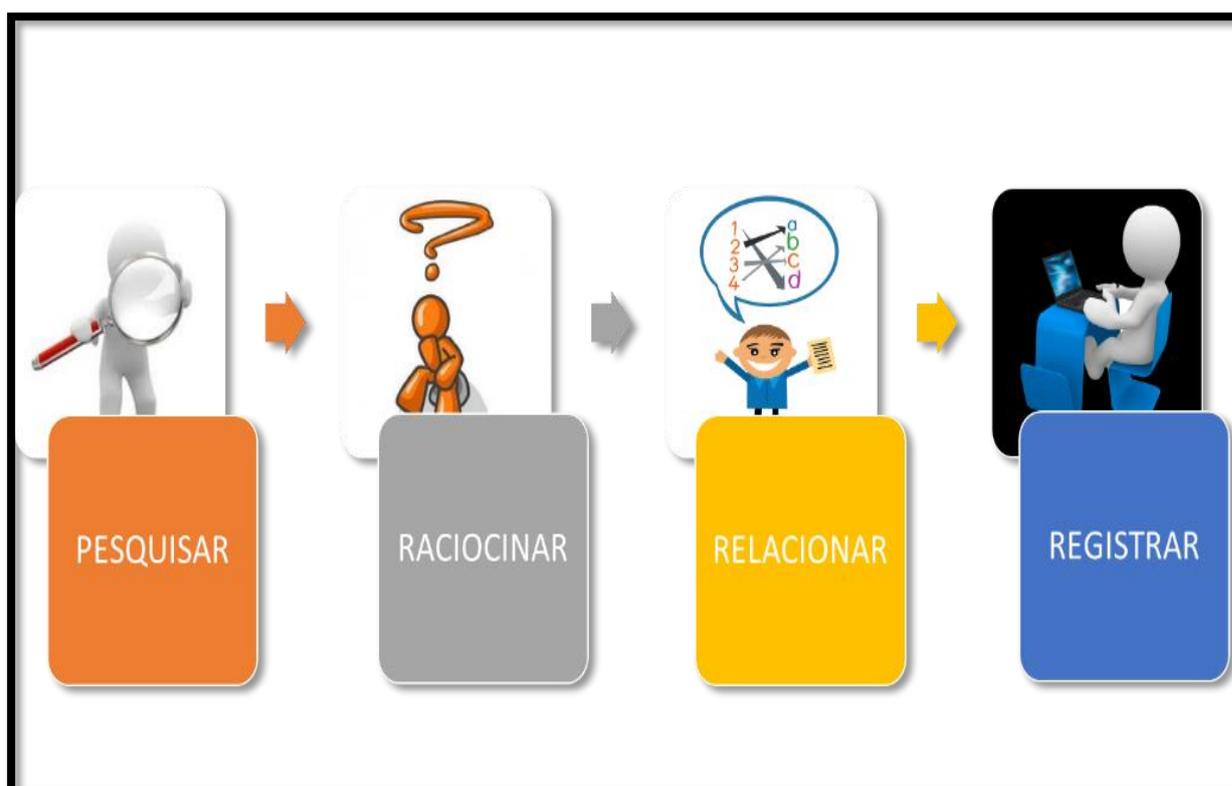


Figura 8: Sequencia ilustrativa do Método utilizado na EP

Conforme visualiza-se na sequencia ilustrativa acima, segue a sugestão de roteiro para aplicação do processo metodológico utilizado nesta abordagem:

1. Pesquisar

¹⁷⁸ Cf. BRASIL, 1998.

a. Pesquise seu assunto, de preferência no dicionário de Webster 1828. Se o seu tópico for uma palavra que não estiver no dicionário, use um sinônimo.

b. Escreva a definição e sublinhe ou destaque as palavras-chave da definição.

c. Pesquise as palavras-chave, de preferência no dicionário Webster 1828. Repita esse processo até ter coberto o vocabulário do seu tópico.

d. Pesquise em sua concordância bíblica cada uma das palavras identificadas e anote as referências bíblicas-chave.

e. Pesquise as referências bíblicas e comece a escrever o que a Bíblia ensina sobre seu tópico. Aprecie a riqueza do estudo.

f. Pesquise em fontes primárias, enciclopédias, livros, Internet e discirna entre a cosmovisão apresentada e o que a pesquisa bíblica lhe revelou. Identifique: criação, queda e redenção do assunto.

2. Raciocinar

a. “Raciocinar com base nos princípios Bíblicos, para identificá-los nos componentes curriculares do currículo escolar.”¹⁷⁹

b. “Concluir com base em princípios, inferir conclusões, deduzir novos conhecimentos propostos a partir de propostas prévias.”¹⁸⁰

c. Depois de pesquisar é preciso raciocinar, analisando as definições, passagens bíblicas e outras fontes que estudou, e ver que princípios gerais podem ser deduzidos a partir da pesquisa.

3. Relacionar

a. “É a relação pessoal dos princípios bíblicos com cada educando e cada educanda.”¹⁸¹

b. “Relacionar os detalhes de um evento, restaurar, unir por enlace ou parentesco.”¹⁸²

¹⁷⁹ SLATER, 1965, p. 92.

¹⁸⁰ WEBSTER, Noah. *American Dictionary of the English Language* (Dicionário Americano de Língua Inglesa). São Francisco, CA: F.A.C.E., 1967.

¹⁸¹ SLATER, 1965, p. 93.

c. Ao relacionar o tópico, deve-se aplicá-lo:

– Ao contexto do educando e da educanda: vida, família, comunidade, cidade, Estado, país e mundo.

– A outros componentes no currículo, integrando, portanto, o conhecimento.

– À história providencial e à corrente do Cristianismo em direção ao Ocidente.

4.Registrar

a. “Cada educando e cada educanda registrando por escrito a respeito da aplicação individual de cada princípio.”¹⁸³

b. “[...] escrever, registrar em um livro ou papel, qual o propósito de preservar uma evidência autêntica e correta de algo, fazer com que algo seja recordado.”¹⁸⁴

c. Os educadores e as educadoras e os educandos e as educandas fazem um registro escrito do que pesquisaram, raciocinaram e relacionaram. O educador ou a educadora estabelece o padrão desse registro, que exalta a erudição e incorpora a prática do PRRR.

d. O fichário é a ferramenta que se usa para organizar os resultados do trabalho intelectual tanto do educando e da educanda quanto do docente.

2.5.5. Ferramentas Pedagógicas da Educação por Princípios

Os métodos e o currículo da Abordagem por Princípios permitem a liberdade e expressão criativa para satisfazer às necessidades reais dos estudantes de maneira plena. Relembrando que na abordagem cada criança é vista como um indivíduo de infinito valor, feita à imagem de Deus e digna de respeito.

¹⁸² Cf. WEBSTER, 1967.

¹⁸³ SLATER, 1975, p. 94.

¹⁸⁴ Cf. WEBSTER, 1967.

A Educação por Princípios utiliza várias Ferramentas Pedagógicas que produzem resultados esperados numa educação clássica: Fichário/Caderno de Anotações (o registro personalizado da aprendizagem), Linha de Tempo (ganha-se uma perspectiva providencial da história), Constituição de Classe (estabelece governo na sala de aula), Estudo de Palavras-Chave (desenvolve vocabulário rico, blocos construtores de ideias), Redação tipo Ensaio (desenvolve a habilidade de expressar ideias e conhecimentos adquiridos), além de trabalhar o Programa de Literatura e Biografias e de Belas Artes, Celebração de Aprendizagens, Projetos como Oportunidade de Serviço, entre outros.

Por exemplo: todo ano as escolas se preparam para a chegada dos educandos e das educandas. As escolas adotantes da Abordagem por Princípios se preparam de uma forma diferenciada. Para uma melhor compreensão dos princípios que serão vivenciados todos os dias, é feita uma semana especial, a *Semana do Estabelecimento do Governo*, quando, no período de oito dias, as crianças têm a oportunidade de aprender melhor sobre o funcionamento da escola. Essa explicação nem sempre se dá apenas mediante aulas expositivas, mas é feita também através de teatros, contação de histórias e rodas de conversa nas salas.

O primeiro aspecto apresentado a eles é a hierarquia da escola, que funciona como um país governado por uma autoridade, assim a necessidade de um diretor para orientar o andamento da escola. Na sala de aula a autoridade representativa é do educador ou da educadora, porque no momento em que estão com eles os pais delegaram essa autoridade, por isso é tão importante que haja sempre respeito, já que eles aprendem a ver o educador e a educadora como se fossem seus pais.

Entendido sobre as autoridades, agora eles vão aprender por que é preciso existir um território: a própria casa é um lugar muito especial e, quando se está na escola, a sala de aula passa a ser então esse lugar e, sendo assim, recebe um nome, escolhido pelo educador ou pela educadora, e no dia da entrega do nome da sala é feita uma decoração bem alegre, porque é motivo de festa a conquista do território pelos educandos e pelas educandas.

Após a chegada ao território surgem as leis, porque, se um país necessita de leis para que haja uma ordem, na escola e na sala de aula não poderia ser diferente; é elaborada então a Constituição da Sala, feita em conjunto pelo

educador ou educadora e os educandos e as educandas. Depois da escolha das dez leis que vão reger a sala durante todo o ano, os educandos e as educandas assinam como se fosse um termo de responsabilidade de cumprimento da lei que os mesmos ajudaram a elaborar.

Como é um momento solene, pode ser feito um bolo em formato de coração com as leis escritas, representando que estas devem ser entendidas e guardadas em cada coração.

Também nesta semana ocorre a entrega dos fichários, estes são utilizados a partir do 1º ano, desta forma a criança já começa a trabalhar o princípio de mordomia e ter mais responsabilidade com seus objetos, obtendo a oportunidade de criar a capa de cada componente e organizar todos os dias as folhas utilizadas em aula.

Mais um exemplo: quando a criança vai para o 5º ano, ela tem uma enorme expectativa sobre a utilização da caneta, e por esse motivo é organizado um momento especial com os pais, a *Cerimônia da Caneta*, quando eles entregam a seus filhos um kit de caneta, demonstrando uma nova fase na vida deles, na qual terão a oportunidade de experimentar algo novo, mas com responsabilidade, e poderão errar e acertar conforme as suas escolhas.

Abaixo pode-se visualizar um quadro¹⁸⁵ que apresenta as principais ferramentas pedagógicas propostas pela abordagem de ensino e aprendizagem da Educação por Princípios:

¹⁸⁵ RINALDI, Ana Beatriz. Educação por Princípios para iniciantes. In: WORKSHOP DE EDUCAÇÃO ESCOLAR CRISTÁ, 23, 2014, Jaboticatubas. Slides disponibilizada da Sessão Temática.

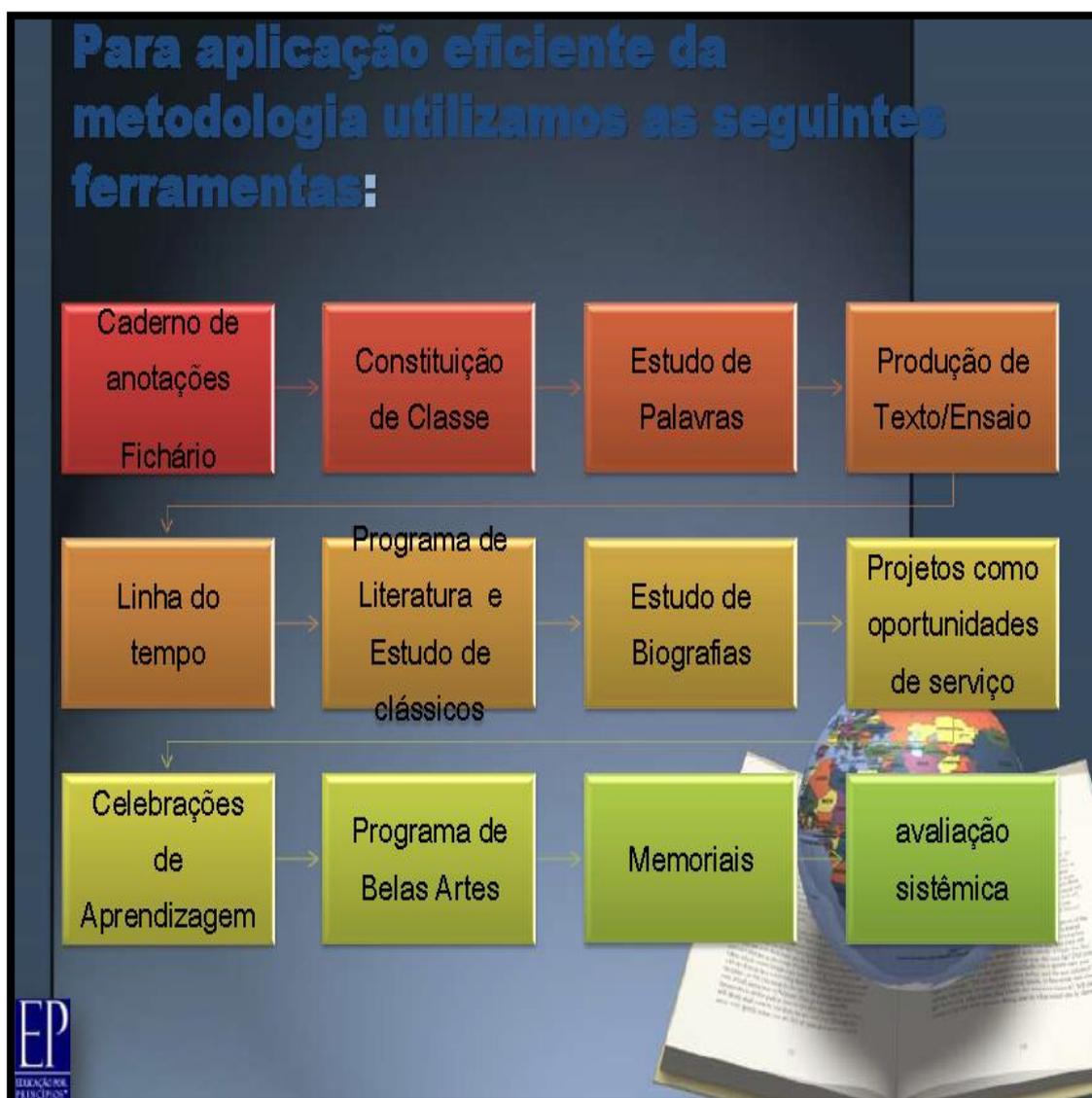


Figura 9: Ferramentas Pedagógicas da Abordagem EP.

2.5.6. Princípios bíblicos

A proposta neste momento é apresentar os sete princípios apontados na pesquisa de Rosalie Slater (1960). São considerados na abordagem como princípios de governo. Esses mesmos princípios são padrões de pensamentos que poderão ser identificados em muitos lugares na Bíblia, como também em situações da vida, pois fazem parte da organização implícita da Criação.

Segundo a abordagem, pode-se raciocinar através destes princípios e conduzir os pensamentos à tomada de decisões seguras com base nos padrões de pensamento do próprio Criador. Esses mesmos princípios são encontrados

regendo todo o mundo natural, como também é possível identificá-los em cada componente curricular ou assunto acadêmico, permitindo fazer associações para questões morais e espirituais.

Numa escola cristã o currículo é sempre apresentado para nutrir as quatro dimensões, ou seja, física, intelectual, moral e espiritual, e assim contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

1.Caráter cristão

O princípio de Caráter não pode ser visto como uma marca superficial, é algo profundo que leva à renovação e à transformação notórias, em que as atitudes e decisões serão uma consequência das marcas e das características formadas em cada ser humano desde criança.

Hélvia Brito¹⁸⁶ define a palavra “caráter” como uma marca feita por meio de cortar, gravar, raspar, imprimir. Essa marca é feita no ser humano por pressão ou conflito. O desejo de Deus é ver o caráter de Jesus sendo formado no ser humano. Para que isso aconteça, este passa por pressões e conflitos. O apóstolo Paulo fala em Gálatas 4.19: “Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós.”¹⁸⁷

2.Autogoverno

O Autogoverno resume-se em desde pequeno ter um controle de seu querer: às vezes é necessário que a mãe ensine à criança que não pode comer doce e balas sempre que quiser, e muitas vezes ela precisa dizer não, e é nessa hora que esse princípio começa a ser trabalhado em uma vida. Exercer o domínio próprio não é satisfazer os próprios desejos ou aos dos outros, e sim ter discernimento em cada atitude que se toma. “Mas o fruto do Espírito Santo é: amor,

¹⁸⁶ BRITO, Hélvia Alvim Freitas. *Cristãos em Tempo Integral*. 5. ed. Igreja Batista da Lagoinha, 2011. p. 35.

¹⁸⁷ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.”¹⁸⁸ (Gálatas 5.22-23.)

Segundo Brito¹⁸⁹, o plano de Deus é que se façam escolhas, que o ser humano não seja robô ou marionete. O alvo, como pais e educadores e educadoras, deve ser que os educandos e as educandas cresçam e precisem de menos governo externo, menos comandos, e tenham mais governo interno. Governo interno é domínio próprio.

3.Individualidade

Com relação ao Princípio Individualidade, ele mostra a importância de respeitar a individualidade do outro e tratar cada pessoa, cada situação considerando as características únicas que envolvem cada um, e por isso é tão importante que não seja confundido com o individualismo, o qual, por sua vez, mostra exatamente o extremo da individualidade que leva o ser humano a não respeitar o outro e faz da divergência de ideias um motivo de conflitos. Ao compreender esse princípio, automaticamente possibilita a forma de o ser humano se relacionar com as pessoas, compreendendo e aceitando seus limites, passando a considerar o contexto de cada um.

Brito¹⁹⁰ afirma que a Individualidade é uma existência única com características distintas. Tudo o que Deus criou foi de maneira única, os dias da Criação, o homem e a mulher. Por toda a Escritura pode-se ver Deus trabalhando de maneiras diferentes com pessoas, nações e cidades.

4.Soberania

O Princípio de Soberania leva a refletir sobre razão, autoridade. Assim como a presidente do Brasil tem a responsabilidade de delegar responsabilidades aos seus ministros, os pais delegam tarefas em casa, e futuramente as crianças terão que exercer essa autoridade, porém o mais importante é que elas não

¹⁸⁸ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁸⁹ BRITO, 2011, p. 54.

¹⁹⁰ BRITO, 2011, p. 61.

confundam soberania e soberanismo, achando que se algo acontece é porque tem que acontecer.

Brito¹⁹¹ descreve que Deus tem o governo, o controle de tudo, é o Criador e o Mantenedor. Ele é soberano. Essa verdade está contida em toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. Se for aceito como um princípio, um absoluto, deve-se viver reconhecendo a autoridade de Deus na vida. É interessante saber que somente alguém que é soberano e tem autoridade pode delegar a outros funções e responsabilidades.

5.Semeadura e colheita

Já o Princípio de Semear e Colher é um princípio claro e fácil de se entender, pois todos têm alguma experiência de colher o que é semeado, colheitas boas ou ruins, dependendo da semente. Semear boas coisas, muitas vezes, pode ser um processo doloroso que requer paciência. A colheita depende da qualidade da semente, da terra onde esta foi plantada, dos cuidados durante o crescimento e da perseverança.

“Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.”¹⁹² (Gálatas 6.7.)

6.Mordomia

A palavra “mordomia”, neste contexto, significa cuidado, zelo, administrar tanto propriedades externas como internas, é semelhante ao trabalho de um mordomo que cuida de uma propriedade ou casa da melhor forma possível, como se fosse dele próprio, porque sabe que terá que prestar contas do que foi confiado aos seus cuidados. Quando se ensina as crianças sobre esse princípio, enfatiza-se o cuidado com os materiais escolares que elas recebem para cuidar e dos quais possivelmente terão que prestar contas.

Brito¹⁹³ afirma que se pode ver essa verdade por toda a Bíblia, desde o Éden onde Deus colocou Adão para que cultivasse e guardasse a terra: “Tomou,

¹⁹¹ BRITO, 2011, p. 54.

¹⁹² Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.”¹⁹⁴ (Gênesis 2.15.) Esse era um exercício de mordomia para Adão. Deus sempre deu coisas para serem cuidadas, tanto propriedades internas como externas: o corpo, a mente, os bens materiais, dons, filhos, pessoas, o ministério, a natureza... “Não te faças negligente para com o dom que há em ti”.¹⁹⁵ (1 Timóteo 4.14.)

7. Aliança

O Princípio de Aliança, também denominado União, completa o Princípio de Individualidade: todas as coisas, mesmo tendo características distintas, vivem em harmonia. Na própria natureza cada elemento possui características diferentes, formando um todo harmônico – a água, as plantas, a terra, os animais e o ser humano formam uma cadeia e, quando alguém dessa cadeia falta, acontece o que se chama de desequilíbrio. Por isso é tão importante entender que a união acontece pelo fato de se estar em aliança, pacto, acordo, e não pelo fato de ser igual, o que seria impossível.

Exemplo de Aplicação dos Princípios Bíblicos Básicos¹⁹⁶

Princípio	Interno	Extremo	Externo	Extremo	Equilíbrio
Soberania	Poder	“Eu não planejo, tão somente sou guiado pelo Espírito”	Forma	“O Espírito de Deus sempre trabalha dentro de meu plano. Não gosto de mudanças”	“Vou planejar meu dia, mas serei sensível à direção do Espírito de Deus”
Individualidade	Unidade	“Farei o que é correto aos meus próprios olhos”	Diversidade	“Farei o que é correto aos olhos do grupo, para ser aceito”	“Farei o que é correto aos olhos de Deus, ainda que isso implique em fazê-lo

¹⁹³ BRITO, 2011, p. 41-42.

¹⁹⁴ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁹⁵ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

¹⁹⁶ Parent-Teacher Training Manual of The New Testament Christian School, by Paul W. Jehle *Teaching and Learning America's Christian History: The Principle Approach*, by Rosalie Slater – Fonte: Instituto Imago Dei.

					sozinho”
Governo	Autogoverno	“Eu não respondo a ninguém, a não ser a Cristo e não necessito de acompanhamento de ninguém”	Lar, igreja e governo civil	“Constantemente busco controle sobre os demais, através da manipulação e da intimidação”	“Quanto mais controle interno demonstro, menos controle externo necessito. Nas áreas em que sou fraco, reconheço minha necessidade de autoridade externa”
Caráter	Fé	“Qualquer coisa que acontece é da vontade de Deus”	Obras	“Se eu trabalhar duro e for organizado, disciplinado e sofrer por Cristo, aí então serei ungido”	“Eu me esforço por ceder ao Espírito de Deus, demonstrando minha fé através de minhas obras”
Mordomia	Consciência	“Eu não deveria ser produtivo, já que muitos têm tão pouco. Quanto menos tenho para cuidar melhor, e provocarei menos culpa e condenação nos outros”	Propriedade	“Quanto mais possuo, mais respeitado e honrado sou por Deus, e, portanto, também pelos homens”	“Eu serei produtivo com todos os meus recursos e assumirei minha responsabilidade de dar a outros, de forma a ajudá-los a serem independentemente e produtivos”
Semeadura e Colheita	Semente	“Somente crescerei conforme me exponha às condições ideais, esperando que Deus trabalhe por mim, sem necessidade de qualquer preparo de minha parte”	Fruto	“A unção de Deus e as boas ações sempre estarão à disposição quando eu necessitar. Assim, não preciso me preocupar com nenhum tipo de disciplina”	“Crescer em Cristo toma tempo e deve incluir arar o coração, uma boa semeadura (Palavra de Deus) regar e podar, antes que o bom fruto apareça”
Aliança	Unidade	“Não posso unir-me com ninguém, pois isto destruiria minha liberdade. E também não estou de acordo com ninguém, já que sou parte de um pequeno	União	“Meus compromissos e lealdade estão direcionados para a igreja e o Estado como instituições, para produzir	“Buscarei unir-me num pacto com aqueles com quem estou de acordo em princípios, limitando o pacto ao propósito de tal união”

		remanescente que ainda serve a Deus”		paz e não causar qualquer comoção”	
--	--	--------------------------------------------	--	---------------------------------------------	--

A seguir apresenta-se o modelo¹⁹⁷ sugestivo de interação entre os componentes curriculares e os princípios: os componentes curriculares são apresentados de forma paralela, apenas para visualização do corpo de conhecimentos similares, porém, ao longo do processo eles tecem juntos a compreensão da realidade geral através de sua interação. A interação dos princípios é similar à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs¹⁹⁸ para os temas transversais.

¹⁹⁷ Parent-Teacher Training Manual of The New Testament Christian School, by Paul W. Jehle *Teaching and Learning America's Christian History: The Principle Approach*, by Rosalie Slater – Fonte: Instituto Imago Dei.

¹⁹⁸ Cf. BRASIL, 1998.



Figura 10: Componentes curriculares integrados aos Princípios Bíblicos.¹⁹⁹

Segundo Borges²⁰⁰, o alvo da Educação por Princípios é sempre o desenvolvimento de uma visão cristã da vida. Para que isso ocorra, requer a formação de um padrão bíblico de pensamento, o que inclui análise e interpretação da realidade com base nas orientações registradas nas Escrituras. Além da utilização de temas bíblicos para o ensino de conceitos, é essencial que os educadores e as educadoras procurem aproveitar todas as oportunidades para comunicar os princípios bíblicos através de cada conteúdo acadêmico.

¹⁹⁹ No fluxo não consta o componente curricular de ensino religioso separadamente porque a educação por princípios se dá em todas as componentes abordando os temas interdisciplinarmente.

²⁰⁰ Cf. BORGES, 2014.

Borges²⁰¹ enfatiza que o alvo da abordagem é afetar toda a personalidade, alterando padrões de pensamentos para que estes sejam refletidos através de atitudes conscientemente dirigidas para a glorificação do nome de Deus.

2.5.7. Guia Curricular e Metodológico – SIRE

Em maio de 2014 surgiu o Guia Curricular e Metodológico – SIRE²⁰², para auxiliar educadores e educadoras na aplicação da abordagem da Educação por Princípios. Idealizadores do projeto, Roberto e Ana Beatriz Rinaldi foram pioneiros na aplicação da Educação por Princípios no Brasil, primeiramente preocupados com os seus próprios filhos, posteriormente abrindo uma escola como forma de estender a outras famílias a oportunidade de serem coerentes com o que desejavam a seus filhos. A escola fundada pelo casal denomina-se Centro Renovo de Educação – CRE, e teve seu início em 1992, foi fundada pelo casal Roberto e Ana Beatriz com apoio da Missão Cristã de Integração da Família – MICIFA, hoje denominado Instituto Renovo.

Após 20 anos de pesquisas e experiências diárias, o Centro Renovo de Educação, por meio de seu mantenedor, o Instituto Renovo, oferece aos educadores e às educadoras e pais um manual para trabalhar os conteúdos exigidos legalmente, nos PCNs, dentro de uma cosmovisão cristã. “Entendemos que ensinar é um ato de amor que precisa ser aliado à técnica, contemplando filosofia e metodologia que conduzam educadores, educadoras, educandos e educandas a alcançarem os objetivos traçados para cada assunto”.²⁰³

Assim, com o apoio de empresários, um grupo de educadores e de educadoras familiarizados com a abordagem e com anos de experiência em sala de aula reuniu-se durante um período de dois anos para a elaboração do Guia Curricular, baseado nas experiências anteriores e em pesquisas desenvolvidas no decorrer desse tempo. O Guia, em forma de material apostilado, apresenta-se dividido em três partes: Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 – 1º ano ao 5º ano e Ensino Fundamental 1 – 6º ao 9º ano. No apêndice de cada apostila

²⁰¹ Cf. BORGES, 2014.

²⁰² Sistema Renovo de Ensino.

²⁰³ GUIA CURRICULAR E METODOLÓGICO: Sistema de Ensino Renovo. São Paulo: Editora SIRE, 2014. p. 8.

encontram-se orientações afirmando os objetivos e diferenciais desse guia metodológico. Dentre os objetivos, podem ser destacados:

Entendemos que a educação cristã tem como um dos seus principais objetivos formar nos alunos um caráter cristão, em que princípios da Palavra de Deus serão os referenciais nas tomadas de decisões e escolhas que farão ao longo da vida. Nos Planos de Curso, o professor vai encontrar a orientação sobre como trabalhar os conteúdos, objetivando não somente o aspecto cognitivo, mas também revelar Deus aos alunos. Os assuntos comuns a todas as escolas serão introduzidos dentro de uma cosmovisão cristã. A ciência, a matemática e todas as outras disciplinas são oportunidades de mostrarmos às crianças a Grande Obra de Deus por meio de Jesus Cristo. As virtudes e características de um Deus de Amor e Bondade permeiam os estudos, as pesquisas, os momentos de aprendizagem, as celebrações.²⁰⁴

Através dos objetivos destacados, percebe-se a preocupação em conduzir de maneira prazerosa os educandos e as educandas ao aprendizado. De acordo com a equipe editorial do Guia Curricular, os educandos e as educandas atualmente, desde muito cedo, estão diariamente expostos à mídia e a outras formas de contato com a informação. Os educadores e as educadoras, para lidar com essa situação, podem, com aulas criativas e práticas em que o conteúdo ganha significado por sua relação com o cotidiano e assuntos contextualizados, desenvolver nos educandos e nas educandas o gosto pelo aprender, o amor a Deus, à família e à nação.

O guia consiste em recursos para contribuir com o Planejamento de Ensino, ou seja, planos de pesquisa, pesquisa quatro passos, projetos como sugestão e referenciais teóricos. Os referenciais teóricos são artigos de autores que servirão de fundamentação e inspiração para sua formação e consequente prática em sala de aula.²⁰⁵ São textos sobre avaliação, inspiração, uso do fichário, visão da criança, poder do vocabulário bíblico e outros.

A equipe editorial do Guia Curricular recomenda que o mesmo seja visto como um instrumento em processo de construção. Apesar dos anos de experiência do corpo docente envolvido na elaboração do Guia, entende-se que o ensino é um processo dinâmico e está em constante mudança.

O diferencial deste Guia é que todos os conteúdos apresentados estão de acordo com as exigências legais do país, e ele traz embasamento numa filosofia

²⁰⁴ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 8.

²⁰⁵ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 8.

cristã, que é o olhar com perspectiva bíblica para os fatos históricos, científicos e artísticos.²⁰⁶

Buscamos desenvolver nas crianças uma capacidade de enxergar além das circunstâncias – observar, discernir, meditar no que vê. Esse olhar, para ser eficaz, precisa ser suprido de conceitos e princípios. Primamos por conceituar, definir palavras, pois elas são matéria-prima para novas ideias. Ensinamos aos alunos princípios de governo e princípios bíblicos que constituirão sua filosofia de vida, sua personalidade e o parâmetro para suas tomadas de decisões. A raiz de tudo que fizemos é a Palavra de Deus, ela está no centro do nosso currículo.²⁰⁷

Importante é a metodologia que será utilizada para colocar esta proposta em ação. De acordo com o Guia, é fundamental que a metodologia seja reflexiva para alcançar o aprendizado e despertar no educando e na educanda o desejo de aprender. A metodologia segue passos que facilitam a reflexão mais profunda do assunto que será estudado. Não basta apresentar um conteúdo de maneira tradicional, o educador e a educadora deve encarar o desafio de apresentar o assunto de maneira a despertar no educando e na educanda a curiosidade de aprender, bem como o aprender a ser e a fazer.²⁰⁸

A forma investigativa com que apresentamos os conteúdos permite que o aluno seja o protagonista do seu aprendizado, desenvolvendo nele autonomia, lançando as sementes para ser autodidata no futuro. Os conteúdos não estão prontos, mas precisam ser “descobertos”, analisados, comparados, sintetizados. Habilidades que se transformam em competências, competências que permitem criar estratégias de solução para problemas variados, mas reais.²⁰⁹

A proposta metodológica apresentada pelo Guia requer a formação de um educando e uma educanda que aprenda a transformar a informação em conhecimento, e que saiba utilizar esse conhecimento em benefício da sociedade em que vive, não pensando apenas em si mesmo, mas sendo capaz de articular ideias, defender causas e argumentar quando questionado sobre a razão de sua fé e dos princípios que defende.²¹⁰

Para que seja possível a aplicação deste Guia e se obtenham resultados conforme os objetivos apresentados, o Guia deixa clara a necessidade de formar

²⁰⁶ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 9.

²⁰⁷ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 9.

²⁰⁸ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 9.

²⁰⁹ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 9.

²¹⁰ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 10.

uma aliança com as famílias, ou seja, é fundamental a parceria com as famílias para que o empenho diário do educador e da educadora não fique prejudicado.²¹¹

A proposta do Guia Curricular e Metodológico vem a auxiliar na implementação da abordagem de ensino e aprendizagem na prática, sem trilhar caminhos próprios, mas sim vinculados às políticas públicas vigentes no país. O Guia Curricular e Metodológico está sendo disponibilizado para as escolas em forma de franquia ou licenciamento.²¹²

2.6. Considerações finais do capítulo

A Educação por Princípios, de acordo com as pesquisas realizadas, é uma abordagem de ensino e aprendizagem e que apresenta uma metodologia fundamentada nas ferramentas propostas por ela mesma, de maneira que todas estão concentradas na educação integral dos educandos e das educandas. Dúvidas surgiram durante a pesquisa: A Educação por Princípios é uma filosofia de educação ou um método bíblico de ensino? É possível a Educação por Princípios dialogar com outras abordagens? A Educação por Princípios é uma abordagem sustentável à luz da moderna Pedagogia? Como podemos identificar a abordagem pedagógica da Educação por Princípios?

Estas questões levaram à pesquisa de abordagens baseadas numa cosmovisão cristã e ao conhecimento da *Elementarisierung*. No próximo capítulo essa abordagem será explicitada, assim como a possibilidade do diálogo com a Educação por Princípios, procurando responder às questões acima.

²¹¹ GUIA CURRICULAR, 2014, p. 10.

²¹² *Sistema Renovo de Ensino*. Disponível em: <http://sistemarenovo.com.br/?page_id=71>. Acesso em: 12 abr. 2015.

3. Diálogos entre *Elementarisierung* e Educação por Princípios²¹³

*Educar é perder, sem perder-se. Sempre. É ameaçar o estabelecido. Mas é, também, integrar. Viver as perplexidades das mutações; conviver honradamente com angústias e incertezas; ir cravado de dúvidas, mas ter sensibilidade para distinguir o que muda do que é apenas efêmero; o que é permanente do que é reacionário. É dormir assim e acordar renovado pelo trabalho interior, e poder devolver segurança, fé, confiança, formas éticas de comportamento, o verdadeiro sentido de independência e liberdade, e os deveres sociais consigo mesmo, com o próximo; aprender a fazer a parte que lhe cabe no esforço comum.*²¹⁴

Arthur de Távola.

A explanação Educação por Princípios leva ao entendimento de que a metodologia usada na abordagem aponta a diferença entre o que se ensina e como se ensina. Refletindo sobre a filosofia dos educadores e das educadoras quando, por exemplo, se refere à concepção da evolução ou a um ser humano criado por Deus. No entanto, as fontes bibliográficas do presente objeto de estudo apresentam a Educação por Princípios sempre como uma abordagem de ensinoaprendizagem.

Identifica-se na Educação por Princípios, claramente, sua abordagem metodológica através do método dos 4 Rs²¹⁵. E sua abordagem pedagógica, como é possível identificar? Como entender se a Educação por Princípios é uma filosofia de educação ou um método bíblico de ensinar? Pedagogia é uma ciência de Educação que pretende responder a questões sobre filosofia (por que e para que educar), metodologia (como educar), currículo (o que ensinar) e natureza das pessoas e do processo de ensino e aprendizagem.

A Pedagogia, como ciência, tem por objetivo ultrapassar os limites geográficos, culturais e religiosos, além dos valores das famílias, atribuindo-se o direito de dizer o que o ser humano é, para que e como ele deve ser educado, além de estabelecer também o currículo – o que deve e o que não deve integrar o plano de estudos.

²¹³ A autora, durante suas orientações, é apresentada ao autor Karl Ernst Nipkow. Após conhecer uma de suas obras, surge o encantamento com a abordagem da *Elementarisierung* descrita por Nipkow e o interesse a leva a conhecer Friedrich Schweitzer, discípulo de Nipkow, e inúmeras obras escritas pelos referidos autores. A autora percebe afinidades com o seu objeto de pesquisa e propõe um diálogo entre as duas abordagens.

²¹⁴ TÁVOLA, A. Disponível em: <<http://geocities.ws/profberti/>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

²¹⁵ Referente à: Pesquisar, Raciocinar, Relacionar e Registrar.

Neste presente capítulo, abordar-se-á uma compreensão sobre a abordagem da *Elementarisierung*, utilizada na Alemanha, fundamentada nos estudos de Didática, verificando a possibilidade de realizar um diálogo com a abordagem da Educação por Princípios, principalmente porque as abordagens citadas têm como objetivo comum o desenvolvimento de uma educação integral nos seus educandos e suas educandas.

3.1. Abordagem da *Elementarisierung*

As primeiras discussões em relação à *Elementarisierung* já ocorreram no campo da Pedagogia no século XVIII, com Johann Heinrich Pestalozzi²¹⁶ e, mais tarde, por volta dos anos de 1950 e 1960, através de Wolfgang Klafki²¹⁷ na Didática geral. Porém, desde os anos 1970, a abordagem da *Elementarisierung* vem sendo discutida e utilizada principalmente para a didática do Ensino Religioso. No material existente em relação à *Elementarisierung*, o olhar está voltado às grandes perguntas existenciais e à fé pessoal. Segundo Friedrich Schweitzer²¹⁸, essa abordagem, conforme sua origem, permanece passível de ser utilizada na aplicação da Didática de modo geral.

É importante a compreensão do termo *Elementarisierung*. Esse termo será utilizado em sua forma original, para que não ocorra confusão com outras áreas de elementarização. O que significa “elementar”? Conforme o dicionário, elementar é o que está de acordo com o contexto pretendido, significa “muito simples, reduzido ao essencial: instalação elementar.”²¹⁹ Algo básico, fundamental, não simplista ou simplório, mas sim introdutório, inicial. A palavra “elementar” leva ao sinônimo “rudimentar”, confirmando a compreensão do significado: noções básicas ou elementares sobre alguma coisa e que possui somente o essencial.²²⁰

Elementarisierung é um modelo de preparação e organização de aulas que consiste na base da Didática do Ensino Religioso nas escolas da Alemanha,

²¹⁶ Johann Heinrich Pestalozzi foi um pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional.

²¹⁷ Wolfgang Klafki é um pedagogo alemão.

²¹⁸ SCHWEITZER, Friedrich. *Elementarisierung im Religionsunterricht*. 4. Auflage. Ed: Neukirchener Verlagsgesellschaft mbH. Neukirchen-Vluyn, 2013. p. 10.

²¹⁹ Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/elementar/>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

²²⁰ Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/rudimentar/>>. Acesso em: 1 mai. 2015.

concentrando-se em elementos pedagógicos. "*Elementarisieren*", ou seja, fazer acontecer o processo do modelo, significa facilitar um objeto de aprendizagem. No entanto, isso não significa simplesmente omitir material de aprendizagem ou encurtar textos. Para todos os educadores e as educadoras, o ensino que está previsto deve levar em consideração educandos e educandas que carecem de necessidades especiais. Todo educando e toda educanda são sujeitos em aprendizagem e seu nível de aprendizagem e eventual simplificação, para uma melhor compreensão, deveria ser o ofício diário dos educadores e das educadoras.

A *Elementarisierung* é uma abordagem utilizada pela Didática do Ensino Religioso que se mostra especialmente influente na Pedagogia dessa matéria, sendo um modelo desenvolvido na Alemanha pelos pesquisadores, docentes e teólogos Karl Ernst Nipkow, Friedrich Schweitzer entre outros. Esta pesquisa sobre *Elementarisierung* estará concentrada principalmente nas obras de Nipkow e Schweitzer. Nipkow²²¹ e Schweitzer²²² tornaram esse modelo um sucesso para o planejamento das aulas. A ideia central dessa abordagem reside na estreita ligação entre o ensino e a aprendizagem e tem como objetivo fazer com que o assunto da aula corresponda àquilo que os educandos e as educandas irão trazer em relação a suas perspectivas.

O modelo desta abordagem é composto de cinco perguntas, que têm o objetivo de direcionar a interação pedagógica por parte dos educadores e das educadoras com o educando e a educanda. Essas perguntas podem, alternada e mutuamente, transpassar-se e complementar-se. Não é necessário seguir uma ordem fixa na abordagem em relação às perguntas, ao contrário, dependendo do propósito do objeto e assunto, a abordagem precisa ser particular conforme cada caso.

Segundo Nipkow²²³ (*apud* Schweitzer), o desenvolvimento didático desta abordagem encontra-se na última etapa da *Elementarisierung*, quando é necessário encontrar meios e métodos para trabalhar os aspectos individuais apresentados através do diálogo prévio com os educandos e as educandas, sendo constituído dessa forma o currículo da referida abordagem.

²²¹ NIPKOW, Karl Ernst. *Gott in Bedrängnis? Zur Zukunftsfähigkeit von Religionsunterricht, Schule und Kirche*. Band 3. Ed: Gütersloher Verlagshaus, Gütersloh-München, 2010. (Tradução nossa.)

²²² Cf. SCHWEITZER, 2013, p. 11.

²²³ Cf. SCHWEITZER, 2013, p. 11.

Schweitzer enfatiza a necessidade de proporcionar a abordagem cognitiva aos educandos e as educandas. Essa abordagem implica, dentre outros aspectos, estudar cientificamente a aprendizagem como sendo mais que um produto do ambiente e das pessoas, necessitando da interação com a intenção de estabelecer um processo de aprendizagem permanente, que incentive os educandos e as educandas a lidarem de forma intensiva e pessoal com o assunto, confrontando-os e fazendo-os chegar a suas próprias avaliações. Um dos propósitos é que a criança seja incentivada e motivada a estudar por conta própria.²²⁴

Para Nipkow e Schweitzer a abordagem é especificamente dirigida ao componente curricular de Ensino Religioso. Do ponto de vista dos autores, devido ao fato de o trabalho com os educandos e as educandas estar focalizado na questão das verdades elementares, que estão diretamente associadas ao desenvolvimento teológico. Segundo os autores, é nesse passo que os educadores e as educadoras podem ter um posicionamento pessoal em relação às questões de ordem pessoal e de acesso ao mundo e, conseqüentemente os educandos e as educandas conseguem encontrar orientação para suas próprias vidas.²²⁵

Por parte do educador e da educadora de Ensino Religioso, é importante que este não se restrinja apenas ao ato reflexivo sobre o processo de aprendizagem. Não é suficiente que o educador ou a educadora tenha pleno conhecimento teórico sobre o ensino, mas sim que também desenvolva a competência do saber fazer, e com isso saber lidar com as situações educativas em sala de aula. Por isso, o equilíbrio entre a capacidade reflexiva e a prática instrumental é fundamental.²²⁶

A compreensão do termo utilizado nesta abordagem na Alemanha, “Religionspädagogik”²²⁷, também é de suma importância dentro do contexto da *Elementarisierung*. Segundo Schweitzer²²⁸, o termo “Religionspädagogik” deve ser compreendido como componente curricular com atividades, pré-requisitos,

²²⁴ SCHWEITZER, Friedrich. *Religionspädagogik und Zeitgeschichte im Spiegel der Rezeption von Karl Ernst Nipkow*. 1. Auflage. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2008, p. 15.

²²⁵ SCHWEITZER, 2008, p. 16.

²²⁶ SCHWEITZER, 2008, p. 17.

²²⁷ Tradução do termo “*Religionspädagogik*”: *Pedagogia do Ensino Religioso*.

²²⁸ SCHWEITZER, 2008, p. 15.

processos e efeitos de uma educação religiosa que resulta na socialização na igreja e na sociedade.²²⁹

“Instruções protestantes ou aulas de ensino religioso?” Com essa questão Nipkow²³⁰, em 1963, apresentou pela primeira vez o tema da Pedagogia do Ensino Religioso. Vários questionamentos e debates ocorreram na época acerca da diferença ou aproximação da questão acima. Em resumo, a conclusão a que esses debates chegaram foi de que os pensamentos teológicos e pedagógicos precisavam estar conectados, ou seja, o Ensino Religioso só podia ser motivado e justificado pedagógica e teologicamente.²³¹

Desta forma, a fé cristã é um desafio para a Pedagogia. Nipkow²³² pensa em estratégias para promover a Didática neste contexto de igreja e apresenta, assim, alguns pontos possíveis para que a Didática do Ensino Religioso seja promovida:

a) Objetivos de Ensino Básico (*Elementare Unterrichtsziele*): de suma importância é possuir os conhecimentos bem básicos. Só depois desses conhecimentos é possível entender conceitos que estão interligados e que necessitam de maior aprofundamento para sua compreensão.

b) Crianças como Teólogas (*Kinder als selbständige kleine Theologen*): muitas crianças mostram-se insatisfeitas quando suas dúvidas não são esclarecidas. Didaticamente é necessário excitar a criança a se desenvolver, estimulando-a à busca do novo com base naquilo que já conhece.

c) Relação de fé e compreensão de fé (*Glaubensbeziehung und Glaubensverständnis*): os dois lados da fé. Martinho Lutero traduz a fé como confiança (“fiducia”), o que significa que ela é uma relação pessoal, quer dizer, mais do que possuir conhecimento sobre a própria fé.

d) As funções do ensino em relação à fé e à educação (*Die unterrichtsaffinen Aufgaben im Verhältnis von Glaube und Bildung*): o ensino na Igreja sempre teve como objetivo abordar a relação de fé, a fé como atitude, segurança e verdade para ser praticada na vida social. Na situação atual da

²²⁹ NIPKOW, Karl Ernst. Art. *Religionspädagogik*. In: Evangelisches Kirchenlexikon, Bd. 3, Göttingen, 1992.

²³⁰ SCHWEITZER, 2008, p. 29.

²³¹ SCHWEITZER, 2008, p. 29.

²³² NIPKOW, Karl Ernst. *Christliche Pädagogik und Interreligiöses Lernen*. Band 2. 2. Auflage. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2007, p. 27.

pedagogia do Ensino Religioso, é preciso que a fé e a organização didática da aula estejam de acordo.

e) Compreensão complexa da aprendizagem (*Komplexes Lernverständnis*): uma melhoria de qualidade requer um entendimento mais complexo do ensinar e aprender. Como exemplo²³³ há o ensino confirmatório²³⁴ da igreja da região Baden-Württemberg, um Estado localizado no sudoeste da Alemanha, a leste do Alto Reno: 1) aprender com o modelo (das pessoas); 2) aprender no contexto diário com cristãos; 3) projeto de aprendizagem com base no caráter; 4) aprendizagem emocional (através da participação, troca, repetição e exercício); 5) aprender com a aquisição de conhecimento, interpretação, pensar, perguntas, dúvidas, reflexão e comparação.

f) Relativa independência entre relações de fé e entendimento desta (*Wechselseitige relative Unabhängigkeit von Glaubensbeziehung und Glaubensverständnis*): o ensino religioso não deve se sentir obrigado a educar para a fé, mas sim a organização didática de sua aula deve saber levar ao conhecimento e à vivência da fé. Lutero²³⁵, quando fala sobre o pequeno catecismo, diz que “não é possível obrigar ninguém, muito menos a acreditar, a ter fé”, porém, é preciso ter o ensino, e o ensino deve ser bom.

Com base nos pontos mencionados acima, Nipkow tornou-se pioneiro nos anos 1970 nas pesquisas em relação à didática do Ensino Religioso. Seu olhar contemplava as dimensões da sociedade, da educação, da religião e do contexto pedagógico religioso. Em meio às pesquisas surgem dúvidas quanto à necessidade de definição de conceitos para os princípios didáticos. Não é por acaso que Nipkow se deparou com a *Elementarisierung*. Em sua concepção, esta não é apenas uma concepção didática religiosa, mas, antes, perpassa todas as concepções e as constitui, assim como “capacidade de cura”²³⁶, devido a sua concentração contínua

²³³ NIPKOW, 2007, p. 29.

²³⁴ Ensino Confirmatório é um curso oferecido para adolescentes na faixa de 12 a 14 anos de idade. O curso tem por objetivo ensinar as bases confessionais da Fé Cristã, conforme proposta da Igreja Evangélica de Confissão Luterana. A partir das Sagradas Escrituras os adolescentes são auxiliados com noções de interpretação de textos e livros da Bíblia; manuseio da Bíblia, ética cristã, convívio e ações cristãs. Na conclusão do curso acontece a celebração da confirmação, quando o jovem atesta o Batismo recebido, fazendo sua adesão ao Corpo de Cristo, na sua vocação e missão (1 Co 12).

²³⁵ NIPKOW, 2007, p. 29.

²³⁶ Heilsame Fähigkeit.

para o necessário, princípio didático significativo e à capacidade de verificar a essência em cada análise didática.²³⁷

Pode-se compreender um pouco mais sobre a abordagem através das definições de Godwin Lämmermann, em seu texto no qual ele aponta os elementos pedagógicos religiosos para a abordagem da *Elementarisierung*.

Elementarisierung em um primeiro nível genuinamente didático significa a reconstrução crítica de experiências elementares de alunos, por trás da qual são fundamentais seus interesses, suas necessidades, estruturas, evolução, forças entre outros. (Tradução nossa.)²³⁸

Nipkow concentrou suas pesquisas e diálogos em torno da didática do Ensino Religioso baseado na *Elementarisierung*. Muitas obras foram escritas sobre a importância das perguntas elementares acerca da religiosidade e sua didática, como também o uso dessa abordagem nas aulas de ensino religioso.

3.1.1. Dimensões da *Elementarisierung*²³⁹

Segundo Schweitzer, na segunda metade do século XX a teoria educacional dominante tinha como representante o didático Wolfgang Klafki e significava que os objetos de estudo e os temas deveriam ser compreensíveis às pessoas; e vice-versa: as pessoas sendo compreensíveis aos objetos de estudo e temas. A abordagem da *Elementarisierung* aplica essa teoria da compreensão inversa e a amplia, quando compreende os processos da aprendizagem entre as pessoas e o conteúdo a ser aprendido. Assim, a abordagem metodológica da *Elementarisierung* organiza-se no desenvolvimento das dimensões e competências conforme se pode visualizar a seguir.²⁴⁰

As cinco perguntas norteadoras da abordagem, que auxiliam na compreensão da mesma e aprofundam a dimensão da *Elementarisierung*:

²³⁷ NIPKOW, 2007, p. 29.

²³⁸ LÄMMERMANN, Godwin. *Elemente religionsdidaktischer Elementarisierung*. Disponível em: <http://www.philso.uni-augsburg.de/lehrstuehle/evangtheol/relpaed/mitarbeiter/laemmermann/publikationen/downloads/Elemente_religionsdidaktischer_Elementarisierung.pdf>. Acesso em 23 fev. 2015.

²³⁹ SCHWEITZER, Friedrich. *Kindertheologie und Elementarisierung*. 1. Auflage. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2011 (Tradução nossa), p. 45-48.

²⁴⁰ SCHWEITZER, 2011, p. 45.

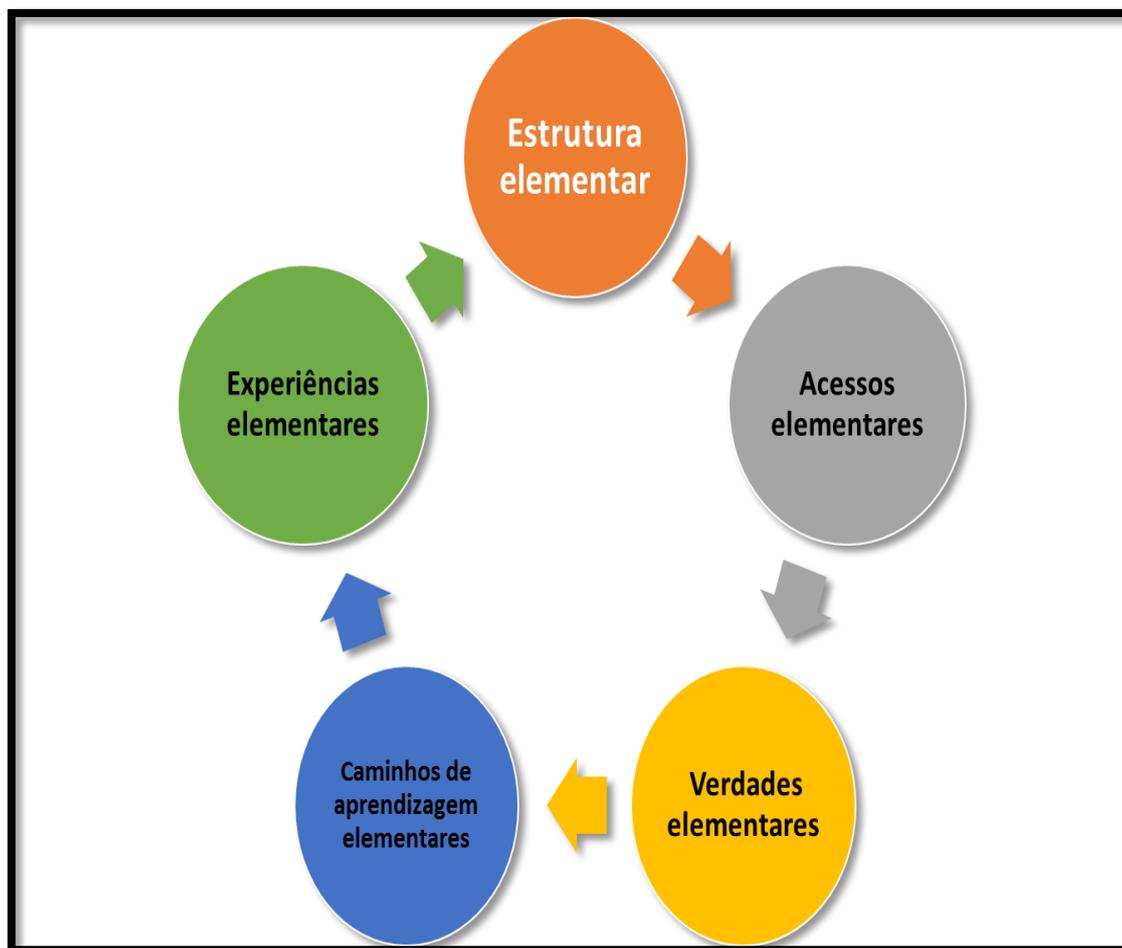


Figura 11: Relações entre as dimensões²⁴¹ da *Elementarisierung*.

Conforme o elemento gráfico acima, cada uma das perguntas se relaciona com a seguinte, sendo que não há um início determinado. Pode-se iniciar a atividade por qualquer uma delas, mas se deve considerar a sequência seguinte, pois todas estão entrelaçadas em seus objetivos didáticos e pedagógicos. Segue uma explanação breve sobre cada uma, individualmente. Não é objetivo do presente trabalho intensificar o estudo da *Elementarisierung* e sim descrevê-la para o entendimento da mesma, auxiliando na relação com a Educação por Princípios.

²⁴¹ *Elementare Strukturen*: estrutura elementar; *Elementare Erfahrungen*: acessos elementares; *Elementare Wahrheiten*: verdades elementares; *Elementare Lernformen*: caminhos de aprendizagem elementares; *Elementare Zugänge*: experiências elementares. O gráfico foi elaborado pela autora baseados nos estudos e compreensão da *Elementarisierung*.

a) Estruturas Elementares²⁴² (*Elementare Strukturen*)

Um primeiro item, definido por Nipkow²⁴³ como *estruturas elementares*, refere-se ao desenvolvimento orientado: o material de aprendizagem é reduzido ao essencial. Há uma concentração no cerne da questão e redução a este, ao conteúdo central. O assunto de aprendizagem é simplificado para o estudante e adequado à situação. Ao mesmo tempo, o centro da didática, do objetivo a ser ensinado, pode ser colocado em evidência.

Com o auxílio da pesquisa científica e em especial da Teologia, é necessário identificar qual o conteúdo central em relação aos aspectos, correlações e referências, que devem ser aprofundados sempre com especial atenção à idade específica da turma em questão. Nem todos os aspectos, dependendo das idades, devem ser aprofundados. É preciso tomar decisões nessa estrutura elementar, mas quais seriam as regras? O princípio é a concentração à redução, ou seja, concentrar-se no essencial. Com o auxílio da pesquisa é possível clarear, no determinado tema em questão, o que realmente é essencial levar ao conhecimento do educando e da educanda. Para as aulas específicas de Ensino Religioso é preciso ficar claro que as pesquisas científicas podem apresentar resultados diferentes e às vezes são inconclusivas.

A relação com as experiências sempre teve um espaço específico na pedagogia do Ensino Religioso. O importante é que as experiências dos educandos e das educandas estejam em evidência e a aula seja organizada a partir delas. Visto do ângulo didático, os conteúdos são definidos de acordo com os interesses dos educandos e das educandas.

b) Experiências elementares (*Elementare Zugänge*)

Em seguida, Nipkow²⁴⁴ traz as *experiências elementares*, as quais estão associadas ao desenvolvimento antropológico: as experiências específicas e as experiências de vida reais dos educandos e das educandas são levadas em conta. Assim, paralelos e contrastes obtidos através da vida cotidiana dos educandos e das educandas podem ser usados como assuntos de aprendizagem. Com seus próprios horizontes de experiência, os educandos e as educandas podem participar

²⁴² SCHWEITZER, 2011, p. 58-59.

²⁴³ Cf. NIPKOW, 2010. (Tradução nossa.)

²⁴⁴ Cf. NIPKOW, 2010. (Tradução nossa.)

individualmente da abordagem do assunto de aprendizagem, identificar-se com ele ou rejeitá-lo. Com isso, uma apropriação construtiva do conteúdo pode ter sucesso.

A percepção e a descrição dos diversos acessos, como as interpretações específicas das crianças e dos adolescentes, são diferentes em relação aos adultos. Cada criança ou adolescente tem o seu entendimento de situações particulares dependendo de sua confiança pessoal. As bases são as teorias do desenvolvimento psicológico e construtivistas, como estudos empíricos entre outros.

Desde o Iluminismo a educação é a valorização das experiências em relação à tradição. Só faz sentido o que está óbvio em nossa própria vida e as experiências pessoais no mundo em que se vive. Para a didática do Ensino Religioso, é importante verificar a diferença entre as experiências. Os verbos explicar, compreender e contradizer definem e auxiliam a compreensão das experiências elementares.

c) Acessos elementares (*Elementare Erfahrungen*)

O terceiro item diz respeito aos *acessos elementares*, os quais se referem ao desenvolvimento da evolução da Psicologia: partindo da dimensão da experiência elementar dos educandos e das educandas, referências relacionadas à idade e ao desenvolvimento da vida dos mesmos devem ser procuradas. Com isso, esses educandos e educandas encontrarão compreensão individual, percepção e aproximação da crença relacionada ao objeto de ensino. Também isso serve para a sua fácil e individual apropriação.

Crianças e adolescentes possuem seu próprio entendimento e importância em relação à visão do mundo e da sociedade. É importante, na didática do Ensino Religioso, o acompanhamento do desenvolvimento psicológico e também dos desafios críticos proporcionados. Não ultrapassar o entendimento, e sim desafiar a novas etapas da aprendizagem.

d) Verdades elementares (*Elementare Wahrheiten*)

Surgem, num quarto momento, as *verdades elementares*, associadas ao desenvolvimento teológico: por trás das etapas anteriores da *Elementarisierung*, o núcleo teológico-existencial do currículo tem em vista três modos. De um lado reflete-se a verdade central da questão "em si" (a área especializada teológica). A seguir, pergunta-se o que essa verdade pode significar para o educando e para a

educanda (a percepção infantil). Por fim, questiona-se o educador e a educadora para que tome pessoalmente uma posição em relação ao conteúdo teológico (área da opinião pessoal). Todas essas áreas de significado são, assim, reunidas de forma dialógica e preparadas didaticamente.

Os temas utilizados por esta abordagem sempre serão histórias bíblicas e não se limitam a descrições de acontecimentos e fatos. Procura-se em todos os momentos identificar a verdade e sua perspectiva da fé em relação ao Evangelho. Nessa compreensão as verdades elementares levam a crer na existência de Deus e de suas verdades. Consideram-se nesse contexto as verdades sobre as religiões e os fenômenos religiosos.

e) Formas de aprendizagem elementares (*Elementare Lernformen*)

As formas de aprendizagem elementares estão atrelados ao desenvolvimento didático: na última etapa da *Elementarisierung*, a busca é para meios e métodos didáticos, que trabalham os aspectos individuais do currículo de modo construtivo e que são apresentados, idealmente, em forma de diálogo aos educandos e as educandas. Além das abordagens cognitivas, devem ser proporcionadas aos educandos e as educandas também reivindicações emocionais, com a intenção de estabelecer um processo de aprendizagem permanente que incentive os educandos e as educandas a lidarem de forma intensiva e pessoal com o assunto, confrontando-os e assim chegando a suas próprias avaliações. O educando e a educanda devem ser incentivados e motivados a estudar por conta própria.

Aprender é estar constantemente se perguntando. Considera-se a aprendizagem ativa envolvendo muitos esforços. A didática é mais do que uma metodologia, pois é através da metodologia que a didática possibilitará a transmissão de conteúdo.²⁴⁵

3.1.2. Competências²⁴⁶ da *Elementarisierung*

O acompanhamento religioso e educacional de crianças sempre possui relação com a biografia do adulto que está a ensinar. Isso não vale apenas para os

²⁴⁵ SCHWEITZER, 2011, p. 73. (Tradução nossa.)

²⁴⁶ SCHWEITZER, 2011, p. 23–34.

pais, mas também para os educadores e as educadoras. Como todos os adultos foram crianças uma vez, eles encontram a si mesmos nas crianças, ou seja, nas crianças que eles já foram. Essas experiências adquiridas durante o processo de crescimento normalmente podem influenciar o agir pedagógico futuramente, tanto positiva como negativamente.²⁴⁷

Deste modo, é importante refletir sobre como são compreendidas as competências nesta abordagem. Matthias Hahn e Andrea Schulte recentemente realizaram essa reflexão, em seu artigo publicado na *Revista para Pedagogia do Ensino Religioso na Alemanha*.²⁴⁸ O artigo é intitulado: “Planejar aulas de ensino religioso com competência – mas como? ”.²⁴⁹ E leva a uma reflexão fundamentada na prática e na teoria e nos diversos modelos de competência: currículo, material didático e planos de aula.

Numa aula de Ensino Religioso, o assunto em questão é a aquisição e o desenvolvimento dos fundamentos da educação religiosa. O Comenius-Institut na Alemanha²⁵⁰ formulou diretrizes e orientações para a Igreja Evangélica da Alemanha (EKD):

- Os educandos e as educandas devem conhecer e saber descrever as verdades sobre as religiões e os fenômenos religiosos (Percepção).
- Os educandos e as educandas devem conhecer a linguagem religiosa e poder analisar testemunhos de fé (Cognição).
- Os educandos e as educandas devem agir conforme as questões éticas e religiosas (Atuação).
- Os educandos e as educandas devem dialogar com argumentos religiosos levando a comunicação (Integração).

²⁴⁷ BIESINGER, Albert; SCHWEITZER, Friedrich. *Religionspädagogische Kompetenzen: Zehn Zugänge für pädagogische Fachkräfte in Kitas*. Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau 2013.

²⁴⁸ Disponível em: <<http://www.theo-web.de/zeitschrift/ausgabe-2014-01/13.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

²⁴⁹ Kompetenzorientiert Religionsunterricht planen – aber wie?

²⁵⁰ LÄMMERMANN, Godwin. *Elemente religionsdidaktischer Elementarisierung*. p. 126. Disponível em: <http://www.philso.uni-augsburg.de/lehrstuehle/evangtheol/relpaed/mitarbeiter/laemmermann/publikationen/downloads/Elemente_religionsdidaktischer_Elementarisierung.pdf>. Acesso em 23 fev. 2015.

- Por último, mas não menos importante, os educandos e as educandas devem ser capazes de decidir sobre participar ou não participar da prática religiosa (Participação). (Tradução nossa.)²⁵¹

Portanto, através destas diretrizes e orientações percebe-se que o objetivo dos mesmos são os conhecimentos e as capacidades pessoais, como também as definições e atitudes dos educandos e das educandas em relação ao assunto religião. É possível tratar de diversos assuntos relacionados ao tema e conseqüentemente aplicá-lo às situações. Essas situações também são descritas e nominadas no modelo do Comenius-Institut²⁵², e podem ser entendidas como, por exemplo, a subjetividade da religião e a fixação do Ensino Religioso evangélico em relação aos fenômenos religiosos existentes mundialmente.

De acordo com Hilbert Meyer, uma “boa aula”, com as características das competências para as aulas de Ensino Religioso, pode ser descrita em dez pontos²⁵³, auxiliando para uma melhor compreensão:

²⁵¹ - Schüler und Schülerinnen sollen die Wirklichkeit (en) der Religion (en) bzw. Religiös bedeutsame Phänomene wahrnehmen und beschreiben können (Perzeption).

- Sie sollen religiös bedeutsame Sprache und Glaubenszeugnisse deuten und analysieren können (Kognition).

- Sie sollen in religiösen und ethischen Fragen handeln können (Performanz).

- Sie sollen mit religiösen Argumenten und im Dialog kommunizieren können (Interaktion).

- Last but not least sollen sie über die begründete Teilhabe und Nicht-Teilhabe an religiöser und gesellschaftlicher Praxis entscheiden können (Partizipation). (Fischer & Eslenbast, 2006, S. 17ff.)

²⁵² LÄMMERMANN, Godwin. *Elemente religionsdidaktischer Elementarisierung*. p. 126. Disponível em: <[http://www.philso.uni-](http://www.philso.uni-augsburg.de/lehrstuehle/evangtheol/relpaed/mitarbeiter/laemmermann/publikationen/downloads/Elemente_religionsdidaktischer_Elementarisierung.pdf)

[augsburg.de/lehrstuehle/evangtheol/relpaed/mitarbeiter/laemmermann/publikationen/downloads/Elemente_religionsdidaktischer_Elementarisierung.pdf](http://www.philso.uni-augsburg.de/lehrstuehle/evangtheol/relpaed/mitarbeiter/laemmermann/publikationen/downloads/Elemente_religionsdidaktischer_Elementarisierung.pdf)>. Acesso em 23 fev. 2015.

²⁵³ 1. Klare Strukturierung des Unterrichts: Prozess-, Ziel- und Inhaltsklarheit; Rollenklarheit, Absprache von Regeln, Ritualen und Freiräumen 2. Hoher Anteil echter Lernzeit: durch gutes Zeitmanagement, Pünktlichkeit; Auslagerung von Organisationskram; Rhythmisierung des Tagesablaufs 3. Lernförderliches Klima: durch gegenseitigen Respekt, verlässlich eingehaltene Regeln, Verantwortungsübernahme, Gerechtigkeit und Fürsorge 4. Inhaltliche Klarheit: durch Verständlichkeit der Aufgabenstellung, Plausibilität des thematischen Gangs, Klarheit und Verbindlichkeit der Ergebnissicherung 5. Sinnstiftendes Kommunizieren: durch Planungsbeteiligung, Gesprächskultur, Sinnkonferenzen, Lerntagebücher und Schülerfeedback 6. Methodenvielfalt: Reichtum an Inszenierungstechniken; Vielfalt der Handlungsmuster; Variabilität der Verlaufsformen und Ausbalancierung der methodischen Großformen 7. Individuelles Fördern: durch Freiräume, Geduld und Zeit; durch innere Differenzierung und Integration; durch individuelle Lernstandsanalysen und abgestimmte Förderpläne; besondere Förderung von Schülern aus Risikogruppen 8. Intelligentes Üben: durch Bewusstmachen von Lernstrategien, passgenaue Übungsaufträge, gezielte Hilfestellungen und übefreundliche“ Rahmenbedingungen 9. Transparente Leistungserwartungen: durch ein an den Richtlinien oder Bildungsstandards orientiertes, dem Leistungsvermögen der Schülerinnen und Schüler entsprechendes Lernangebot und zügige förderorientierte Rückmeldungen zum Lernfortschritt 10. Vorbereitete Umgebung: durch gute Ordnung, funktionale Einrichtung und brauchbares Lernwerkzeug (MEYER, 2004, s. 17-18).

1. Clara estruturação do ensino: processo, objetivo e clareza de conteúdo; estar claro qual o papel a cumprir, concordância nas regras, definições de rituais e liberdade de espaço.
2. Aprendizagem real em maior proporção de tempo: através de uma boa gestão do tempo, pontualidade; organização do material; ritmo da rotina diária;
3. Ambiente de aprendizagem propício: respeito mútuo, confiável, com o cumprimento das regras, aceitação da responsabilidade, justiça e cuidados;
4. Clareza de conteúdo: compreensão da tarefa, plausibilidade da temática, clareza e comprometimento em relação aos resultados requeridos;
5. Comunicação significativa: do planejamento até a participação, a cultura do diálogo, ou seja, através de conferências, diário de aprendizagem e o feedback do estudante.
6. Variedade de métodos: técnicas de produção, diversidade de modelos de ação, variabilidade das formas do processo e o equilíbrio dos moldes metodológicos.
7. Promoção individual: através de espaço livre, tempo e paciência; por diferenciação e integração interna; através da análise do nível de aprendizagem individual e planos coordenados; promover atenção especial aos alunos com dificuldades.
8. Exercício da prática inteligente: através da sensibilização das estratégias de aprendizagem, assistência específica nas dificuldades e “super simpatia” para todas as situações.
9. Expectativas de desempenho: voltadas para as diretrizes ou normas de educação, o desempenho de oportunidades de aprendizagem dos alunos de feedback orientado para o apoio adequado igualmente sobre o progresso de aprendizagem.
10. Ambiente preparado: pela boa ordem, uma decoração funcional e útil como ferramenta de aprendizagem.²⁵⁴

Meyer indica que uma abordagem orientada às competências possui características que há muito tempo são centrais para uma boa aula. O desafio das competências é oferecer ao educando e à educanda uma aula ativa baseada nas seguintes concepções:²⁵⁵

[...] quando os professores planejam, implementam e avaliam seus planos de aula orientados por modelos interdisciplinares; b) quando os alunos têm a oportunidade de sistematicamente e interdisciplinarmente construir seus conhecimentos e habilidades; c) quando alunos podem testar os benefícios de seus conhecimentos e habilidades em situações de aplicação na realidade em que vivem. (Tradução nossa.)²⁵⁶

Schweitzer, em sua obra sobre a *Elementarisierung* e Competências, relata que as discussões acerca deste tema ainda não chegaram ao fim e muito menos a

²⁵⁴ MEYER, Hilbert. In: *Kompetenzen und Standards für den Evangelischen Religionsunterricht in der Sekundarstufe*. I. Ein Orientierungsrahmen, EKD-Texte 110, z. Ersch. 2010., p. 17-18.

²⁵⁵ MEYER, 2010, p. 23.

²⁵⁶ “a) in dem die Lehrerinnen und Lehrer ihre Unterrichtsplanung, die Durchführung und Auswertung na fachlichen und überfachlichen Kompetenzstufenmodellen orientieren; b) In dem die Schülerinnen und Schüler die Chance haben, ihr Wissen und Können systematisch und vernetzt aufzubauen; c) Und in dem sie den Nutzen ihres Wissens und Könnens in realitätsnahen Anwendungssituationen erproben können.” (MEYER, 2010, p. 23).

resultados finais. Porém, ressalta a importância das orientações recebidas pela EKD:²⁵⁷ “Perceber a própria fé e as próprias experiências conduzindo-as à reflexão com base na educação cristã e em outras interpretações religiosas.”²⁵⁸ (Tradução nossa.)

Esta competência, da forma como está descrita, deixa claro que em primeiro lugar estão a “fé própria” e as “experiências pessoais”. Essas são implicações que diferenciam o olhar sobre o Ensino Religioso, que deve de fato possibilitar que crianças e adolescentes vivam sua fé e também incentivá-las, através das experiências, ao entendimento de diversas situações e diversos temas. Essa prática descrita anteriormente demonstra a afinidade com a abordagem da *Elementarisierung* e, conseqüentemente, com as dimensões da mesma. No quadro²⁵⁹ abaixo pode-se visualizar as dimensões da *Elementarisierung* já descritas anteriormente neste capítulo, relacionando-as com as atribuições heurísticas para a competência e, assim, apresentando os conteúdos possíveis para a competência em questão:

Dimensões da <i>Elementarisierung</i>	Atribuições heurísticas²⁶⁰ para a competência	Conteúdos
Estruturas	Competência Objetiva Domínio do Assunto	Competência da Percepção, Competência estética, hermenêutica etc. Competência de

²⁵⁷ In: Kompetenzen und Standards für den Evangelischen Religionsunterricht in der Sekundarstufe. I. Ein Orientierungsrahmen, EKD-Texte 110, z. Ersch. 2010.

²⁵⁸ Den eigenen Glauben und die eigenen Erfahrungen wahrnehmen und zum Ausdruck bringen sowie vor dem Hintergrund christlicher und anderer religiöser Deutungen reflektieren. In: SCHWEITZER, Friedrich. *Elementarisierung und Kompetenz*. 3 Auflage 2013. Neukirchener Theologie.

²⁵⁹ SCHWEITZER, Friedrich. *Elementarisierung und Kompetenz*. 3 Auflage 2013. Neukirchener Theologie, p. 173.

²⁶⁰ Significado da palavra heurística: leva a uma descoberta científica; método analítico para a descoberta de verdades científicas. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/heuristica/>>. Acesso em: 3 mai. 2015.

		Interpretação, Competência da Mídia
Experiências	Competência da Oratória, Competência de si mesmo	Relação com Finitude, Empatia, Relação com Estranheza, Competência Social
Acessos	Competência de Julgamento	Competências Pessoais
Formas de Aprendizagem	Métodos de Competência	Competências de Ação, Competência de Formação
Verdades	Competência de Orientação, Competência de Diálogo	Competência Religiosa, (Religiosa) Tolerância, Competência de Responsabilidade

Ao identificar as competências e interligá-las com a abordagem da *Elementarisierung*, percebe-se como é possível planejar uma boa aula. Competências possibilitam aos educadores e educadoras de Ensino Religioso o processo da discussão, de reflexão (*Reflektieren*), de comunicação (*Kommunizieren*), de desenvolvimento (*Entwickeln*), de projeção (*Gestalten*) e de promoção (*Fördern*), conforme é possível verificar na figura²⁶¹ abaixo:

²⁶¹ Gráfico elaborado pela autora baseado na compreensão das competências da referida abordagem.



Figura 12: Competências dos educadores e das educadoras de Ensino Religioso

Sem dúvida, seria possível mencionar mais competências dos educadores e das educadoras, porém, estas que foram destacadas acima se referem diretamente à aplicação da abordagem *Elementarisierung*.

3.2. Pontos em comum entre *Elementarisierung* e Educação por Princípios

Para entender e apontar pontos em comum e as possíveis diferenças existentes entre as abordagens explanadas nesta pesquisa cabe, neste momento, uma breve explicação sobre os conceitos abordagem, didática e ainda os conceitos de abordagem pedagógica, metodológica e ensino-aprendizagem.

O termo “abordagem” tem como definição no dicionário “falar sobre” ou “acerca de” ou ainda “ação de abordar”.²⁶² Na esfera educacional, ao se falar em abordagem é remetido prontamente às abordagens educacionais denominadas tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Ensino e

²⁶² Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/abordagem/>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

aprendizagem são denominados por muitos autores como o “processo” de ensino-aprendizagem, podendo ser entendido que o “ensino” é o ensinar, que exprime uma atividade e a “aprendizagem”, o aprender, que envolve certo grau de realização de uma determinada tarefa com êxito.²⁶³ A palavra “didática” é um vocábulo que deriva da expressão grega *techné didaque*, que é traduzida como arte ou técnica de ensinar.²⁶⁴ Sintetizando sobre a didática, poder-se-ia dizer que funciona como o elemento transformador da teoria na prática.

Abordagem pedagógica é a leitura de dois termos em conjunto: primeiro o significado de pedagogia, que remete ao entendimento da ciência da educação, a qual estuda as práticas, os métodos e princípios da educação, a prática de educar, ensinar, encaminhar; direcionar o educando e a educanda ao caminho da aprendizagem em busca do conhecimento.²⁶⁵ Portanto, abordagem pedagógica pode-se entender como “falar sobre determinadas práticas, métodos e princípios de educação”.

Na abordagem metodológica é possível realizar a mesma leitura e definição dos termos. O significado de metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa.²⁶⁶ E assim o entendimento de uma abordagem metodológica se dá por meio da ação de métodos.

A Educação por Princípios é definida como uma abordagem de ensino e de aprendizagem. No contexto da Educação por Princípios não há menção a essas abordagens educacionais e até o momento ainda não existem pesquisas mais aprofundadas que considerem a Educação por Princípios uma abordagem educacional alternativa em relação às abordagens educacionais existentes. Com certeza um aprofundamento sobre esse tema é necessário, porém, em um momento posterior. A Educação por Princípios também é uma abordagem metodológica ao apresentar o método da pesquisa: pesquisar, raciocinar,

²⁶³ LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: *Revista da Ande*, n. 6, 1982, p. 11.

²⁶⁴ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/did%C3%A1tica/>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

²⁶⁵ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/pedagogia/>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

²⁶⁶ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/metodologia/>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

relacionar e registrar, e em consequência apresenta as ferramentas para a execução dessa metodologia.

A *Elementarisierung* pretende ser uma abordagem didática, já que os autores Nipkow e Schweitzer consideram a *Elementarisierung* uma abordagem didática para o Ensino Religioso. Por isso, o desenvolvimento da metodologia utilizada na *Elementarisierung* resulta numa abordagem didática. A abordagem metodológica existente nessa abordagem didática consiste em cinco perguntas, baseadas nas dimensões e competências, servem como diretrizes na arte de ensinar com uma visão integral aos educandos e às educandas.

Tanto a abordagem da Educação por Princípios como a da *Elementarisierung* ocupam-se em oferecer ao educando e à educanda um ensino além da educação centrada simplesmente na transmissão de conteúdos e conhecimentos. A educação à qual as abordagens se referem está centrada numa ideia de educação integral, o desenvolvimento pleno baseado na espiritualidade.

Elementarisierung, através de suas verdades elementares, é de fácil compreensão quando utilizada na didática do Ensino Religioso. Mas verdades elementares devem ser aplicáveis a todas as aulas, provando o quanto a abordagem é eficaz e possível não apenas nas aulas de Ensino Religioso. O ponto em comum aqui é a afirmação do núcleo teológico-existencial, requerendo por parte do educador ou da educadora compartilhar suas experiências pessoais com Deus.

Friedrich Schweitzer, autor do Livro *Das Recht des Kindes auf Religion* (O direito da criança em obter Religião – Tradução nossa)²⁶⁷, analisa e questiona em sua obra a necessidade que todas as crianças têm de conhecer Religião. O autor afirma que toda criança tem direito à religiosidade, crianças possuem perguntas sobre Deus e fé, sobre a vida e os pesares, sobre o sentido da vida e a esperança de não serem deixadas sós; têm o direito à fé como fonte de forças para viver e vencer as mais diversas situações em suas vidas – mesmo que seus pais precisem lutar com suas próprias inseguranças e dúvidas.²⁶⁸

²⁶⁷ SCHWEITZER, Friedrich. *Das Recht des Kindes auf Religion*. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2013. (Tradução nossa.)

²⁶⁸ SCHWEITZER, 2013, p. 13. (Tradução nossa.)

O fato de os educandos e as educandas serem questionadoras atualmente leva a perceber que nem sempre o mais importante é prepará-los para o futuro, a fim de seguirem carreiras profissionais. A cada dia tem sido visível a necessidade de se encontrar o real sentido da vida.

Muitos pais preocupam-se que seus filhos venham a ter orientação para suas vidas e que, de alguma forma, assimilem os valores necessários. Conforme Schweitzer²⁶⁹, a fé, porém, não é uma aquisição de valores, mas a educação cristã e religiosa leva a uma vida regida por valores.²⁷⁰

Schweitzer²⁷¹ relata sete perspectivas dos benefícios da educação religiosa para crianças:

- 1)A educação religiosa gera confiança na criança;
- 2)A educação religiosa promove resiliência (capacidade de resistência) em situações difíceis;
- 3)A educação religiosa possibilita a experiência sensorial;
- 4)A educação religiosa gera a educação de valores;
- 5)A educação religiosa fortalece o Eu;
- 6)A educação religiosa possibilita o acesso e enriquece a linguagem infantil com imagens;
- 7)A educação religiosa possibilita a experiência da comunhão.

Através das perspectivas apresentadas é possível verificar concretamente os benefícios da educação religiosa/cristã. Por isso não se pode afirmar que uma educação cristã seja supérflua ou não contribua para o pleno desenvolvimento do indivíduo, através da abordagem da *Elementarisierung* ou da Educação por Princípios.

As perspectivas de Schweitzer (2013) em relação aos benefícios da educação cristã possibilitam que a proposta da *Elementarisierung* não permaneça apenas nas aulas do componente curricular do Ensino Religioso, e sim que sua metodologia venha a contribuir com o desenvolvimento pleno da pessoa em todos os componentes curriculares, assim como se encontra no Manifesto por uma

²⁶⁹ Cf. SCHWEITZER, 2013.

²⁷⁰ SCHWEITZER, 2013, p. 13. (Tradução nossa.)

²⁷¹ SCHWEITZER, 2013, p. 13. (Tradução nossa.)

Educação Teológica de Qualidade:²⁷² “Qualidade de vida implica lutar por vida plena para todas as pessoas”. O que é preciso ressaltar é que uma educação cristã só tem benefícios quando prioriza o desenvolvimento integral, visando ao bem-estar do educando e da educanda, dependendo da fase escolar em que eles se encontrem.

As duas abordagens possuem a educação cristã como base de suas abordagens metodológicas. Destaca-se, em ambas abordagens da pesquisa, como a necessidade de buscar uma explicação consistente sobre o assunto que será estudado, o raciocínio, a pergunta e o questionamento em relação ao assunto pesquisado e à necessidade de relacionar o assunto, o significado do mesmo com a própria vida do educando e da educanda. Essas metodologias preocupam-se com que o educando e a educanda sejam vistos como indivíduos, e principalmente se adota o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, intenciona-se levar o educando e a educanda a aprender quando propõe uma atividade e aguarda a aprendizagem da mesma.

As duas abordagens propõem o processo de ensino-aprendizagem e cada uma apresenta sua proposta metodológica. Possuem o mesmo objetivo, de apresentar uma educação baseada nos princípios bíblicos e no desenvolvimento pleno de seus educandos e suas educandas. E ao mesmo tempo são abordagens distintas. Suas histórias de constituição e processo de desenvolvimento ocorrem de formas diferentes.

Pesquisar a *Elementarisierung* e propor seu diálogo com a Educação por Princípios apontou novas possibilidades de aprofundamento e pesquisas. Clareou o entendimento dos termos das diferentes abordagens utilizadas no sistema educacional brasileiro, levando ao entedimento de que, para toda abordagem de ensino-aprendizagem ou didática, é preciso uma abordagem metodológica, sem ela o objetivo da proposta educacional não pode ser atingido.

²⁷² SERVICIOS PEDAGÓGICOS Y TEOLÓGICOS (SPT). *Manifiesto por uma educação teológica de qualidade*. La Paz, Bolívia: 2009. p. 5.

3.3. Modelos embasados na proposta metodológica das abordagens

A fim de visualizar o modelo de aula proposto pelas referidas abordagens a seguir, apresentar-se-á um exemplo dos passos propostos pela metodologia da *Elementarisierung* e um exemplo da proposta metodológica da Educação por Princípios.

3.3.1 Exemplo da *Elementarisierung* como princípio norteador no planejamento da aula baseada na história bíblica de Lucas 15.11-32 – O Filho Pródigo²⁷³

Uma das tarefas mais importantes na vida de um educador e de uma educadora é o planejamento e a organização de suas aulas. Segundo Schweitzer, o educador e a educadora devem planejar sua aula de tal forma que esta seja autêntica, baseada no encontro real entre o conteúdo e a vida do educando e da educanda.²⁷⁴ E como é possível esse encontro? O exemplo a seguir irá mostrar. A *Elementarisierung* é utilizada como princípio norteador do planejamento da aula, baseado na história bíblica de Lucas 15.11-32, que conta a história do Filho Pródigo. As cinco dimensões da *Elementarisierung* serão mencionadas no decorrer desse exemplo, podendo não estar independentes, mas sim interligadas. Não existe uma ordem específica para a utilização das dimensões no planejamento de uma aula.

a) Estruturas Elementares e o exemplo de Lucas 15.11-32

²⁷³ O modelo da abordagem da *Elementarisierung* não é conhecido no Brasil, nem para o planejamento das aulas de Ensino Religioso, e por esse motivo a autora julga importante compartilhar um exemplo de aula para melhor compreensão da referida abordagem. No plano de aula que segue são colocadas em prática as Dimensões e Competências abordadas neste capítulo. O exemplo é de Simon Brößner, e ele apresentou esse plano como seu trabalho de pesquisa. A autora deixa claro que o plano é tradução própria e não apresenta nenhuma interpretação subjetiva. BRÖßNER, Simon. *Elementarisierung als Prinzip der Unterrichtsvorbereitung. Am Beispiel des Gleichniss vom verlorenen Sohn (Lk 15, 11-32)*. Studienarbeit.

²⁷⁴ SCHWEITZER, Friedrich. *Elementarisierung: ein religionsdidaktischer Ansatz: Einführende Darstellung*, In: DERS. (Hg.) *Elementarisierung im Religionsunterricht. Erfahrungen, Perspektiven, Beispiele*, Neukirchen-Vluyn, 2003. p. 11.

Na dimensão das Estruturas Elementares é preciso primeiramente definir a constituição e as características dos elementos básicos²⁷⁵ em relação ao tema proposto. Deve ficar claro o que é preciso aparecer no planejamento, não se esquecendo da vida pessoal de cada educando e educanda lembrando e exemplificando. A essência desta história bíblica é: 1. Na parábola o pai é o representante de Deus que dá livre arbítrio à humanidade, tem compaixão pelo povo e o perdoa quando se arrepende do pior erro. Ele é um Deus misericordioso; 2. Alimentar suínos é um símbolo do empobrecimento da pessoa e sua distância de Deus, para os judeus esses animais são considerados impuros; 3. Pessoa ciumenta do irmão mais velho, ao qual o pai pede que abandone a justiça humana e comemore a comunhão.

b)Experiências Elementares e o exemplo de Lucas 15.11-32

A dimensão das Experiências Elementares preocupa-se com as experiências que os educandos e as educandas trazem para o ambiente de aprendizagem, de certa forma sua visão de mundo. Por um lado, a intenção é descobrir de que maneira os educandos e as educandas vão associar o tema a suas próprias experiências, e, por outro, proporcionar aos educandos e as educandas novas e diferentes experiências. Infelizmente a realidade de hoje é que poucos educandos e educandas vivem em ambientes cristãos e, assim, até os padrões morais não são mais parte do seu conhecimento e, conseqüentemente, do seu convívio. Pouco se pode comparar com as tradições, nesse caso somam-se apenas as próprias experiências.

As experiências que os educandos e as educandas irão associar ao exemplo da história bíblica de Lucas 15.11-32 são: separar-se, sentir-se sozinho, perdão, amor, comemoração, falta de justiça, ciúme e sentir-se em desvantagem. Eles provavelmente vão lembrar suas relações com seus familiares.

²⁷⁵ NIPKOW, Karl Ernst. *Elementarisierung als Kern der Unterrichtsvorbereitung*. Gütersloher Verlagshaus. Gütersloh, 1986. p. 601.

c) Acessos Elementares e o exemplo de Lucas 15.11-32

A dimensão dos Acessos Elementares preocupa-se com o desenvolvimento e a construção do mundo que ocorre por parte das crianças e dos adolescentes, ou seja, dos educandos e das educandas em questão. Como eles reagem frente ao tema proposto. Aqui aparecem e têm um papel importante as habilidades cognitivas e sociais e em qual estágio espiritual e moral o educando e a educanda se encontra.

d) Caminhos de Aprendizagem e o exemplo de Lucas 15.11-32

Na dimensão dos Caminhos de Aprendizagem o objetivo é encontrar o método ideal e quais recursos serão utilizados para a realização da aula. Importante é escolher os métodos e recursos de acordo com o tema e a faixa etária dos educandos e das educandas para qual a aula está sendo planejada. Sendo um texto bíblico o tema central, é importante utilizar métodos que envolvam a criatividade e/ou a identificação com os personagens bíblicos, de maneira que a mensagem bíblica fique clara, objetiva e pessoal para cada educando e educanda. Caso o tema esteja relacionado a um assunto mais específico, cabe aqui escolher métodos e caminhos como resumos e/ou preencher lacunas.

Nipkow²⁷⁶ ressalta, em sua obra, que nesta dimensão os educandos e as educandas gostam e acham muito interessante quando o educador e a educadora compartilha sua própria experiência em relação a sua fé.

Como o exemplo dado refere-se a um texto bíblico, o ideal é utilizar métodos livres para possibilitar aos educandos e às educandas o acesso à parábola. Uma possibilidade é deixá-los representar a parábola, ou deixar o final de fora e pedir que formulem um final alternativo para a história. E ainda é possível contar a história através de figuras e juntamente com os educandos e as educandas realizar as relações existentes.

²⁷⁶ NIPKOW, Karl Ernst. *Pädagogik und Religionspädagogik zum neuen Jahrhundert*. Band 1. *Bildungsverständnis im Umbruch. Religionpädagogik im Lebenslauf. Elementarisierung*. Gütersloh, 2005. p. 345.

e) Verdades Elementares e o exemplo de Lucas 15.11-32

A dimensão das Verdades Elementares requer tornar significativo para os educandos e as educandas as verdades contidas na história, com base na tradição cristã e nos exemplos bíblicos. As verdades devem ser descobertas por todos e em conjunto.

A parábola do filho pródigo estimula a crítica e a reflexão sobre as amizades que se tem. Algumas expressões como “cada um colhe o que semeou” ou “castigo deve existir” surgem devido à relação que cada um faz com a culpa. Porém, é a misericórdia de Deus que vai fazê-lo refletir mais antes de conseguir obter um entendimento sobre o significado real da misericórdia que o Pai tem em relação ao filho.

E, de outro lado, o irmão mais velho leva a perguntar é possível se alegrar com a felicidade do outro. Mesmo quando alguém achar que este nem a merecia.

No final da parábola fica a mensagem de que Deus quer a comunhão! Assim o filho pródigo é aceito através de uma festa em comunhão com sua família e o pai pede ao filho mais velho que participar dessa comunhão.

3.3.2. Abordagem da Educação por Princípios

Segundo as orientações descritas na Apostila do Curso II – *Ferramentas Pedagógicas da Educação por Princípios*, oferecido via Ead pela AECEP, utilizar métodos bíblicos para ensinar deve evocar o coração e a mente dos educandos e das educandas. É necessário que exista entendimento para que possa existir uma transformação de dentro para fora, do pensamento para a ação. Os autores do referido curso afirmam que isso é bem diferente do que apenas estimular os educandos e as educandas através dos sentidos e condicioná-los a responder a alguns estímulos, é preciso ir além e inspirá-los com a verdade e a vida de Deus que flui no ser humano.²⁷⁷

²⁷⁷ CURSO II – Ferramentas Pedagógicas da Educação por Princípios (apostila) AECEP, 2012, p. 22.

Rosalie J. Slater, em seu livro *Ensinando e aprendendo a história cristã americana: o enfoque por Princípios Bíblicos*²⁷⁸, define sua expressão como um método para o estudo da história norte-americana e afirma que o mesmo também se aplica a qualquer campo do conhecimento.²⁷⁹ Ela diz que:

Este enfoque por princípios bíblicos e o método histórico de raciocínio bíblico fazem com que as verdades da Palavra de Deus sejam a base de cada matéria do currículo escolar, o enfoque por Princípios Bíblicos consiste no que chamamos de método dos 4R (em inglês) e é considerado um método de estudo e investigação que traz à luz os princípios absolutos a partir dos quais se pode raciocinar em qualquer área da vida.

No quadro abaixo pode-se visualizar os passos básicos desta aprendizagem proposta pela abordagem da Educação por Princípios:

PASSOS	DEFINIÇÕES Retiradas do <i>Dicionário Webster 1828</i>	MÉTODOS EDUCACIONAIS Baseados nos Registros Históricos da América
PESQUISAR	<p>“Inquirir diligentemente e examinar em busca de fatos e princípios.”</p> <p><i>“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim.”</i> (João 5.39)</p>	Fazer estudos de palavras bíblicas pesquisando o vocabulário usado e o fundamento bíblico da disciplina; pesquisar a partir de fontes primárias; juntar fatos, regras, definições, mapas, gráficos etc.
RACIOCINAR	<p>“Identificar a causa ou base através da qual se chega a uma conclusão; aquilo que sustenta ou justifica.”</p> <p><i>“Ora, Paulo, segundo o seu costume, foi ter com eles; e por três sábados discutiu com eles as Escrituras.”</i> (Atos 17.2)</p>	<i>Deduzir princípios</i> da Palavra de Deus que produzem retidão moral. Delinear o componente curricular, executando tarefas que requeiram raciocínio da causa ao efeito no formato de ensaio; produzir habilidades de pensamento crítico e abstrato que, conseqüentemente, levem a ideias originais.
RELACIONAR	<p>“Contar ou recitar; aplicar fato e verdade à vida e ao conhecimento.”</p> <p>“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (João 14.6)</p>	<i>Escrever</i> definições e princípios deduzidos em suas <i>próprias palavras</i> ; escrever as lições aprendidas e relacioná-las à sua própria vida; solucionar problemas; realizar experimentos; fazer provas; escrever ensaios, discursos, teses, oratórias, dramas, musicais; defender teses oralmente.

²⁷⁸ Teaching and Learning America's Christian History – The Principle Approach.

²⁷⁹ CURSO II, 2012, p. 23.

REGISTRAR	<p>“Escrever uma cópia oficial regular e autêntica para a preservação do que foi estudado.”</p> <p><i>“Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memorial num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué.” (Êxodo 17.14)</i></p>	<p>Cópias de livros coloniais, livros comuns, diários, correspondência pessoal e pública, e registros oficiais revelam uma cosmovisão cristã. Trabalhos no fichário do estudante; ensaios, redações e poemas; teses; fazer discursos e oratórias; debates; pinturas; apresentações dramáticas e musicais.</p>
------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Adaptado do *The Noah Plan Self-Direct Study in the Principle Approach*.²⁸⁰

Após pesquisar o assunto que está sendo proposto a estudar, é preciso raciocinar com base na pesquisa, considerando, meditando e ponderando de que maneira a pesquisa realizada se relaciona ao mundo. É possível fazer essa associação em relação à vida, à família, ao mundo do educado e da educanda ou em relação aos outros componentes curriculares, integrando assim o conhecimento. O registro já vem ocorrendo nos passos anteriores, mas ao final é importante que o educando e a educanda façam um registro pessoal, ou seja, escrito de próprio punho e letra, para recordar de fato o aprendizado.

O objetivo principal deste método é tornar o conhecimento e a verdade propriedades do indivíduo, fundamentados na Palavra de Deus, promovendo seu desenvolvimento em caráter cristão.²⁸¹

A seguir é possível visualizar um Plano de Pesquisa²⁸² por etapas, como proposto pela abordagem da Educação por Princípios.

²⁸⁰ CURSO II, 2012, p. 30.

²⁸¹ CURSO II, 2012, p. 27.

²⁸² O Plano de Pesquisa por etapas foi elaborado pela educadora Helvia Alvim Brito, capacitadora da AECEP e membro do Conselho da AECEP. O Plano foi elaborado para o 4º ano do Ensino Fundamental, para o componente curricular de Matemática – 12/11/2012. Cedido pela educadora Helvia durante o Curso de Capacitação de Educação por Princípios, no dia 18 de abril de 2015.

1. Pesquisar

Conteúdo Programático: Sistema de Medidas²⁸³

1) História do Sistema de medidas (cúbito, palmo, jarda, milha, polegada, pé...)

- a) Medidas Bíblicas: Arca de Noé – côvado
- b) Metrologia: ciência da medição

2) Conceito, uso, nomenclatura, símbolos, instrumentos de medição, operações e problemas de:

- a) Medidas de comprimento: metro, meio metro, centímetros
- b) Medidas de capacidade: litro, meio litro
- c) Medidas de massa: quilo, meio quilo, grama
- d) Medidas de tempo: dia, hora, meia hora, minutos

3) Sistema Internacional de Medidas (SI)

INMETRO – Brasil e as medidas na Inglaterra e nos Estados Unidos (English System ou Imperial System)

Definição do vocabulário e referências bíblicas de textos e versículos relacionados ao conteúdo:

Sistema: conjunto de partes, reunião de normas.

Medidas: grandeza determinada que serve de padrão para avaliação.

Medir: determinar, verificar a extensão, avaliar, considerar.

Côvado: antiga medida de comprimento equivalente a 0,66 m.

Capacidade: grandeza do espaço (com relação ao que pode conter).

Massa: quantidade de matéria.

Tempo: época determinada. Prazo, demora. Estação, quadra própria. Época.

²⁸³ Fontes utilizadas por Helvia Brito para a elaboração do Plano de Pesquisa descrito: 1. REVISTA SUPERINTERESSANTE. Ed. 186. Mar. 2003. Disponível em: <www.mundoeducacao.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2012. 2. DICIONÁRIO SILVEIRA BUENO. FTD. INMETRO. Disponível em: www.inmetro.gov.br. Acesso em: 12 nov. 2012. 3. BÍBLIA VIDA NOVA: versão Almeida Século 21. 4. HAYCOCK, Ruth. *Enciclopédia das verdades bíblicas*. São Paulo: ACSI, 2003.

Referências Bíblicas:

Pv 20.10 (dois pesos e duas medidas); Lv 19.35 (pesos injustos); Êx 25.25 (largura); Jó 28.23,25 (Deus pesou as águas); Lc 6. 38 (Boa medida sacudida). Ef 4.13 (medida da estatura de Cristo); Sl. 39.4 (medida do dia); Ef 5.16 (remindo o tempo); Ec 3.11 (tudo fez Deus formoso em seu tempo); Mc 1.15 (o tempo está cumprido).

2.Raciocinar

Princípios bíblicos identificados e aplicados:

Soberania: Deus mediu e pesou a sua criação com a palma das suas mãos.

Caráter: Deus ensina a ter medidas justas. Deve-se ser justo.

Individualidade: existem diferentes formas de medir: comprimento, capacidade, massa, tempo.

Semear e colher: o ser humano será medido da mesma maneira que medir (julgar) os outros.

União: existe um conjunto, um sistema de normas que rege as medidas. Órgãos reguladores que as padronizam.

Autogoverno: deve-se governar com justiça, todo o uso de medidas. Obedecer às normas dos sistemas de medida.

Mordomia: deve-se cuidar de cada momento do dia, cada um é responsável pelo bom uso do tempo.

3.Relacionar

Objetivos gerais:

- Conhecer a história do sistema de medidas.
- Apresentar algumas medidas contidas nos textos bíblicos.
- Compreender os conceitos de medida: comprimento, capacidade, massa e tempo.
- Aplicar os conceitos de medidas em situações-problema e situações cotidianas.
- Conhecer os órgãos reguladores dos sistemas de medidas.

Objetivos específicos:

Que os estudantes sejam capazes de:

- Compreender a evolução do sistema de medidas até os dias de hoje.
- Operar academicamente usando as medidas.
- Operar utilizando as medidas em situações cotidianas.
- Identificar os sistemas de medidas em textos, supermercados, projetos,

maquetes.

- Uso correto da nomenclatura e símbolos.
- Aprender o uso do relógio de ponteiros.

4.Registrar**Atividades:**

- Medir e anotar as medidas da sala e de seus móveis.
- Linha de tempo dos sistemas de medidas.
- Medir cada educando e educanda.
- Fazer uma maquete, em dupla, com medidas previamente determinadas.
- Trazer para sala embalagens com medidas: quilo, litro, metro, centímetros

etc.

- Registrar os conceitos no caderno de anotações.
- Construir um relógio com seus ponteiros de horas e minutos.
- Pesquisar na Bíblia citações de medidas.

Avaliação:

- Atividades impressas avaliativas: operações e situações-problema.
- Maquete (confecção e precisão).
- Leitura correta de horas e minutos.
- Exercícios.
- Aplicação de princípios bíblicos

3.4. Considerações finais do capítulo

Após a explanação da *Elementarisierung* e da Educação por Princípios é possível descrever fragilidades decorrentes das propostas pedagógicas e metodológicas das referidas abordagens. Essas abordagens propõem uma educação voltada para valores cristãos e bíblicos enfatizando o pleno desenvolvimento do ser humano.

Não existe uma pedagogia neutra e toda pedagogia engloba filosofia, métodos e currículo. Qualquer abordagem pedagógica, para que seja considerada uma abordagem educacional sustentável, deve ter uma fundamentação filosófica, uma fundamentação metodológica e uma fundamentação curricular. Fundamentos que esclarecem a respeito do que é o ser humano, se existe um criador ou se o ser ao qual se deve educar é meramente um organismo que responde a estímulos ambientais.

A *Elementarisierung* limita o seu diálogo com a Educação por Princípios ao afirmar que sua proposta está concentrada à didática do Ensino Religioso. A *Elementarisierung* é fundamentada na metodologia em forma de dimensões e competências, apresentando a fundamentação curricular nos conhecimentos bíblicos de seus educandos e suas educandas, optando planejar suas aulas conforme as necessidades e desejos dos seus educandos e suas educandas.

Porém uma das maiores afinidades, e considerada, pela experiência própria da autora, a maior fragilidade apresentada pelas abordagens é a necessidade de a espiritualidade estar presente tanto na vida do educador e da educadora como na vida do educando e da educanda. O conhecimento prévio por parte do educador e da educadora sobre os princípios bíblicos e a sugestão de Nipkow, ao mencionar que nas verdades elementares o educador e a educadora compartilhe a sua experiência de fé, ou seja, sua fé própria e suas experiências pessoais, são requisitos para ambas as abordagens e não se apresentam como realidades.

De modo geral, por mais que no discurso a teoria e a prática andem juntos, ainda é visível na prática a falta de clareza sobre o perfil ideal para a preparação de aulas que tenham como objetivo orientar e formar os educandos e as educandas com conhecimentos necessários, visando sempre ao seu desenvolvimento pleno.

Na Alemanha existe formação específica para o educador e a educadora do componente curricular de Ensino Religioso. Mesmo com formação específica, aponta-se fragilidade das diferentes formações que ocorrem nas universidades, dependendo de em qual região ela se encontra, surgindo a necessidade de discussão e reflexão acerca das competências do educador e da educadora do Ensino Religioso.

Ao direcionar o olhar para o Brasil, e diante do sistema educacional apresentado anteriormente, surgem dúvidas sobre o perfil do educador e da educadora que estaria preparado e capacitado para desenvolver as abordagens. O foco da pesquisa não é exclusivo do educador ou da educadora do Ensino Religioso, porém vale ressaltar que no Brasil carece da formação específica voltada para o componente curricular de ensino religioso, e, de acordo com o Artigo 62 da LDB, “a formação de professores para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação”.²⁸⁴

Diante desta realidade questiona-se se, nas formações acadêmicas dos educandos e das educandas, aparece a espiritualidade como uma parte do conhecimento a ser adquirido. Qual é a forma de seleção do corpo docente para a Educação por Princípios? Pertencer a uma instituição religiosa? Frequentar assiduamente sua igreja ou denominação? Participar de cursos de capacitação?

Valmor da Silva, ao refletir sobre o educador e a educadora do campo do Ensino Religioso²⁸⁵, afirma que:

Nenhum cidadão pode ser discriminado por motivo de crença; em ter assegurado uma educação integral, incluindo o desenvolvimento de todas as dimensões de seu ser, inclusive a religiosa, independente de concepção religiosa ou filosófica de qualquer natureza.²⁸⁶

Defende-se uma educação formadora, de discernimento, de crítica e de liberdade e, ao mesmo tempo, mediadora de conteúdos e saberes vinculando a

²⁸⁴ KLEIN, Remi. Formação docente para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude Erandi *et al* (Orgs.). *Ensino Religioso e docência e (m) formação*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2013, p. 26.

²⁸⁵ Quando a autora menciona o componente do Ensino Religioso, refere-se sempre à espiritualidade que, se entende, deve estar presente em todos os componentes curriculares como propõe a Educação por Princípios.

²⁸⁶ SILVA, Valmor da (Org.). *Ensino Religioso: a educação centrada na vida: subsídios para a formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 82.

produção de conhecimentos.²⁸⁷ Neste contexto o educador e a educadora devem abordar os conteúdos de forma problematizadora, criando situações nas quais os educandos e as educandas se sintam desafiados a buscar respostas. Para João Luiz Gasparin, a “problematização é o elemento-chave na transição entre a prática e a teoria, isto é, entre o fazer cotidiano e a cultura elaborada”.²⁸⁸

Assim a escola é um ambiente de formação social e cultural, na figura do educador e da educadora, que exerce papel fundamental no desenvolvimento individual, tendo em vista que as pessoas mais experientes promovem o conhecimento de quem está a aprender.²⁸⁹

Ao finalizar este capítulo, percebe-se que não basta conhecer a proposta pedagógica e metodológica e empenhar-se a colocá-la em prática. Para que ocorra de fato na prática a execução destas abordagens ou, mais precisamente, que se efetive a Educação por Princípios, que é o objeto de estudo desta pesquisa, mostra-se a necessidade da intervenção das figuras que farão tudo acontecer: o educador e a educadora.

Inúmeras propostas existem ou podem vir a existir, sejam elas oriundas dos Estados Unidos ou da Alemanha, porém de nada adiantarão muitas páginas impressas de modelos e sugestões se os educadores e as educadoras no Brasil não adotarem posturas diferenciadas perante educandos e as educandas deste século, fundamentados na realidade individual de cada educando. Muito além de conhecimentos, os responsáveis pedagógicos por fazer a educação acontecer na prática necessitam de acompanhamento, revelação e transformação em suas vidas e suas atitudes.

Para tanto, torna-se relevante e extremamente necessário, neste momento da pesquisa, voltar o olhar à figura do mestre, denominado aqui educador ou educadora. Mediante tantas propostas maravilhosas, é possível encher os olhos de desejo por uma educação que desenvolva todos os aspectos dos educandos e das

²⁸⁷ MARTINS FILHO, Lourival José. Formação de novos docentes e Ensino Religioso: caminhos e desafios. In: BRANDENBURG, Laude Erandi *et al* (Orgs.). *Ensino Religioso e docência e (m) formação*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2013. p. 18.

²⁸⁸ GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. São Paulo: Autores Associados, 2002. p. 35.

²⁸⁹ MARTINS FILHO, Lourival José. Formação de novos docentes e Ensino Religioso: caminhos e desafios. In: BRANDENBURG, Laude Erandi *et al* (Orgs.). *Ensino Religioso e docência e(m) formação*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2013. p. 20.

educandas, mas quem são os educadores e as educadoras que regem as salas de aula das escolas que adotam a abordagem da Educação por Princípios?

4. Perfil dos educadores e das educadoras baseados na Educação por Princípios

As tensões pelas quais atualmente passa o sistema educacional são resultantes das transformações sociais e das novas exigências que se apresentam para a formação de novas gerações. O acesso à informação e ao conhecimento, as mudanças na família e nos próprios educandos e nas educandas, as modificações no mercado de trabalho, os valores sociais emergentes e a rapidez com que ocorrem mudanças são algumas das características da sociedade do século XXI, que afetam, sem dúvida, o exercício da atividade docente.

Historicamente o educador e a educadora sempre exerceram uma função de extrema responsabilidade, devido a sua incumbência primeira de ser formador do ser humano, isto é, de atuar na transmissão de valores morais, de normas e costumes. Na Antiguidade a formação dos jovens estava sob a responsabilidade dos filósofos, que deveriam, além do ensino das ciências e das artes, contribuir principalmente com a formação do cidadão. Posteriormente, na Idade Média, surgiu uma elite em que os intelectuais sacerdotes, filósofos e artistas passaram a imaginar como “puros” a vida, a arte, a ciência e até mesmo a educação.²⁹⁰

Segundo Nicholas Carr²⁹¹, a educação é muito mais que um conjunto de habilidades técnicas: requer capacidade para ajudar os outros a crescer em sabedoria e discernimento moral, o que exige compreender os outros como fins em si mesmos. A importância de os educadores e as educadoras serem capazes de promover o desenvolvimento pessoal e moral dos educandos e das educandas pressupõe que eles mesmos disponham desse saber e que possam se tornar referências morais para seus os educandos e suas educandas.

A partir deste universo de ideias puras é que a Educação passa a ser pensada como o exercício do educador e da educadora sobre a alma do educando e da educanda, com o propósito de o purificar do mal que existe na ignorância do saber que conduz à salvação.²⁹² Ao longo dos séculos surgem teorias da Educação que buscam aperfeiçoar cada vez mais os métodos de ensino-aprendizagem.

²⁹⁰ CARR, Nicholas, 2003. In: MARCHESI, Álvaro. *O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores*. São Paulo: Editora Artmed, 2003. p. 24.

²⁹¹ CARR, 2003, p. 24.

²⁹² BRANDÃO, C. P. *O que é educação?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. p. 104.

Igualmente, o artigo 205 da Constituição Federal²⁹³ mostra o objetivo de possibilitar saberes essenciais ao desenvolvimento dos educandos e das educandas através da prática pedagógica. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura²⁹⁴ defende que, além de o educando e a educanda possuírem direitos de aprendizagem dos conteúdos, obtenham, através do ensino-aprendizagem, contribuições para sua personalidade, conscientização dos seus direitos e deveres por meio de atividades que contemplem o diálogo, a partilha e o cuidado com todos os seres humanos.

A Lei n. 9.394²⁹⁵, que trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, esclarece que a Educação tem condições de humanizar e desenvolver no indivíduo, em suas diversas dimensões, o potencial cognitivo, afetivo, cultural, social, dialógico e crítico. De acordo com Pinto, uma aprendizagem significativa perpassa a democracia participativa em busca de um futuro melhor para todos, e não apenas para algumas classes privilegiadas.²⁹⁶

A escola deve ocupar-se realmente em entender todos os aspectos pertinentes ao desenvolvimento dos educandos e das educandas? Não caberia essa tarefa exclusivamente às famílias ou a outras instâncias? É dever da sociedade e do sistema educacional atender a todas as dimensões de uma pessoa? A escola deve promover a formação integral?

Diante de tal desafio, sobrevêm novas reflexões como: Quais serão as necessidades dos educandos e das educandas quando forem adultos no presente século XXI? Quais aspectos devem ser potencializados para que possam superar os problemas e as dificuldades que surgirão em todos os campos, sejam elas de ordem pessoal, social ou profissional?

²⁹³ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

²⁹⁴ DELORS, Jacques *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. José Carlos Eufrásio. 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC, UNESCO, 2001.

²⁹⁵ BRASIL. Lei n. 9.394 Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Promulgada em 20 de dezembro de 1996. Editora do Brasil, p. 15.

²⁹⁶ PINTO, C. F. *A formação humana no projecto da modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 498.

Não é tão simples encontrar as respostas acima, já que por trás de qualquer intervenção pedagógica consciente se escondem uma análise sociológica e uma tomada de posição que sempre é ideológica.²⁹⁷

Tudo o que o educador e a educadora fazem em sala de aula, por menor que seja, sempre incide, em maior ou menor grau, na formação dos educandos e das educandas. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que são depositadas, os materiais que são utilizados, cada uma dessas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que se tem a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a Educação.²⁹⁸

Conforme Laude Brandenburg, mais uma vez fica para a pessoa docente o grande desafio de se envolver na formação e nas ações pedagógicas escolares. Brandenburg ressalta que, conforme Philippe Meirieu, o educador e a educadora precisam passar por renúncias: uma delas é ao comodismo de uma suposta objetividade na prática das competências, e a outra estaria na ideia do controle do desempenho e/ou do controle do possível êxito. Apostar na pedagogia da incerteza, em que sempre de novo é necessário se formar e olhar para as necessidades discentes – eis a tarefa da docência em formação!²⁹⁹

4.1. Formação Acadêmica

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, Lei nº 9.394/96, procura situar o educador e a educadora como eixo principal da qualidade da educação, apresentando assim alguns avanços quanto à formação docente e trazendo em seu bojo questões essenciais como: “Associação entre teoria e prática, exigência do curso superior para educadores e educadoras da educação básica, e a educação continuada para os profissionais de educação de diversos níveis”.³⁰⁰

²⁹⁷ ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

²⁹⁸ ZABALA, 1998, p. 29.

²⁹⁹ BRANDENBURG, Laude Erandi. Questionar as competências no Ensino Religioso: uma empreitada possível? In: BRANDENBURG, Laude Erandi *et al* (Orgs.). *Ensino Religioso e docência e(m) formação*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2013. p. 55.

³⁰⁰ BRASIL. Lei n. 9.394 Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Promulgada em 20 de dezembro de 1996. Editora do Brasil, p. 15.

Também é fato que a Modernidade exige mudanças, adaptações, atualização e aperfeiçoamento. A parceria, a globalização, a informática, toda a tecnologia moderna é um desafio para quem se formou há 20 ou 30 anos. A concepção moderna de educador e educadora exige uma sólida formação científica, técnica e política, viabilizadora de uma prática pedagógica crítica e consciente da necessidade de mudanças na sociedade brasileira. Segundo Ferreira:

Mudanças tão rápidas afetam profundamente o homem, o meio ambiente e as instituições sociais. Estas, especialmente, sofrem tremendo impacto pela aplicação de novas tecnologias que, geralmente, alteram hábitos, valores, tradições que pareciam imutáveis.³⁰¹

O profissional consciente sabe que sua formação não termina na universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e ideias, a matéria-prima de sua especialidade. O restante é por sua conta. Muitos educadores e muitas educadoras, mesmo tendo sido assíduos, estudiosos e brilhantes, tiveram que aprender na prática, estudando, pesquisando, observando, errando muitas vezes até chegarem a ser os profissionais competentes que hoje são.

O papel da formação vai além do ensino, pois envolve a capacidade de criar espaços de participação, formação e reflexão, a fim de que os indivíduos aprendam e se tornem capazes de lidar com as dificuldades e mudanças que surgem. É imprescindível, portanto, a formação de um profissional docente prático-reflexivo, dotado de conhecimentos e habilidades e principalmente capaz de refletir sobre a sua própria prática. Segundo Imbérnon:

A formação inicial e permanente do profissional de educação deve preocupar-se fundamentalmente com a gênese do pensamento prático pessoal do professor, incluindo tanto os processos cognitivos como afetivos que de algum modo se interpenetram, determinando a atuação do professor.³⁰²

A partir do momento em que se incentiva o pensar, a ação-reflexão, se está tornando possível a análise, a crítica e a reflexão da situação do profissional e de suas condições de trabalho. É fundamental que a educação seja vista como fator de desenvolvimento e de transformação humana. Para tanto, um dos pontos

³⁰¹ FERREIRA, N. S. C. Tecnologia educacional e o profissional no Brasil: sua formação e a possibilidade de construção de uma cultura humana. In: *Revista Tecnologia Educacional*. Ano XXVI, v. 26, n. 141, abr./mai./jun.1998. p. 27.

³⁰² IMBÉRNON, F. *Formação docente e profissional*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 37.

cruciais é que a formação docente oriente os futuros educadores e educadoras no sentido de conviver com seu educando e sua educanda, observando seus comportamentos, conversando, perguntando, sendo interrogado, e realizando em conjunto suas experiências a fim de auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento.³⁰³

Tendo em vista o que foi exposto, percebe-se não ser suficiente apenas uma fundamentação teórica bem alicerçada, mas se faz necessária principalmente uma mudança diante de práticas conservadoras que visam apenas a reforçar ideologias já existentes. É imprescindível na formação docente uma busca constante não apenas do saber, mas também do fazer, estando cada vez mais inserida a ideia da ação-reflexão no dia a dia do educador e da educadora para que este não se acomode em sua labuta diária e tenha como objetivo um saber mais e um fazer melhores. Certamente que, com a existência de profissionais competentes e comprometidos, quem sairá ganhando será a sociedade, então constituída de cidadãos livres, criativos e críticos.

A formação dos profissionais de ensino sofreu alterações com a LDB³⁰⁴ atual e com as resoluções que a acompanharam. Antes da reforma havia duas maneiras de formar educadores e educadoras: o magistério em nível de segundo grau e a atual licenciatura no curso superior. A LDB atual manteve as sugestões anteriores e acrescenta a formação de educadores e educadoras em cursos normais superiores, formação pedagógica para os bacharéis e formação em serviço, denominada educação continuada.³⁰⁵

De acordo com os artigos 61 a 67, a formação docente para a Educação Básica deve ser realizada em cursos superiores de licenciatura plena, sendo admitida a formação mínima de Nível Médio, na modalidade normal, para o exercício do magistério na Educação Infantil e nos cinco anos iniciais do Ensino Fundamental. O curso de Pedagogia tem provocado inúmeras discussões entre os formadores e as propostas governamentais, e não é intenção aprofundar essas

³⁰³ IMBÉRNON, 2000, p. 37.

³⁰⁴ Apesar de a LDB ser oriunda do ano de 1996, é a diretriz atual e frequentemente mencionada como a “nova” LDB.

³⁰⁵ LIBÂNEO, J. C. *Educação escola: políticas, estrutura e organização*. 2. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. p. 272.

discussões e nem expressar opiniões acerca desse curso, mas sim mencionar o percurso das diretrizes para a formação acadêmica do educando e da educanda.

Acácia Zeneida Kuenzer³⁰⁶ alega que é preciso outro tipo de pedagogia, determinada pelas transformações ocorridas no mundo do trabalho, de modo a atender às demandas da revolução da base técnica de reprodução com seus profundos impactos sobre a vida social. Esse contexto leva cada vez mais os profissionais da Educação a reverem seu trabalho e formação. A elevada flexibilidade intelectual para o enfrentamento de novas situações, autonomia moral e intelectual, a capacidade de se educar permanentemente e de atender às transformações decorridas ao longo dos anos são algumas das causas para essa nova pedagogia mencionada por Kuenzer.

Com base nesta direção, nos últimos tempos ocorreram vários investimentos em políticas públicas que priorizam a formação de educadores e educadoras. Entre esses investimentos está o Plano Nacional de Formação de Professores. A partir de uma pesquisa no *site* do MEC é possível dizer que essa política é o resultado de uma ação conjunta entre o Ministério da Educação – MEC, Instituições Públicas de Educação Superior – IPES e Secretarias de Educação dos Estados e Municípios.

Com a adesão do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, em 2007, estabelece-se um regime de colaboração da União com os estados e municípios visando a assegurar a formação exigida, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, para todos os educadores e todas as educadoras que atuam na Educação Básica, assim como determina no artigo 62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.³⁰⁷

Em decorrência das políticas públicas, atualmente, as escolas investem no aperfeiçoamento dos seus docentes, atualizando seus conhecimentos e

³⁰⁶ KUENZER, Acácia Zeneida. As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura (Org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 33-75.

³⁰⁷ BRASIL, LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. p. 46.

proporcionando reuniões para debater sobre assuntos que envolvem a dinâmica do dia a dia na escola. Vivien Bock³⁰⁸ sugere a importância desses encontros para o aperfeiçoamento de conhecimentos teóricos e trocas de experiências de ensino, quando ocorrem a propiciação da expressão de ideias e sentimentos latentes, o desenvolvimento em nível pessoal do educador e da educadora e a prevenção da saúde mental da comunidade escolar.

Conforme Silvia Maria Silva³⁰⁹, é fundamental acreditar e valorizar aspectos pessoais e profissionais dos educadores e das educadoras, mostrando que o conhecimento pode ser construído por meio do pensamento reflexivo sobre sua prática. Todo educador e toda educadora têm, de forma consciente ou inconsciente, ideias de como é ser educador ou educadora, ser educando ou educanda e ensinar, mas o ideal é que isso se torne consciente durante a sua formação.

Da mesma forma, Madalena Freire³¹⁰ destaca a importância de existir um grupo, conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes reunidas em torno de uma tarefa específica, um objetivo mútuo, cada participante exercitando sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seu ponto de vista.

Partindo destes aspectos sobre a formação acadêmica dos educadores e das educadoras, dirigimos o nosso olhar ao perfil do educador e da educadora que trabalha com a Educação por Princípios. Além da formação acadêmica adequada, buscar formações continuadas, ter amor pela profissão, pelos educandos e pelas educandas, existem aspectos bem específicos dentro da filosofia da Educação por Princípios, como nos afirma Inez Augusto Borges³¹¹ que

[...] a educação por princípios requer mais do que técnicas de ensino derivadas das propostas pedagógicas “centradas no aluno” ou “centradas no conteúdo”. A verdadeira educação cristã será decorrente da vida de educadores comprometidos com um ensino centrado em Cristo.

Para entender a afirmação de Borges em relação ao comprometimento dos educadores e das educadoras, primeiramente é preciso definir qual a verdadeira

³⁰⁸ BOCK, Vivien Rose. *Professor e psicologia aplicada na escola*. Porto Alegre: Kinder, 1996.

³⁰⁹ SILVA, Silvia Maria Cintra da. *Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea, 2005.

³¹⁰ FREIRE, Madalena. O que é um grupo? In: *Paixão de aprender*, ano I, n. 1, dez. 2000.

³¹¹ BORGES, 2014, p. 23.

educação cristã citada pela autora. Ou, ainda, o que é educação cristã? O que se entende por “um ensino centrado em Cristo”?

Será que a educação baseada em princípios não sugere uma educação com expectativas muito elevadas, propondo a busca de soluções para dificuldades que não se originam nas escolas e para as quais não há uma resposta de curto prazo?

4.2. O que vem a ser a educação cristã mencionada na Educação por Princípios?

A educação cristã em relação à educação em geral é uma forma particular de educar. Na Educação por Princípios a menção à educação cristã se deve ao fato que a educação é realizada sob a perspectiva do cristianismo em busca do desenvolvimento da pessoa e de seus dons naturais à luz da perspectiva cristã da vida, da realidade, do mundo e do ser humano³¹², ou seja, uma educação baseada nos princípios bíblicos e na cosmovisão cristã.

Pazmiño salienta que nesta perspectiva a educação cristã pode ser considerada como

O esforço deliberado, sistemático e sustentado, divino e humano, de compartilhar ou adquirir conhecimentos, valores, atitudes, habilidades, sensibilidades e comportamentos que compõem ou são compatíveis com a fé cristã.³¹³

Neste entendimento a Educação por Princípios está convicta que qualquer componente curricular pode ser abordado e ensinado de uma perspectiva cristã, quando a análise é realizada a partir dos ensinamentos bíblicos sobre o Criador, o ser humano e a natureza.

Ao defender a cosmovisão cristã, o educador e a educadora da Educação por Princípios tem como alvo não apenas a transmissão de conhecimento e sim almeja uma transformação do seu educando e sua educanda que será operada pela ação do Espírito Santo.

³¹² LOPES, Augustus Nicodemus. O que é uma escola cristã. In: *Revista Mackenzie*, São Paulo, ano IV, n. 24, 2003. p. 51.

³¹³ PAZMIÑO, Robert W. *Temas fundamentais da educação cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 89.

A educação cristã tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento do indivíduo como um todo e lhe oferecer condições de crescer em sua vida espiritual, no conhecimento de Deus e das Escrituras.³¹⁴ Pode-se então entender que esse crescimento leva em conta o ser humano em seus aspectos físicos, emocionais, espirituais e sociais. Dentro dessa visão, o maior exemplo de desenvolvimento integral é o próprio Jesus, e a Bíblia relata em Lucas 2.52 que ele “*crecia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens*”.³¹⁵ Esse é um dos poucos relatos sobre a infância de Jesus que se encontra na Bíblia.

O *Novo Comentário da Bíblia*³¹⁶ afirma que “a natureza humana de Jesus era perfeita e completa em cada fase de seu desenvolvimento”. Jesus cresceu em conhecimento, sabedoria e estatura. Ele era o próprio filho de Deus, cujos cuidados o cercavam todo o tempo. Esse crescimento também foi testemunhado por todos aqueles que conviveram com ele até o início de seu ministério, pois esse desenvolvimento se deu “diante de Deus e dos homens”. O desenvolvimento de Jesus foi integral, amplo e contínuo, envolvendo não só sua formação cognitiva, mas todo o seu ser, e compreendendo o desenvolvimento de suas personalidades humana e divina, bem como de seus sentimentos com o próximo.³¹⁷

Diante deste contexto, a educação cristã³¹⁸ somente cumpre sua missão quando olha o indivíduo de forma integral, pois o desenvolvimento das pessoas abrange os aspectos físico, emocional, social e intelectual. Um dos erros na área de ensino seja talvez levar em conta tão somente um desses aspectos, o intelectual, deixando assim de observar as diferentes etapas de desenvolvimento das pessoas, bem como de atentar para suas emoções e os relacionamentos interpessoais desenvolvidos ao longo do processo educacional.³¹⁹

Madalena de Oliveira Molochenco afirma que toda criança tem necessidades básicas no que se refere ao desenvolvimento de sua vida cognitiva, ao convívio social e ao desenvolvimento emocional, e também quanto a um

³¹⁴ MOLOCHENCO, 2000, p. 16.

³¹⁵ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

³¹⁶ DAVIDSON, Francis (Org.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1996, p. 1032.

³¹⁷ MOLOCHENCO, 2000. p. 17.

³¹⁸ Entende-se que o educador e a educadora que atuarão na educação cristã sejam cristãos, o cristão sendo alguém que recebeu a Cristo através da fé e confiou nEle como seu único Salvador, conforme João 3.16, Atos 16.31, Efésios 2.8-9.

³¹⁹ MOLOCHENCO, 2000. p. 17.

desenvolvimento físico sadio e ao desenvolvimento de sua vida espiritual. Não há como separar cada uma dessas necessidades, visto que elas formam um todo.³²⁰

Também no desenvolvimento espiritual da criança é um trabalho a ser desenvolvido continuamente. É muito importante o exemplo de vida dos pais e dos educadores e das educadoras, que se tornam a chave-mestra na transmissão dos ensinamentos. A criança aprende pela imitação, seguindo exemplos. A forma como a família e os educadores e as educadoras demonstram seu amor a Deus, à Bíblia, se torna fundamental, pois a criança vai repetir as palavras, os gestos e o comportamento dos adultos.³²¹

Uma vez que o educador e a educadora tenham se apossado das finalidades da educação cristã e compreendido a índole e a experiência de seus educandos e suas educandas, percebendo as necessidades individuais, conseqüentemente basta escolher o método e os processos que empregarão para guiar o procedimento educativo?

Eis a questão. Gonzalo Baez-Camargo aconselha a não se limitar à aplicação de métodos ou às técnicas empregadas na hora da aula, afirmando que, na realidade, “tudo o que o educando e a educanda faz, pensa ou diz, tendo em vista o objeto proposto, constitui método”.³²² Assim, o método constitui-se em tudo quanto ajuda a reconstruir a experiência do educando e da educanda.

Desta forma, educador e a educadora, baseados na educação cristã, não poderão sentir que já esteja feito tudo o que se deva unicamente seguir metodologias e propostas didáticas.

Segundo Baez-Camargo:

Não nos fazemos cristãos, nem crescemos na vida cristã, pela simples ação de métodos educativos. A vida cristã é dom de Deus, e seu crescimento é obra da graça divina. Os melhores métodos e meios educativos não podem ser substitutos da poderosa operação de Deus na alma humana.³²³

Dentro desta visão da educação cristã, os educadores e as educadoras são instrumentos e colaboradores de Deus na incomparável tarefa de colocar os seres humanos em contato com sua graça redentora. A salvação é dom de Deus

³²⁰ MOLOCHENCO, 2000, p. 64.

³²¹ MOLOCHENCO, 2000, p. 65.

³²² BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 28-29.

³²³ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 213.

em Jesus Cristo.³²⁴ A educação cristã, como os outros meios de apresentar o Evangelho, não salva por si mesma, mas pode conduzir os educandos e as educandas às fontes do conhecimento de Deus³²⁵ e guiar sua experiência de tal maneira que os faça sentir sua necessidade de responder ao Senhor, que em seu amor lhes oferece a salvação, os atrai e os convida a entrar em comunhão com Ele.³²⁶

Paul Jehle, em mais uma de suas contribuições para a educação cristã, afirma que:

Quando uma criança conhece a verdade reveladora da Palavra de Deus e aprende a aplicá-la a todas as áreas de sua vida, certamente esta criança será um adulto diferente, construirá uma família diferente e influenciará seu contexto de vida, sua história pessoal e a história de pessoas que com ela se relacionarem. Mas ainda, cada criança discipulada segundo os princípios da Palavra de Deus pode tornar-se um discipulador e pode alcançar nações.³²⁷

Baez-Camargo complementa a afirmação de Jehle quando explica que na visão da educação cristã o educador e a educadora são instrumentos de Deus para atuar na vida de seus educandos e suas educandas. Embora o educador e a educadora ensinem com todas as suas capacidades e aceitem todas as responsabilidades, devem acatar em todo momento o fato de que é Deus quem trabalha por meio deles, para realizar seus santos propósitos. Para isso, é mister a completa consagração do ser humano à vontade e aos planos divinos. Desse modo o educador e a educadora serão agentes dóceis e úteis nas mãos de Deus, que opera no educador e na educadora e conseqüentemente no educando e na educanda por meio do Espírito Santo. Essa consideração inspira ao mesmo tempo confiança, humildade e elevado sentido de dever docente.³²⁸

Para Robert W. Pazmiño, a preparação do educador e da educadora requer empenho e atenção em relação ao seu planejamento relativo ao conteúdo, às pessoas e ao contexto do ensino, ao mesmo tempo em que depositam

³²⁴ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 213.

³²⁵ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 214.

³²⁶ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 215.

³²⁷ JEHLE, Paul. *Ensinando a Bíblia: nosso texto central: fundamentação e diretrizes para o currículo de ensino da Bíblia*. Tradução, introdução e notas de Inez Augusto Borges. Belo Horizonte: AECEP, 2014. p.13.

³²⁸ BAEZ-CAMARGO, 1961, p. 215.

confiança na operação graciosa do Espírito Santo durante todo o processo de planejamento e instrução.

Da perspectiva da fé cristã, isso significa a necessidade de uma parceria no ensino entre o educador e educadora humano e o Mestre divino, Deus.³²⁹ O apóstolo Paulo descreve essa parceria divino-humana em relação à obra da salvação, que pode também ser aplicada ao ministério do ensino, em Filipenses 2.12-13: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”³³⁰

Como resultado da parceria divina, o educador e a educadora cristão são chamados a reconhecer sua dependência de Deus desde os estágios iniciais da resposta ao chamado para ensinar. O discernimento das sugestões do Espírito Santo exige um encontro diário com o Deus vivo que fala por meio das Escrituras, da oração, da ordem criada e de uma variedade de relacionamentos.³³¹

O espírito é a presença ativa de Deus que transforma os esforços do educador e da educadora em acontecimentos transformadores de vida para os educandos e as educandas. A preparação do educador e da educadora envolve o coração, o espírito ou a alma, a mente e o corpo ou a energia desse educador e dessa educadora.³³²

Uma implicação da associação da preparação para o ensino ao amor por Deus é que essa preparação pode ser vista como um ato de amor e uma forma de culto que busca dar glória a Deus.³³³ A preparação do conteúdo, que é associada ao planejamento de aula, pode ser ampliada para incluir a associação normal do conteúdo ao conteúdo cognitivo, a fim de incluir conteúdo espiritual, intencional, comportamental e emocional, que incorpora tanto dimensões individuais quanto corporativas ou cooperativas.³³⁴

³²⁹ PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 17.

³³⁰ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

³³¹ PAZMIÑO, 2006, p. 17.

³³² PAZMIÑO. 2006, p. 23.

³³³ PAZMIÑO, 2006, p. 24.

³³⁴ PAZMIÑO, 2006, p. 24.

A educação cristã tem um vasto campo de atuação na construção do conhecimento e a maneira de fazer com que a educação cristã ganhe vida é conduzir pessoas ao amadurecimento por meio do estudo da Palavra de Deus.³³⁵

A menção do Espírito de Deus e da operação do Espírito no coração humano levanta a questão do lugar do próprio espírito na vida do educador e da educadora que estão empenhados na preparação para o ensino. Considerar o espírito do educador e da educadora serve para introduzir a importante questão da espiritualidade ou da vida espiritual dos docentes, na medida em que ela causa um impacto sobre a preparação para o ministério do ensino³³⁶, visão adotada pela abordagem da Educação por Princípios.

4.3. O educador e a educadora na perspectiva da Educação por Princípios

Para delinear as características ou competências necessárias ao educador ou à educadora na Educação por Princípios, faz-se necessário compreender algumas definições de educador e educadora, cristão e educação. Perceber o educador e a educadora como pessoas, que possuem identidades próprias constituídas ao longo de suas histórias, leva a compreender e estabelecer o perfil na perspectiva da Educação por Princípios e de acordo com o versículo bíblico encontrado em Lucas 6.40: “Todo aquele, porém, que for bem instruído será como seu mestre.”³³⁷

De acordo com o dicionário *online* Aurélio³³⁸, mestre³³⁹ é a pessoa que ensina, pessoa que sabe muito, sábio, pessoa que domina muito bem uma profissão, uma arte, uma atividade. O significado de “professor” é: aquele que ensina uma arte, uma ciência ou uma língua; e “educador” consiste em: o que ou aquele que educa. A palavra cristã, quando entendida como adjetivo, significa que professa o Cristianismo que lhe é relativo, e quando entendido como substantivo masculino significa aquele que professa a religião de Cristo. E, por fim, a palavra

³³⁵ MOLOCHENCO, 2000, p. 15.

³³⁶ PAZMIÑO, 2006, p. 28.

³³⁷ Cf. A BIBLIA sagrada, 1997.

³³⁸ Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/mestre>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

³³⁹ Substantivo masculino.

“educação” significa: conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento do corpo e do espírito.

Ao analisar e considerar os conceitos acima, percebe-se a riqueza contida nos significados da arte da educação, principalmente quanto ao papel do/a mestre/a, professor/a, educador/a. Assim como instrução, correção e formação sugerem atitudes programadas, elaboradas e realizadas por alguém, as definições sobre os/as profissionais que fazem a educação passam várias vezes pelo termo “pessoa”. Percebe-se, então, que a educação acontece de forma relacional; passa e se concretiza através do relacionamento. Para que o processo de educação seja eficaz é imprescindível o elemento humano: a identificação, a comunicação, a relação pessoa-a-pessoa sempre levando em consideração a relação educador(a)-educando(a).³⁴⁰

Em 2 Coríntios 3.2-3³⁴¹, lê-se:

“Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens, estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações”.

O apóstolo Paulo descreve, em sua segunda carta aos Coríntios, que Deus habilitou em cada um/a para que fosse ministro/a da nova aliança; pessoas que irão compartilhar, falar aos outros sobre a aliança feita por Jesus para a salvação dos que creem. Ele comparou os corações a cartas escritas pelo Espírito Santo, tornando-os “cartas vivas”. Esse texto sugere que os educadores e as educadoras cristãos transmitam uma mensagem conforme 2 Coríntios 3:5 “não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus.”³⁴²

O educador e a educadora cristãos são pessoas que educam, ensinam, na busca do conhecimento com sabedoria e excelência, evidenciando seu caráter e aplicando uma metodologia bíblica de ensino e aprendizagem assegurando a formação, a transformação e o desenvolvimento integral do educando e da educanda, preparando-os para cumprirem seus propósitos de existência de acordo

³⁴⁰ MATTAR, Cida; SILVÉRIO, Laura. In: *Fundamentos, conceitos e práticas da Educação*. Curso I. Material Apostilado, AECEP, 2015. p. 111.

³⁴¹ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

³⁴² Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

com Cristo e sua Palavra.³⁴³ Três eixos compõem o perfil do educador ou da educadora cristãos na visão da abordagem da Educação por Princípios: identidade, chamado e dom.

4.3.1. Identidade

Toda pessoa possui uma identidade própria, ou seja, um conjunto de características físicas e psicológicas essenciais e distintivas que as identifica e ao mesmo tempo diferencia das outras.³⁴⁴ Essas características incluem passado, presente e futuro de cada um.

Segundo Howard Hendricks³⁴⁵, o passado existe para se aprender com ele, não para se viver nele, ou seja, as vivências do passado desde a gestação, a infância, a maneira como cada um foi criado e educado; o agir de Deus em cada situação, o local, a cultura, as pessoas com quem alguém se relaciona, as crenças, os paradigmas e as experiências boas ou ruins que teve fizeram parte de sua história de vida, da própria constituição dessa pessoa.

Do ponto de vista espiritual, o educador e a educadora cristãos precisam estar resolvidos emocionalmente em relação a qualquer desequilíbrio do passado. O passado se torna, assim, uma fonte de aprendizado. Em Filipenses 3.14³⁴⁶ o apóstolo Paulo escreve: “Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” Tudo o que sempre está ao redor de cada um/a colabora para a formação da identidade como pessoa: corpo, alma e espírito.³⁴⁷

Como educador ou educadora cristãos, far-se-á uma decisão individual por Jesus. Conforme João 1.12:³⁴⁸ “Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome.” Após a decisão individual por Jesus, uma pessoa torna-se filha e filho de Deus e recebe

³⁴³ MATTAR; SILVÉRIO, 2015, p. 112.

³⁴⁴ MATTAR; SILVÉRIO, 2015, p. 112.

³⁴⁵ HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 143 p.

³⁴⁶ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

³⁴⁷ MATTAR; SILVÉRIO, 2015, p. 112.

³⁴⁸ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

a vida eterna, e seu espírito é vivificado. Em 2 Coríntios 5.17, Paulo afirma: “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.”

A redenção de cada pessoa, a entrega de sua vida a Jesus, a experiência de ter sido feita nova criatura e transbordar de Sua misericórdia possibilita vivenciar o conhecimento do Criador, o desenvolvimento da fé e o crescimento espiritual. Essa é a identidade do educador e da educadora cristãos. Quando tem uma identidade em Cristo, é levado a um viver consistente com o que aprende com Ele, revelando assim o caráter próprio.³⁴⁹

É comum escutar afirmações como: “Dentro da escola sou educador ou educadora, ali dou exemplo, mas lá fora eu tenho o direito de viver a minha vida da forma como desejo”, ou ainda: “Olha o que este menino está fazendo, ele pode se machucar, vou chamar a professora dele porque ele não é da minha turma!” De acordo com Bill Hybels³⁵⁰, caráter é o modo como uma pessoa age quando ninguém está olhando, caráter não é o que já se fez, mas aquilo que se é.

4.3.2 Chamado

Em Efésios 4.11-14³⁵¹ lê-se o seguinte:

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.

O educador e a educadora cristãos foram chamados e escolhidos por Deus para ensinarem com o objetivo de aperfeiçoar os santos e edificar o corpo de Cristo. Chama-se chamado ministerial. Sua vocação educacional é um ministério dedicado a Deus e a seus educandos e suas educandas.

³⁴⁹ MATTAR; SILVÉRIO, 2015, p. 113.

³⁵⁰ HYBELS, Bill. Quando a liderança e o discipulado entram em conflito. São Paulo: Editora Vida, 2000, p. 31.

³⁵¹ Cf. A BIBLIA sagrada, 1997.

Este educador e esta educadora cristãos, que aceitam e vivenciam o seu chamado, possuem características específicas. Uma das características essenciais é o amor e a paixão por seus educandos e suas educandas e pelo processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Hybels³⁵², é o traço de caráter mais ameaçado de extinção.

Este amor pelo próximo é expresso em palavras, gestos, atitudes de compreensão, paciência, alegria nas mais singelas conquistas e estímulo. Amor que envolve empatia, independe do rótulo estabelecido para o educandos e a educanda na escola ou em algum ano anterior ou até mesmo pela família: “Esse menino é difícil...não sei o que eu faço com ele!”³⁵³ Em Mateus 9.35-38 se lê sobre como Deus agia com amor para com os seus quando ele, vendo as multidões, compadeceu-se delas porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não tinham pastor.

O amor no ensino compreende envolvimento e sincronia, num movimento constante de vai e vem, como o conceito etimológico de educação sugere³⁵⁴, expor a informação, o exemplo, a experiência e extrair o conhecimento que já está com o aprendiz, ainda que de outra forma; e o conteúdo vai se encaixar, acrescentar e interagir com o que está sendo apresentado, e assim a verdadeira aprendizagem acontecerá com quem estiver aprendendo e quem estiver ensinando, a partir do que estiver sendo ensinado. Simplificando, quando o educando e a educanda está disposto a aprender, o educador ou a educadora, de posse do conteúdo apropriado e transbordante de amor pelo seu educando ou sua educanda, possibilita a execução do ensino.

Uma segunda característica do educador e da educadora cristãos é possuir sensibilidade e discernimento. Essa característica pode ser visualizada na parábola do semeador que está em Marcos 4.3-8:³⁵⁵

Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a

³⁵² Cf. HYBELS, 2000.

³⁵³ MATTAR; SILVÉRIO, 2015. p. 114.

³⁵⁴ Do latim *educere*, significa despejar e extrair.

³⁵⁵ Cf. A BIBLIA sagrada, 1997.

sufocaram, e não deu fruto. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um.

A arte de ensinar é um desafio constante. Como na parábola do sementeiro, pode ser encontrada terra boa no coração dos educandos e das educandas quando se jogar as sementes, e se verá gradativamente os frutos aparecendo; mas também existem momentos de fracasso, ausência de habilidade entre outros. É nesse momento que essa característica é importante, quando o educador ou educadora conseguem prestar atenção e perceber as dificuldades, e conseqüentemente incentivar os educandos e as educandas, lembrando que o aprendizado é um processo que compreende avanços e, em alguns momentos, fracassos.³⁵⁶

O educador e a educadora cristãos precisam estar próximos de cada educando ou educanda para que possam ter discernimento, respeitando o desenvolvimento individual e não deixando de comemorar conquistas, e revertendo os fracassos. Segundo Cida Mattar, os educadores e as educadoras que marcaram a vida escolar de cada pessoa de forma positiva e agradável foram aqueles que deram não somente conteúdos profundos e aplaudiram os triunfos, mas andaram a segunda milha com ela quando estava destoando da turma, apresentando rendimento abaixo do esperado.³⁵⁷

O educador e a educadora cristãos possuem amor pelo ensino, pela sabedoria. Aprofundam ao máximo os assuntos que ensinam e buscam melhorar sua comunicação. Conteúdos passados de uma forma superficial por falta de conhecimento do educador ou da educadora, ou até uma comunicação ineficaz geram um ensino deficiente. Em Provérbios 4.5-6 encontra-se a confirmação para tal ação por parte do educador e da educadora cristãos “adquire a sabedoria, adquire o entendimento e não te esqueças das palavras da minha boca, nem delas te apartes. Não desampares a sabedoria, e ela te guardará; ama-a, e ela te protegerá.”³⁵⁸

Possuir um coração de servo e serva, saber exatamente quem é e aonde quer chegar, possuir um sentido de propósito e compromisso inabalável, além de

³⁵⁶ MATTAR; SILVÉRIO, 2015, p. 115.

³⁵⁷ MATTAR; SILVÉRIO, 2015, p. 116.

³⁵⁸ Cf. A BIBLIA sagrada, 1997.

ter amor por equipe e colegas, são mais algumas das características do educador e da educadora cristãos. Estes são desafiados a vivenciar um padrão bíblico, principalmente em seus relacionamentos, sendo assim referenciais para toda uma geração. O educador e educadora cristãos utilizam a metodologia adequada a cada aula ou conteúdo, mas têm consciência de que o amor ao educando e à educanda pode fazer muito mais do que qualquer método.

Howard Hendricks, em seu livro *Ensinando para transformar vidas*, apresenta três conceitos da essência da comunicação elaborada por Sócrates: *ethos*, *pathos* e *logos*.

Ethos diz respeito à credibilidade do educador, suas credenciais. O quanto as pessoas acreditam em sua integridade e competência. Ele afirma que o jeito de ser do educador e da educadora é mais importante do que o que diz ou faz, já que determina exatamente o que diz ou faz. Aquilo que é como pessoa é o fator que mais pesa na atuação. É preciso que confiem no educador e na educadora, e, quanto mais confiarem, melhor este conseguirá lhes comunicar o que deseja.

Pathos refere-se ao lado empático, o modo como o educador e a educadora desperta as emoções e os sentimentos de seus educandos e suas educandas, e *logos* denota o conteúdo programático, a parte lógica, pensada da comunicação, a apresentação da argumentação.³⁵⁹

O interesse principal do educador e da educadora não deve ser apenas transmitir princípios, mas sim influenciar o seu educando e sua educanda. Além de palavras, os educandos e as educandas precisam perceber a vivência, a emoção, o sentimento do que está sendo ensinado, em suma, o que é dito precisa estar em harmonia com o que é vivenciado. Hendricks reforça que, para haver ensino eficiente, é necessário que o educador e a educadora seja uma pessoa transformada, quanto mais sua vida for transformada, mais transformações serão efetuadas nos outros por seu intermédio.³⁶⁰

³⁵⁹ HENDRICKS, 1991, p. 39.

³⁶⁰ HENDRICKS, 1991, p. 20.

4.3.3 Dom

Dom corresponde a uma dádiva, um presente, um talento natural concedido por Deus, de acordo com a sua graça. Em Romanos³⁶¹ 12.6-7 se lê: “Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada.” Para uma melhor compreensão desse versículo bíblico, e a fim de visualizar e entender o ponto de vista bíblico, pode-se verificar a parábola descrita em Mateus 25.14-29³⁶² sobre os talentos.

A parábola relata que um homem iria se ausentar do país e chamou seus servos, lhes confiando seus bens da seguinte forma: a um deu cinco talentos, a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo sua própria capacidade; e então partiu. O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor.

Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, os que receberam cinco talentos e dois talentos entregaram o dobro dos talentos recebidos cada um, respectivamente, e o senhor a cada um respondeu dizendo: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”.

Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: “Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui o que é teu”. Respondeu-lhe, porém, o senhor:

“Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semei e ajunto onde espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros; e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado”.

Os dons são recebidos para a edificação, não para exibição exterior de habilidades pessoais, ou seja, o autoengrandecimento. Edificação significa “crescer

³⁶¹ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997

³⁶² Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

em profundidade e abundância no entendimento que a pessoa tem de Cristo e de todos os outros em relação com Ele e na qualidade da relação pessoal com Ele.”³⁶³

Segundo Kenneth Gangel e Howard Hendricks³⁶⁴, não se deve, portanto, presumir que todo educador e toda educadora cristãos tenham o dom espiritual de ensinar. Isso pode ou não ser verdade. Não é objetivo desta pesquisa identificar e aprofundar o estudo sobre o dom de ensinar. William McRae³⁶⁵ sugere que o processo de descobrir o dom de ensinar deve ser iniciado com oração, esclarecimento pelo estudo, indicado pelo desejo, confirmado pela habilidade e acompanhado por bênçãos. Havendo descoberto ter o dom de ensinar, o educador e a educadora são então responsáveis em desenvolver esse dom.

Apesar da compreensão de que Deus concede a graça para que alguém seja mestre, ou seja, receba o dom de ensinar, é imprescindível que invista nesse ministério, para que este possa ser desempenhado com esmero e ser aperfeiçoado a cada dia. Assim, é necessário possuir qualificação profissional formal, estar constantemente envolvido com ferramentas que possibilitem uma formação continuada e uma avaliação da prática.

4.4. Espiritualidade

Considerar a reflexão sobre a espiritualidade exprime a busca da compreensão da essência humana:³⁶⁶ o espírito. A educação vai muito além do que se propõe hoje (conteúdo, conteúdo e conteúdo). Os educadores e as educadoras precisam estar abertos para as novas exigências, não do mercado de trabalho apenas, mas, como propõe nosso objeto de estudo, para o desenvolvimento pleno dos educandos e das educandas. O papel é formar seres

³⁶³ PACKER, James. *Keep in Step with the Spirit*. Old Tappan. Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1984, p. 83. In: GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: CEPAD, 2007. p. 41.

³⁶⁴ GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 41.

³⁶⁵ McRAE, William. *The Dynamics of Spiritual Gifts*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976, p. 111. In: GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 42.

³⁶⁶ A intenção não é considerar relações para as questões religiosas, nem sobre denominações religiosas.

humanos, mas humanos na plenitude da palavra, para uma vivência em harmonia, e conseqüentemente auxiliar as transformações pelas quais estiverem passando.

A relação do educador e da educadora com a sociedade, com a escola, com os educandos e as educandas, igualmente com os colegas de profissão, depende fundamentalmente da maneira como esse educador e essa educadora se autodefinem. Os problemas de conduta que implicam as relações do educador e da educadora com eles mesmos não são relações unicamente subjetivas, porque de acordo com elas os resultados objetivos podem aparecer negativa ou positivamente.

Acreditar na educação é não fazer de sua atividade profissional mera forma de ganhar a vida. É necessário também que o educador e a educadora acreditem na pertinência dos conteúdos que lecionam. Atitudes dessa natureza propiciam ao educando e à educanda perceberem que o mestre possui a convicção necessária para educar. É grande a responsabilidade do educador e da educadora como agentes influenciadores de mentalidades em formação, e a espiritualidade é uma expressão da totalidade do ser humano como sentido e busca dinâmica da vida.

Para compreender como a dimensão da espiritualidade contribui com a constituição da identidade profissional dos educadores e das educadoras e dela participa, basta, num primeiro momento, refletir sobre a pessoa do educador ou da educadora, que além da sua formação inicial e acadêmica, sua prática na escola e sua permanente necessidade de formação, possui uma relação com sua própria aprendizagem e constituição como profissional, sendo esta imprescindível para sua constituição como educador(a)-mestre.

A dimensão da espiritualidade humana é entendida como a busca de um ser ou uma força superior que lhe confira sentido à vida, por meio do qual direcione suas ações sobre o mundo e sobre sua atuação nesse mundo. Ao se perguntar sobre esses sentimentos que nutre em relação às pessoas, ao seu desempenho na profissão e sobre sua própria condição existencial como ser humano, o educador e a educadora têm a possibilidade de se perceberem em permanente construção de si mesmos.

A espiritualidade mencionada não se confunde e nem se reduz necessariamente à prática de uma religião, mas abarca o contexto da dimensão do

cuidado de si, de um educador ou de uma educadora, buscando destacar que experiências de caráter espiritual ajudam a melhorar sua docência.

Observando o cenário educacional atual, pode-se ver que existe um sentimento de mal-estar no que se refere à qualidade de vida dos educadores e das educadoras. O desempenho social da pessoa do educador ou da educadora é alcançada através do seu desempenho profissional e conseqüentemente de sua vida pessoal.³⁶⁷

O educador e a educadora encontram-se num movimento em que lhes é exigido uma adaptação ativa, e é nesse momento que se deparam com a essência de sua prática. As mudanças aceleradas nos modos de produzir e expressar conhecimentos são percebidas pelos educandos e pelas educandas, levando ao seguinte cenário: os educandos e as educandas que estão sob os cuidados do educador e da educadora aproximam-se e aguardam do educador e da educadora para fazer a diferença e mostrar o que é o melhor para as suas vidas. São vivenciadas situações que demandam do educador e da educadora – também seres humanos em permanente processo de construção e reconstrução de si mesmos – posturas de orientação para si próprios e para quem deles assim se aproxime. Uma dessas situações pode estar ligada à dimensão da espiritualidade.

Ao falar sobre a espiritualidade, Doralice Rocha³⁶⁸ afirma:

Em dimensão espiritual, ou espiritualidade, não nos referimos necessariamente à religião ou ensino religioso. A nosso ver, embora religião sempre envolva a espiritualidade e/ou a dimensão espiritual do indivíduo, a dimensão espiritual e a espiritualidade nem sempre envolvem uma manifestação religiosa.

Neste contexto, a espiritualidade mencionada não envolve um conjunto de regras, rituais e liturgias, também não é uma doutrina que possa ser ensinada, mas nasce e se desenvolve no interior de cada indivíduo. A espiritualidade determina a forma como se vê a vida e como se lida com os problemas que vêm imprevisivelmente.

³⁶⁷ MOSQUERA, J. J. M. *O professor como pessoa*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

³⁶⁸ ROCHA, Doralice Lange de Souza. *O resgate da espiritualidade na educação: reflexões a partir de uma perspectiva holística*. 2004. p. 3. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0142.pdf>>. Acesso em: 15 de set. 2014.

Sendo assim, espiritualidade não é “a exclusão da materialidade, mas a relação ou união do homem todo – corpo e alma”³⁶⁹ – com Deus. São os meios que o ser humano desenvolve para esse fim e a manifestação do resultado obtido com o desenvolver dessa espiritualidade no meio em que vive (família, comunidade e a sociedade).

Todo ser humano deve ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo como agir nas diferentes circunstâncias da vida. Diante desse cenário se percebe a importância da educação na contribuição com o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade.

Quando se menciona a espiritualidade, não se espera que o educador ou a educadora, em prol de sua espiritualidade, se tornem missionários, mas que tenham condições de refletir sobre si mesmos, sua missão como educadores e educadoras, criadores de opiniões, e nesse processo se considera o educando e a educanda não como meros produtos, mas como seres aptos a influenciar o mundo ao seu redor.

Vitório Arruda³⁷⁰ define espiritualidade como sendo “a qualidade do que é espiritual e espiritual é o que diz respeito ao espírito; incorpóreo; místico, devoto; relativo à religião”. Assim, para ele “é a essência do homem, é o seu ser, é a maneira de se comportar, agir e pensar”.

O processo da educação que requer o século XXI é muito mais abrangente do que aquele que tem sido colocado na formação docente, mas, embora ainda haja essa deficiência no processo de formação, as competências são sempre requeridas dos profissionais. Tradicionalmente, crenças e experiências espirituais têm sido componentes marcantes em diversas sociedades. Assim, torna-se visível a cada dia a importância da dimensão espiritual para a Educação. Entretanto, apesar de algumas pesquisas que envolvem esse tema terem surgido, principalmente nas últimas décadas, há, ainda, fragilidades no entendimento da relação da espiritualidade com o papel do educador e da educadora.

³⁶⁹ ZILLES, Urbano. Espiritualidade cristã. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges *et al.* (Ed.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13.

³⁷⁰ ARRUDA, Vitório Cesar Mura de. *Inteligência espiritual: espiritualidade nas organizações*. São Paulo: Ibrasa, 2005. p. 51-52.

Vasconcelos³⁷¹ esclarece que a educação trabalha pedagogicamente o ser humano e os grupos envolvidos no processo de participação, através de formas coletivas de aprendizado e de investigação, promovendo a análise crítica sobre a realidade e as estratégias de luta e de enfrentamento. Nesse sentido, ressalta-se a relevância da presença da espiritualidade como algo capaz de auxiliar o indivíduo, a família e a comunidade a melhor superar as dificuldades da vida, proporcionando um melhor enfrentamento da realidade cotidiana.

Para Leonardo Boff³⁷², a espiritualidade é uma das fontes primordiais de inspiração do novo, de esperança e de autotranscendência do ser humano. Segundo o autor, na atualidade “a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como elemento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço de paz no meio dos conflitos e das desolações sociais e existenciais”.

Embora as palavras “espiritualidade” e “religião” muitas vezes sejam compreendidas como sinônimos, elas comportam significados diferenciados. O dicionário define espiritualidade como aquilo que é relativo ao espírito, a parte imaterial do ser humano, inteligência, pensamento, ideia. Já a palavra “religião” é classificada como a crença na existência de uma força ou de forças sobrenaturais, manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, reverência às coisas sagradas; devoção, fé, culto, posição filosófica.³⁷³

As religiões constituem uma construção do ser humano que trabalha com o divino, com o sagrado; são caminhos institucionais capazes de ajudar a desenvolver a espiritualidade das pessoas; nasceram da espiritualidade, mas não são, em sua essência, o espiritual. A espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano. Essa dimensão espiritual que cada pessoa detém se revela na capacidade de diálogo consigo mesmo, com o próprio coração, traduzindo-se “pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta ao outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental.”³⁷⁴ Espiritualidade

³⁷¹ VASCONCELOS, E. M. *Educação popular nos serviços de saúde*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 167p.

³⁷² Cf. BOFF, 2001.

³⁷³ FERREIRA, D. S. A. *Experiências que marcam*. In: VASCONCELOS, E. M.; FROTA, L. C.; SIMON, E. (Orgs.). *Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006b, p. 57-64.

³⁷⁴ Cf. BOFF, 2001.

implica todo esse conjunto de relações. No ser humano, é a capacidade de transformar os fatos em uma experiência de libertação, em um projeto, em uma prática em defesa da vida, de sua sacralidade, protestando contra todos os mecanismos de morte, em todas as circunstâncias.³⁷⁵

A educação pode auxiliar a desenvolver a capacidade de sentir, perceber, compreender e apreciar a si mesmo, aos outros, ao que cerca o indivíduo e às relações que se estabelecem entre esses elementos que formam o todo em que se está inserido. Educadores e educadoras, assim como educandos e educandas, na condição de seres humanos necessitam encontrar o significado de suas vidas e de suas atividades, e descobrir suas missões e seus propósitos de vida.

Outra perspectiva e entendimento da espiritualidade vem de Agostinho. Ele acreditava que todas as pessoas tinham uma ordem de amores que servia para orientar suas ações na vida.³⁷⁶

Conforme declarado nos dois grandes mandamentos³⁷⁷, a ordem de amores de uma pessoa é central para a fé cristã, ou seja, amar a Deus de todo o coração, alma, mente e força, e amar ao próximo como a si mesmo. De acordo com Romanos 5.5³⁷⁸, o amor é derramado no coração humano pelo Espírito Santo que foi dado aos cristãos e cristãs, e Deus criou as pessoas com capacidade de comunhão e relacionamento em nível espiritual, o qual encontra satisfação no amor a Deus e ao próximo³⁷⁹.

A fim de fundamentar e possibilitar a compreensão da espiritualidade mencionada por Agostinho, James Loder contribui para o diálogo entre a Teologia e a ciência ao descrever como o Espírito Santo age para transformar o espírito humano. O conceito de Loder, denominado a “Lógica do Espírito”, contribui para estudos interdisciplinares no século XXI. Loder também é um dos educadores que fornece critérios para a preparação do espírito do educador e da educadora.

³⁷⁵ Cf. BOFF, 2001.

³⁷⁶ *Spiritual Formation in Theological Education: An Invitation to Participate* (Genebra: Programa sobre Educação Teológica, Concílio Mundial de Igrejas, 1987), p. 8. In: PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. Trad. Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 29.

³⁷⁷ *Spiritual Formation in Theological Education: An Invitation to Participate* (Genebra: Programa sobre Educação Teológica, Concílio Mundial de Igrejas, 1987), p. 8. In: PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. Trad. Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 29.

³⁷⁸ CF. A BÍBLIA sagrada, 1997.

³⁷⁹ PAZMIÑO, 2006, p. 30.

Em uma de suas obras, denominada *The Knight's Move*, Loder faz uma ilustração da obra de Sören Kierkegaard, descrevendo o relacionamento entre o Espírito Santo e o espírito humano em termos do movimento do cavalo no jogo de xadrez. O cavalo é diferente de todas as outras peças do xadrez, pois pode se mover em duas direções, em ângulos retos, e tem a vantagem distinta de ser capaz de pular sobre as outras peças no tabuleiro. No jogo de xadrez real, o movimento do cavalo pode ser inesperado e surpreendente para o jogador que não previu as possíveis consequências dos seus movimentos.

Loder denomina como “cavalo da fé” o Espírito Santo que encontra o espírito humano, o que também pode ser descrito como modos inesperados e surpreendentes.³⁸⁰ O encontro com o Espírito Santo possibilita a comunhão com Deus, o Criador da vida. Esse encontro vivifica o espírito da vida e a leva à sua plenitude para a experiência humana. No relacionamento com o espírito humano, o Espírito Santo traz renovação e transformação, satisfazendo os anseios mais profundos.³⁸¹ Questiona-se então como o movimento do cavalo, ou seja, a pessoa e a obra do Espírito Santo, influenciam a preparação do espírito do educador e da educadora.

Pazmiño, diante desta relação que Loder propõe, explica que não há como propor fórmulas fáceis que possam se assemelhar à intensa evolução de um mestre de xadrez e à estratégia do xadrez.³⁸² O educador e a educadora são encorajados a estarem disponíveis para o que o Espírito tenha feito e estiver fazendo na vida de todos os participantes do ensino quando estiver planejando ensinar. Essa abertura é possibilitada por períodos de oração, que envolvem ouvir e meditar ativamente, junto com o montante de tempo necessário para fazer germinar novas ideias, habilidades e sensibilidades.³⁸³

³⁸⁰ LODER, James E.; NEIHARDT, W. Jim. *The Knight's Move: The Relational Logic of the Spirit in Theology and Science* (Colorado Springs: Helmers & Howard, 1992), 2, 21-33. In: PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 30.

³⁸¹ LODER, James E.; NEIHARDT, W. Jim. *The Knight's Move: The Relational Logic of the Spirit in Theology and Science* (Colorado Springs: Helmers & Howard, 1992), 2, 21-33. In: PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 30.

³⁸² PAZMIÑO, 2006, p. 30.

³⁸³ PAZMIÑO, 2006, p. 30.

Segundo Pazmiño, no planejamento é possível considerar as experiências de aprendizado criativo ou crítico que não haviam sido previamente testadas, ao mesmo tempo em que se considera os riscos desses empreendimentos. O ensino é arriscado, não obstante ao fato de que o lançamento de novos caminhos ou o reavivamento de algumas técnicas de ensino, há muito esquecidas, possam oferecer novas opções para os educandos e as educandas.³⁸⁴

E o que seria o espírito? Como relacioná-lo à espiritualidade? Para responder, Loder utiliza o conceito da *lógica do espírito*. Mas o que seria essa lógica?

Para Loder, “lógica” tem

a ver com os processos básicos que o ser humano usa para tomar conhecimento de si mesmo e do seu mundo. São processos racionais, porque exigem o uso do cérebro, do intelecto e todas as suas faculdades. Mas estes processos não são apenas racionais; eles também são relacionais. Baseando-se em Polanyi, Loder expressa que todo e qualquer conhecimento é inextricavelmente pessoal; não é possível separar o conhecedor do conhecimento.³⁸⁵

E “espírito” tem

a ver com a dinâmica inata no ser humano que, silenciosamente dirige e molda o seu conhecimento. Esta dinâmica pode ser caracterizada como um padrão coerente que une num todo as mais variadas maneiras de pensar sobre tal assunto ou tal situação. O espírito busca integridade de conhecimento, ou seja, significado completo, em todo contexto, independentemente do conteúdo ou da complexidade do mesmo.³⁸⁶

Unidos estes dois termos, a “lógica do espírito” é o processo padronizado que descreve a fonte interior geradora de conhecimento em todos os níveis de experiência humana e a transformação do conhecimento do ser humano.³⁸⁷ Esse processo é possibilitado a partir de ordens ocultas de coerência e significado, aparecendo em um determinado padrão de referência ou experiência e conseguindo alterar e até repor padrões já existentes, e por fim reordenando seus elementos.³⁸⁸

³⁸⁴ PAZMIÑO, 2006, p. 30-31.

³⁸⁵ WONDRAČEK, Karin H. K.; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Leticia N. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: uma introdução às ideias de James E. Loder*. Joinville: Grafar, 2012. p. 17.

³⁸⁶ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 17.

³⁸⁷ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 17.

³⁸⁸ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 18.

Conseqüentemente, Loder afirma que se pode analogicamente relacionar a maneira como Deus age na experiência humana por meio de seu Espírito Santo, possibilitando que o ser humano conheça a Deus e a Seu mundo. Há uma *relacionalidade* inata entre o espírito humano e o Espírito Divino.³⁸⁹

Na teoria interdisciplinar de Loder é mostrado como a lógica transformativa do espírito humano está relacionada com a lógica transformativa divina ou fundada nela.³⁹⁰ Numa lista sem fim, Loder descreve como a interação divina age no desenvolvimento psicossocial do ser humano, em descobertas científicas, na criação da cultura contemporânea, na resolução de crises³⁹¹, enfim, ao longo do curso do desenvolvimento humano, para transformar o significado e o destino de uma vida humana a cada idade, novos significados e dimensões vão emergindo, levando o espírito humano a integrar ordens cada vez mais complexas de significado.³⁹²

Segundo Gisela Streck, as teorias que estudam o desenvolvimento humano mostram que cada etapa da vida tem suas características próprias. Em cada etapa da vida humana as teorias existentes auxiliam na compreensão do ser humano, a fim de servir como referenciais para ir ao encontro de suas necessidades e potencialidades.³⁹³

4.5. Relato de experiências com a Educação por Princípios³⁹⁴

Conforme a autora relata na Introdução, conheceu a abordagem da Educação por Princípios em meados de 2005 e conseqüentemente introduz a abordagem nas escolas que administra.

A Educação por Princípios é divulgada pela AECEP. A AECEP³⁹⁵, como já mencionado anteriormente, é uma associação não governamental e interdenominacional. Foi fundada em 1997 na cidade de São Paulo, a partir de uma

³⁸⁹ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 18.

³⁹⁰ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 18.

³⁹¹ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 18.

³⁹² WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 18.

³⁹³ STRECK, Gisela I. W. Ensino religioso com adolescentes em escolas confessionais luteranas da IECLB. Tese de Doutorado. São Leopoldo, EST, 2000. p. 235.

³⁹⁴ Relatos vivenciados pela autora como diretora do Centro Educacional Primeiros Passos localizado nos municípios de Augusto Pestana-RS e Ajuricaba-RS.

³⁹⁵ AECEP. Disponível em: <<http://www.aecep.com.br>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

demanda de escolas cristãs de várias localidades que estavam em busca de apoio para sua constituição e seu desenvolvimento. A associação conta hoje com escolas, assim como educadores e educadoras associados, na maioria dos estados brasileiros, crescendo continuamente.

É válido ressaltar que esta associação não tem a função de um sindicato para as escolas associadas e nem para os educadores e as educadoras. A AECEP estrutura, organiza e compartilha conceitos e práticas pedagógicas e de gestão escolar em Educação por Princípios produzidos por seus fundadores, capacitadores e associados. Através de eventos nacionais e regionais dissemina estes conhecimentos e busca fortalecer os relacionamentos entre as escolas associadas.

Em cada encontro proporcionado pela associação, é possibilitado às escolas associadas avançarem um pouco mais no conhecimento e na execução da abordagem no dia a dia destas. Diante do fato de a associação ser recente e basear-se numa abordagem originada nos Estados Unidos, o avanço para disseminar a mesma tem sido realizado lentamente.

Paul Jehle adverte que os princípios de governo não podem ser vistos como norte-americanos, pois estes são primeiramente bíblicos e tornaram-se parte da sociedade norte-americana. É muito importante que cada educando e cada educanda vejam claramente os princípios de governo e outros sempre com uma clara fundamentação bíblica. Nesse sentido, eles podem ser ensinados em qualquer continente e em qualquer cultura, em todos os tempos, demonstrando o caminho para expressar a verdadeira liberdade na vida do indivíduo e da nação.³⁹⁶

Anualmente ocorre um workshop que reúne educadores e educadoras de todo o Brasil, com o objetivo de promover a formação e apoiar o desenvolvimento de escolas cristãs com base na Educação por Princípios e proporcionar o encontro entre as escolas que compartilham suas experiências. Geralmente novos materiais de EP são publicados e disponibilizados para as escolas.

Uma das grandes preocupações da associação é não realizar uma cópia da abordagem das escolas americanas, mas elaborar material baseado na realidade brasileira e em concordância com as diretrizes curriculares vigentes em

³⁹⁶ JEHLER, Paul. *Ensinando a Bíblia: nosso texto central*. Belo Horizonte: AECEP, 2014. p. 14.

nosso país, como por exemplo o SIRE – Guia Curricular e Metodológico desenvolvido pelo Sistema de Ensino Renovo, elaborado por um grupo de educadores e educadoras com anos de experiência na prática da EP. O Guia compartilha planos de pesquisa, fundamentações, conteúdos e apresentação dos componentes curriculares em conformidade com os parâmetros nacionais vigentes, já sendo implantado atualmente em várias escolas associadas.

A formação continuada dos educadores e das educadoras em EP acontece através dos cursos EaDs ou presenciais que são oferecidos pelas AECEPs. O Curso I – Conceitos, Fundamentos e Práticas da Educação por Princípios, tem como objetivo proporcionar o suporte teórico-metodológico à prática do magistério e da coordenação pedagógica em Educação por Princípios na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio; já o Curso II – Ferramentas Pedagógicas da Educação por Princípios, tem como objetivo mostrar como a Educação por Princípios utiliza várias ferramentas para implementar sua metodologia na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Desde final de 2014 é oferecido o Mestrado em Educação Enfoque por Princípios na Florida Christian University – FCU.³⁹⁷ São atualmente doze educandos e educandas que usufruem de uma estrutura moderna e transformadora. As aulas são ministradas por educadores e educadoras americanos e brasileiros com larga experiência em educação cristã e Educação por Princípios.

Selecionar os educadores e as educadoras para trabalhar em uma escola denominada EP, que optou em proporcionar essa abordagem de ensino e aprendizagem, sempre foi um desafio. A formação acadêmica e a relação da EP com o educador e da educadora são importantes. A disposição para aprender e buscar novos conhecimentos também é avaliada. O entendimento sobre o papel da educação cristã na abordagem é primordial. Estar ciente da Missão e Visão e consequentemente viver de acordo com a Declaração de Fé são pré-requisitos para a admissão do educador e da educadora.

Em todos os anos de experiências vivenciados pela autora, em nenhum momento um (a) candidato (a) afirmou não concordar com os pré-requisitos no

³⁹⁷ Disponível em: <<http://www.fcunonline.com/>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

momento da entrevista. Faz parte da essência de uma escola EP que o coordenador pedagógico acompanhe os planejamentos, como também a conduta e o desenvolvimento do educador e da educadora junto aos seus educandos e suas educandas. Não só em relação à sua fé ou a princípios cristãos, mas também auxiliando a execução da proposta didática e da metodologia.

Um educador ou uma educadora que, ao iniciar seu trabalho em uma escola EP, não conseguir conviver no dia a dia baseado em princípios, embora estando de acordo com os pré-requisitos que lhe tiverem sido apresentados na entrevista e tendo todo o auxílio por parte da coordenação e da direção da escola, apresentando dificuldades para ensinar dentro da abordagem da EP, pode tomar a liberdade e pedir a demissão.

Não se pode afirmar que, ao pedir demissão, perdeu sua fé. A abordagem da EP requer estudar sempre e desenvolver planos de pesquisa para os quais é preciso estar disposto a buscar novos conhecimentos constantemente. Uma prática que não é adotada por todos os educadores e as educadoras. Semelhantemente quando a direção precisa tomar a decisão de demitir o educador ou a educadora. Em todos os casos vivenciados pela autora, as demissões sempre ocorreram por falta de profissionalismo, motivo pelo qual outras instituições poderiam demitir sem ter como pré-requisito a educação cristã.

Entendendo a relação do educador e da educadora com o saber, percebe-se que esta conseqüentemente implica uma atividade do sujeito, de maneira que esse conceito traz a veracidade do termo usado na língua alemã: "*innere Einstellung*"³⁹⁸, indicando que o sujeito se relaciona com algo que lhe é externo, ou seja, que vem do externo. São sistemas simbólicos, como a própria linguagem. De um lado o homem tem um corpo com dinamismo e energia a ser despendida e reconstituída, e, do outro, há o mundo que tem uma materialidade, que preexiste e permanecerá independentemente do sujeito.

Em primeiro lugar, a formação docente não deve estar simplesmente associada à transmissão de conteúdo, ou baseada nas experiências do dia a dia. Antes, a formação de educadores e educadoras requer conhecimentos unificados e

³⁹⁸ A expressão "*innere Einstellung*" é usada na língua alemã e pode-se entendê-la como "atitude interior" ou "disposição interior". A maioria das pessoas não reflete sobre suas atitudes, deixando-se influenciar pelo meio externo. Para ter sucesso em algo que é almejado, é preciso primeiro acreditar em si mesmo para obtê-lo, e assim ser "senhor" de seus pensamentos e atitudes.

que insiram o educador e a educadora como pessoas em busca de uma identidade profissional, admitindo que a formação passa pela experiência, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico, pelos processos reflexivos e por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas.³⁹⁹

Os perfis do educador e da educadora nesta abordagem devem ser fundamentados na educação cristã. Esta é vivida a partir da fé cristã, como um dom, algo que precede o ser humano, transcende-o e o transforma constantemente. Deus é o autor da vida e cada indivíduo é parte de sua Criação. Segundo o *Manifesto por uma Educação Teológica de Qualidade*, a qualidade de vida não é um estado, mas uma dinâmica e uma meta relacional: ninguém pode alcançar uma verdadeira qualidade de vida enquanto a vida de outros estiver ameaçada. A vida, portanto, é integral: material e espiritual, corporal e intelectual, moral e estética, pessoal e comunitária, natural e cultural.⁴⁰⁰

Loder, em sua teoria do desenvolvimento humano, contribui para compreender cada pessoa – o humano e o divino em seu desenvolvimento⁴⁰¹ –, auxiliando para que a ação educacional permanentemente transforme a vida dos educandos e das educandas.

Howard Hendricks, em sua Lei do Coração, confirma que o ensino que realmente causa impacto em quem o recebe não é o que passa de uma mente para outra, mas de um coração para outro, o que quer dizer que o ensino tem que englobar a totalidade do ser: intelecto, emoção e vontade.⁴⁰²

Uma escola que adota esta abordagem está ciente de que seu educador e sua educadora ensinam baseados em sua experiência de vida, e assim a direção deve saber que a sua “sala de aula” é a sala dos educadores e das educadoras. Hendricks ensina que, *quem pára de “crescer” hoje, pára de ensinar amanhã*.⁴⁰³ Nesse sentido, é preciso zelar pela vida dos educadores e das educadoras e conduzi-los continuamente ao prazer de aprender e ensinar, da mesma forma como se espera que os educadores e as educadoras façam com seus educandos e suas educandas.

³⁹⁹ NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

⁴⁰⁰ SERVICIOS PEDAGÓGICOS Y TEOLÓGICOS (SPT). *Manifesto por uma educação teológica de qualidade*. La Paz, Bolívia, 2009. p.5.

⁴⁰¹ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012.

⁴⁰² HENDRICKS, 1991, p. 85.

⁴⁰³ HENDRICKS, 1991, p. 12.

É importante ressaltar que nem sempre tudo ocorre pacificamente e em comum acordo. Infelizmente, ao longo dos 17 anos frente à direção, a autora já conheceu educadores e educadoras sem caráter, sem postura, sem princípios cristãos, independentemente de confissão religiosa e fé. Eis o desafio diário para todos envolvidos com a educação.

4.6. Considerações finais do capítulo

A verdadeira educação é aquela que contempla o ser todo, uma educação holística. Uma vez que

[...] o ser humano é um ser inacabado, é um ser em construção, é um devir. Ele não é apenas um ser de mudanças, ele nunca está pronto. O inacabamento humano supõe que ele está “fazendo-se” (...) que ocorre em suas dimensões física, psíquica, mental e espiritual, tem consequências diretas na vida social e cultural.⁴⁰⁴

Nesta construção do ser de modo integral, a dimensão da espiritualidade deve ser contemplada, pois é supradimensão de todas as outras dimensões humanas. Inserir a espiritualidade como parte do currículo do docente gera nele um compromisso consigo mesmo, com a instituição a que está ligado e com os educandos e as educandas.

Para Zabala, educar

[...] quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas. Quando se tenta potencializar certo tipo de capacidades cognitivas, ao mesmo tempo se está influenciando nas demais capacidades, mesmo que negativamente.⁴⁰⁵

Para se relacionar uma pessoa depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais para se estabelecer vínculos e relações que condicionem e definam as concepções sobre si mesmo e sobre os demais.⁴⁰⁶ Sem dúvida, os adultos são exemplos para os mais jovens, desde as formas de falar, pensar, agir e se comportar até o tipo de regras que delimitam.

⁴⁰⁴ ARAUJO, Alan Ricardo de Sousa. *Complexidade, espiritualidade e educação: por uma educabilidade do espírito humano*. São Bernardo do Campo, 2005. 253 f. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.

⁴⁰⁵ ZABALA, 2008 p. 28.

⁴⁰⁶ ZABALA, 2008, p. 28.

Para Zabala, os educadores e as educadoras conseguem exercer sua atividade profissional sem necessariamente estarem fundamentados em suas próprias experiências, muitas vezes se deixando facilmente levar pela inércia ou pela tradição.⁴⁰⁷ Por outro lado, quando os educadores e as educadoras compreendem a influência que suas experiências exercem sobre o desenvolvimento e o amadurecimento dos educandos e das educandas, contribuem positivamente para a formação integral.

Marcos Andre Scussel, quando reflete sobre educar por competências em sua tese de Doutorado, esclarece o significado da formação integral necessária atualmente:

Quando se fala em formação integral, compreendemos o desenvolvimento de todas as dimensões humanas. Uma aprendizagem significativa que permita aos estudantes a construção de estruturas que lhes deem suporte nas escolhas da vida. Um ensino baseado na memorização de informações, por mais relevantes que sejam, por si só não contempla a necessidade atual de formação integral. O contexto atual exige que o estudante saiba aplicar na vida real os conhecimentos.⁴⁰⁸

A proposta da abordagem da Educação por Princípios com base na percepção vigotskyana de formação social da mente⁴⁰⁹ pressupõe que o educando e a educanda, aprendendo a ler a realidade através do desenvolvimento da metodologia da Educação por Princípios, desenvolverão padrões bíblicos de pensamento, ou seja, padrões ou processos psicológicos superiores que irão se desenvolver em decorrência da mediação bíblica da realidade.⁴¹⁰

O educador e a educadora da abordagem Educação por Princípios, impregnados com os valores e princípios, serão levados a pesquisar, raciocinar, relacionar, registrar e conseqüentemente compartilhar com outros educadores e outras educadoras e com os educandos e as educandas os resultados de suas pesquisas. Os educadores e as educadoras aprendem a perceber a realidade material e espiritual sob a ótica dos princípios da sabedoria, ou seja, do verdadeiro temor do Senhor.⁴¹¹

⁴⁰⁷ ZABALA, 2008, p. 29.

⁴⁰⁸ SCUSSEL, Marcos André. O desenvolvimento de competências no Ensino Religioso e a formação para a cidadania. In: BRANDENBURG, Laude Erandi *et al* (Orgs.). *Ensino Religioso e docência e (m) formação*. São Leopoldo, Editora Sinodal/EST, 2013. p. 43.

⁴⁰⁹ BORGES, 2014, p. 159.

⁴¹⁰ BORGES, 2014, p. 159.

⁴¹¹ BORGES, 2014, p. 159.

O Princípio da Soberania, que reconhece a supremacia de Deus sobre todas as coisas, tem por objetivo desenvolver nos educandos e nas educandas o amor e a reverência à Deus, na pessoa de Jesus Cristo. Como ilustração tem-se uma das mais belas obras de Sandved, “Alfabeto das borboletas”, resultado de 25 anos de dedicação para completar um conjunto de letras e algarismos estampados em asas de borboletas e mariposas. Todas as fotografias foram feitas sem capturar ou matar os insetos.⁴¹²

⁴¹² GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda., 1996.



Figura 13: Alfabeto das Borboletas⁴¹³

As percepções dos princípios bíblicos transcendem a esfera da religiosidade humana, não se limitando ao que foi historicamente padronizado como Cristianismo e sim buscando na essência dos ensinamentos de Jesus Cristo seus referenciais de valores e saberes.

Na imagem acima, a “Soberania de Deus” sobre a educação é confirmada através do versículo do livro de Romanos 1.20” Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.”⁴¹⁴

⁴¹³ Disponível em: <http://www.colegiofonte.com.br/?page_id=18>. Acesso em: 21 mai. 2015.

⁴¹⁴ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

CONCLUSÃO

O atual contexto educacional requer a perspectiva de um atendimento lúdico, com práticas pedagógicas flexíveis, atendendo ao desenvolvimento do educando e da educanda e o promovendo. Igualmente, que os educadores e as educadoras compreendam os educandos e as educandas em sua singularidade e apresentem seu olhar e sua leitura do mundo, estimulando e permitindo o ato criativo, respeitando sentimentos e emoções, valorizando as diferentes formas de expressão e possibilitando o pleno desenvolvimento, direito previsto nas diretrizes brasileiras.

A Lei de Diretrizes e Bases prevê o pleno desenvolvimento dos educandos e das educandas e as políticas públicas vigentes estão engajadas para possibilitar as condições favoráveis, seja através da Lei de Diretrizes e Bases, do Plano Nacional de Educação ou outras citadas no primeiro capítulo deste trabalho.

Em outros contextos históricos, a educação brasileira era muito mais precária, no contexto do sul do Brasil visualizamos atualmente melhorias constantes na infraestrutura das escolas, a maioria das escolas públicas possuem salas climatizadas e acesso à informática através de laboratórios, transporte escolar gratuito, o educando e a educanda é buscado e levado diariamente de suas casas para a escola, incentivo a formação continuada, a remuneração pelas horas destinadas ao planejamento, material didático disponível, inovações tecnológicas, entre outros aspectos que deveriam favorecer a aprendizagem.

Apesar de todos estes investimentos e incentivos a realidade não condiz com o esforço governamental. O ensino ofertado nas escolas públicas não tem conseguido atender os aspectos mais básicos e primordiais da aprendizagem, como aquisição de leitura e escrita, por exemplo. Um outro olhar sobre os investimentos e esforços governamentais remetem à contradição quando lemos sobre os últimos acontecimentos com a classe educacional do estado do Paraná.⁴¹⁵

⁴¹⁵ O sindicato dos professores do Paraná em nota pública ao Jornal Gazeta do dia 23 de abril de 2015, defende que o principal motivo da greve é o descumprimento pelo governo de compromissos assumidos no fim do ano passado, 2014. A categoria lista oito temas na pauta de reivindicações.

Assim como ao olhar uma dificuldade de aprendizagem de um educando ou de uma educanda e constatar que muitas vezes o “problema está mais abaixo”, expressão utilizada no vocabulário coloquial na escola, investir na formação continuada baseada na instrumentalização e “adestramento” dos educadores e das educadoras, limita-os à aplicação de receitas prontas de como executar uma aula.

O educador e a educadora não precisam mais planejar, pensar estratégias para ensinar, enfim, pensar e elaborar a sua aula, é possível executar uma aula que já vem determinada minuto a minuto, como pode ser observado e vivenciado nas rotinas pedagógicas.⁴¹⁶

Diante deste contexto e com base no relato da autora na Introdução, a busca constante pelo pleno desenvolvimento de seus educandos e de suas educandas motivou a autora escrever esta tese, possibilitando aprofundar seus conhecimentos e obter novos olhares em relação à abordagem da Educação por Princípios.

A abordagem de ensino e aprendizagem da Educação por Princípios não é uma religião. A Educação por Princípios tem por base os princípios bíblicos, a pessoa de Jesus Cristo e a sua palavra. Da Bíblia, palavra de Deus, emanam os princípios que iluminam todas as áreas do conhecimento e da vida, e os mesmos possibilitam ao educando e à educanda a capacidade de ser e fazer a diferença na sociedade em que vivem. A proposta didática da Educação por Princípios consiste em extrair os princípios pautados nos ensinamentos do Mestre dos mestres, Jesus Cristo, e inseri-los na educação escolar.

A ciência desenvolveu-se a patamares nunca antes alcançados, a tecnologia avança instantaneamente de modo até assustador, saberes tornam-se ultrapassados com muita rapidez. Muitas máquinas foram criadas para que o trabalho fosse realizado com maior facilidade e velocidade, levando-se em consideração o bem-estar do ser humano. Atendimentos psicológicos e psicopedagógicos têm crescido, demonstrando que, com o avanço intelectual, aumentam fragilidades referentes à cidadania, à tolerância, à preocupação com o outro, menos respeito e maior individualidade.

⁴¹⁶ A autora dissertou sobre este assunto na obtenção do mestrado, quando propôs uma análise sobre a *Revista Nova Escola* e a necessidade de existir políticas públicas voltadas ao testemunho de aprendizagem do educador e da educadora para assim qualificar as aulas ministradas.

Os métodos da Educação por Princípios propõem, através dos Planos de Pesquisa, desafiar o educador e a educadora à pesquisa e ao raciocínio, promovendo relações de saberes e registros posteriores. A educação baseada em princípios não é parcial. Educadores e educadoras cristãos, quando conscientizados de que o ensino proporciona o crescimento integral dos educandos e das educandas, ensinarão a esta geração a não conformação com os padrões deste mundo, mas sua transformação pela renovação de sua mente, e, portanto, pela boa, perfeita e agradável vontade de Deus (Romanos 12.1-2).⁴¹⁷

A abordagem da *Elementarisierung* contribui para o conhecimento de métodos fundamentados na Bíblia e enriqueceu, com objetivos de desenvolver o educando e a educanda integralmente. Diante do fato de essa abordagem, atualmente, ser voltada especificamente para o componente curricular do Ensino Religioso, limita o desenvolvimento apenas a esse campo, não permitindo sua expansão para as demais áreas do conhecimento. A metodologia da *Elementarisierung*, de acordo com a sua origem, é passível de ser aplicada em todos os componentes curriculares, porém todas as informações pesquisadas estavam voltadas ao componente curricular do Ensino Religioso. Cabe aqui uma pesquisa mais aprofundada.

O pleno desenvolvimento, visando a todos os aspectos conforme previstos nas diretrizes da educação brasileira, dentro da visão da educação cristã que fundamenta a Educação por Princípios, é real nas vidas do educando e da educanda quando há o comprometimento do educador e da educadora como testemunhas de sua própria aprendizagem, sua conversão a Cristo e sua disposição interior para promover esse desenvolvimento pleno.

O testemunho de sua aprendizagem é a formação acadêmica que cada educador e educadora buscarão constantemente, como forma de aprimoramento intelectual, e sua conversão ocorrerá através da fé, na contínua busca por significados na vida, fazendo uma decisão ao aceitar a mensagem de Gálatas 2.20 em sua vida: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo é quem vive em mim. E esta vida que vivo agora, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se deu a si

⁴¹⁷ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

mesmo por mim.”⁴¹⁸ Uma decisão unicamente pessoal. Sua disposição interior o motivará e impulsionará a realizar ou não decisões transformadas em atitudes e comportamentos.

A partir deste processo pessoal o educador cristão buscará sua identidade no caráter de Cristo, entendendo seu chamado ao ensino com amor e planejando suas aulas sempre ciente da graça de Deus que vivenciará através do dom. Sem o comprometimento e o entendimento pessoal da ação educativa não basta conhecer métodos e propostas pedagógicas. A aplicação de metodologias, por mais eficientes e bem-elaboradas que sejam, por si só não vai contribuir para o pleno desenvolvimento. Os princípios devem ser vividos pelos educadores e pelas educadoras.

Ensinar baseado na abordagem da Educação por Princípios não é incorporar em seu currículo e, conseqüentemente, planos de aula alguns versículos bíblicos. Considerar-se uma pessoa que se denomina cristã também não é o suficiente para obter resultados significativos. O processo de ensinar é a transformação total de uma personalidade operada pela graça de Deus, transformação essa que depois, pela mesma graça, alcança outros a fim de transformá-los também.

A abordagem de ensino e aprendizagem da Educação por Princípios somente possibilitará uma educação integral quando sua proposta didática, sua metodologia e seu currículo estiverem em concordância com seus fundamentos filosóficos e psicológicos baseados nos princípios bíblicos e quando o educador e a educadora entenderem, internalizarem e aceitarem esta abordagem propondo-se a desenvolvê-la junto aos seus educandos e suas educandas.

Proporcionar o pleno desenvolvimento aos educandos e às educandas é associar os aspectos cognitivos, físico, social, emocional e espiritual continuamente. Ao negligenciar uma dessas áreas, é colocado em risco o desenvolvimento das outras. E, por outro lado, sempre que conseguir algum avanço numa delas, isso terá efeito sobre as outras.

⁴¹⁸ Cf. A BÍBLIA sagrada, 1997.

A oração de Comenius perpassou séculos, e ao se apropriar da mesma petição, é possível interceder esperançosamente em favor dos educadores, educadoras, educandos e educandas das escolas brasileiras:

Que Deus, tendo misericórdia de nós, nos faça encontrar um modo e um método geral, capaz de nos ensinar a voltar para Deus todas as coisas que estão fora de Deus, e de que se ocupa a inteligência humana, e a voltar para o estudo das coisas celestes, todas as ocupações desta vida, nas quais se embaraça e se imerge o mundo! Assim, teríamos uma espécie de escola sagrada, pela qual, mediante todas as coisas que existem e que se fazem, as nossas mentes subiriam, sem obstáculo, até o supremo e eterno Senhor de todas as coisas, fonte da verdadeira felicidade.⁴¹⁹

⁴¹⁹ COMENIUS, 1996, p. 365. In: BORGES, Inês Augusto. *Educação e personalidade: a dimensão sócio-histórico da educação*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002. p. 65.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. ver. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

_____. Tradução de João Ferreira de Almeida. A Bíblia Anotada, Versão Revista e Atualizada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

AECEP. *Capacitação em Educação por Princípios: fundamentos, conceitos e práticas da Educação por Princípios*. Curso 1. Belo Horizonte, 2015.

ALMEIDA, Odete Líber de. *Liturgia com crianças*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda (Org.). *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1989.

ARAUJO, Alan Ricardo de Sousa. *Complexidade, espiritualidade e educação: por uma educabilidade do espírito humano*. São Bernardo do Campo, 2005. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.

ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2002. In: MOREIRA, Ivanilde. *Fracasso escolar e interação professor-aluno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

ARRUDA, Vitorio Cesar Mura de. *Inteligência espiritual: espiritualidade nas organizações*. São Paulo: Ibrasa, 2005.

ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS CRISTÃS DE EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS, s.d. Disponível em: <<http://www.aecep.com.br/>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

BAEZ-CAMARGO, Gonzalo. *Princípios e método da educação cristã*. Tradução de Luís A. Caruso. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1961.

BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). *Políticas educacionais: questões e dilemas*. São Paulo: Cortez, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Sociedade líquida*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2013.

BIESINGER, Albert; SCHWEITZER, Friedrich. *Religionspädagogische Kompetenzen: Zehn Zugänge für pädagogische Fachkräfte in Kitas*. Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau, 2013.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 266, 2006.

BOCK, Vivien Rose. *Professor e psicologia aplicada na escola*. Porto Alegre: Kinder, 1996.

BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BORGES, Inês Augusto. *Educação e personalidade*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

BOUFLEUER, José P.; FENSTERSEIFER, Paulo E. A re-configuração da dialética pedagógica com vistas a uma formação emancipadora. In: III SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E TEORIAS DA EDUCAÇÃO E IV COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2008, Campinas – SP. III Episted. Campinas – SP: UNICAMP, 2008a. v. 1.

BOUFLEUER, José Pedro. O operar pedagógico sob o primado da comunicação: a pedagogia em perspectiva auto-fundante. In: 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2007, Caxambu. 30ª Reunião Anual da ANPEd. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007.

BRANDÃO, C. P. *O que é educação?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

BRANDENBURG, Laude Erandi *et al* (Orgs.). *Ensino Religioso e docência e(m) formação*. São Leopoldo, Editora Sinodal/EST, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394 *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Promulgada em 20 de dezembro de 1996. Editora do Brasil.

BRASIL, LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRITO, Hélvia. *Identidade: Discernindo quem somos para avançar no cumprimento de nossa missão*. Disponível em: <<http://www.aecep.com.br/artigo/identidade-sintese-do-tema-do-22-ws-de-2013-sao-paulo-.html>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

_____. *O início da história da Educação por Princípios no Brasil e a vida de Cida Mattar*. 2014. Disponível em: <<http://www.aecep.com.br/artigo/o-inicio-da-historia-da-educacao-por-principios-no-brasil-e-a-vida-de-cida-mattar--por-helvia-brito.html>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

BRÔßNER, Simon. Elementarisierung als Prinzip der Unterrichtsvorbereitung. Am Beispiel des Gleichniss vom verlorenen Sohn (Lk 15, 11-32). Studienarbeit.

CARR, 2003. In: MARCHESI, Álvaro. *O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores*. Editora Artmed, São Paulo, SP.

CASTRO, Claudio de Moura. *Uma mona áspera*. Revista VEJA. São Paulo: Editora Abril, 13/05/2009.

CHARLOT, Bernard. A relação com o saber: conceitos e definições. In: _____. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COMENIO, J. A. *Didáctica Magna*. Martins Fontes: São Paulo, 2002.

CUNHA, Denise Pires. *Disgrafia devido às alterações do esquema corporal*. Monografia de Pós-Graduação. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes.

CURSO II – Ferramentas Pedagógicas da Educação por Princípios (apostila). AECEP, 2012.

DALBOSCO, C. A. Diálogo consigo mesmo, voz interna da consciência e ação simbólica no contexto pedagógico. *Conexão*, Caxias do Sul, v. 5, p. 97-116, 2006.

DAVIDSON, Francis (Org.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1996.

DeJONG, Norman. *Education in the truth*. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1974.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

_____. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

DELORS, Jacques *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Trad. José Carlos Eufrásio. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC, UNESCO, 2001.

_____. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Editora Cortez-UNESCO, 1998.

DEMO, Pedro. Conhecimento moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. In: MOREIRA, Ivanilde. *Fracasso Escolar e Interação Professor-Aluno*. Editora Wak, 3. ed., Rio de Janeiro, 2010.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

EINSTEIN, Albert. In: LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. AECEP, 2006.

ERICKSON, Erick. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/ECA%20ATUALIZADO.pdf/view>>. Acesso em: 11 mai. 2015.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, D. S. A. Experiências que marcam. In: VASCONCELOS, E. M.; FROTA, L. C.; SIMON, E. (Orgs.). *Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006b.

FERREIRA, N. S. C. Tecnologia Educacional e o Profissional no Brasil: sua formação e a possibilidade de construção de uma cultura humana. In: Revista Tecnologia Educacional, Campinas, ano XXVI, v. 26, n. 141, abr./mai./jun., 1998.

FERNÁNDEZ, Alicia. A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Tradução de Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001.

FERNANDEZ, Isabel. *Prevenção da violência e solução de conflito: o clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo: Madras, 2005.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRASS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997.

FERREIRA, D. S. A. Experiências que marcam. In: VASCONCELOS, E. M.; FROTA, L. C.; SIMON, E. (Orgs.). *Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006b.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a (2004).

FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAAS, H. J. Glaube und Identität, p. 9. In: STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Editora Vozes, 2005, Petrópolis, RJ, p. 11.

FREIRE, Madalena. O que é um grupo? In: *Paixão de aprender*, São Paulo, ano I, n. 1, dez. 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

_____. Disponível em: <http://www.seduc.go.gov.br/documentos/nucleomeioambiente/Caderno_horta.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2015.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GALVÃO, Izabel. Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. In: *Cadernos Ideias – construtivismo em revista*. São Paulo, F. D. E, 1993.

GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD 2007.

GARCIA, Ronaldo C. *Avaliação de ações governamentais: pontos para um começo de conversa*, Brasília, IPEA/CENDEC, out., 1997.

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. São Paulo: Autores Associados, 2002, p. 35.

GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Balsa Planeta Internacional Ltda., 1996.

GUIA CURRICULAR E METODOLÓGICO: Sistema de Ensino Renovo. São Paulo: Editora SIRE, 2014.

GUILLEBAULD, Jean-Claude. *A reinvenção do mundo: um adeus ao século X*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HAHN, Matthias. *Kompetenzorientiert Religionsunterricht planen – aber wie?* Disponível em: <<http://www.theo-web.de/zeitschrift/ausgabe-2014-01/13.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 143 p.

HYBELS, Bill. *Quando a liderança e o discipulado entram em conflito*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

IMBÉRNON, F. *Formação docente e profissional*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 37.

INSTITUTO IMAGO DEI. Disponível em: <<http://imagodei.com.br/>>. Acesso em 26 mai. 2014.

JEHLE, Paul. *As sete colunas da sabedoria*. AECEP, 2008. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 5).

_____. *Ensinando a Bíblia: nosso texto central: fundamentação e diretrizes para o currículo de ensino da Bíblia*. Tradução, introdução e notas de Inez Augusto Borges. 1. ed. Belo Horizonte: AECEP, 2014.

KUENZER, Acácia Zeneida. As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura (Org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LÄMMERMANN, Godwin. *Elemente religionsdidaktischer Elementarisierung*. Disponível em: <http://www.philso.uni-augsburg.de/lehrstuehle/evangtheol/relpaed/mitarbeiter/laemmermann/publikationen/downloads/Elemente_religionsdidaktischer_Elementarisierung.pdf>. Acesso em 23 fev. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

LIBÂNEO, J. C. *Educação escola: políticas, estrutura e organização*. 2. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

_____. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: *Revista da Ande*, São Paulo, n. 6, 1982.

LELOUP, J. Y.; HENNEZEL, M. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O que é uma escola cristã*. Revista Mackenzie, ano IV, n. 24, 2003.

LYONS, Max. A Abordagem por Princípios. AECEP, 2006. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2.)

MANSUR, Luci Helena Baraldo. O psicólogo e o professor. In: KHOURI, Yvonne G. (Org.). *Temas básicos de psicologia: Psicologia escolar*. São Paulo: EPU, 1984.

MARCHESI, Alvaro. O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores. São Paulo: Editora Artmed. 2008.

MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. In: *Psicol. Estud.*, jul./dez., v. 8, n. 2, 2003.

MARZANO, R. J.; PICKERING, D. J.; POLLOCK, J. E. *Ensino que funciona: estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos alunos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MATOS, Alderi Souza de. Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século 20. In: *Fides Reformata: Educação – Edição especial*, v. XIII, n. 2. São Paulo: Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB / Mackenzie, 2008.

MATTAR, Cida, SILVÉRIO, Laura. In: *Fundamentos, conceitos e práticas da Educação*. Curso I. Material Apostilado, AECEP, 2015.

McRAE, William. *The Dynamics of Spiritual Gifts*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976, p. 111. In: GANGEL, Kenneth O; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD 2007.

MELLO, Guiomar Namó de. *Os 10 Maiores Problemas da Educação Básica no Brasil*. 2003, p. 8. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/img/politicas-publicas/fala_exclusivo.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2015.

MEYER, Hilbert. In: *Kompetenzen und Standards für den Evangelischen Religionsunterricht in der Sekundarstufe*. I. Ein Orientierungsrahmen, EKD-Texte 110, z. Ersch. 2010.

MOÇO, Anderson. *Balanço do Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/legislacao/pne-plano-nacional-de-educacao-537431.shtml>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

_____. *O novo perfil do professor*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/novo-perfil-professor-carreira-formacao-602328.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. *Curso Vida Nova de Teologia Básica: educação cristã*. São Paulo, Vida Nova, 2000.

MOREIRA, Ivanilde. *Fracasso escolar e interação professor-aluno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. Brasília: Cortez, 2001.

MOSQUERA, J. J. M. *O professor como pessoa*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

MOURSHED, Mona. *7 medidas testadas e aprovadas*. Revista VEJA. São Paulo: Editora Abril, 18 jun. 2008.

MÜLLER, Marisa Campio. Introdução. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges et al [ed.]. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2007.

NAUGLE, 2002, p. 59. In: LEITE. Claudio Antonio Cardoso et al (Orgs.). *Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social*. Editora Ultimato, Viçosa, MG, 2006.

NIPKOW, Karl Ernst. *Gott in Bedrängnis? Zur Zukunftsfähigkeit von Religionsunterricht, Schule und Kirche*. Band 3. Ed: Gütersloher Verlagshaus, Gütersloh-München, 2010 (Tradução Nossa).

_____. *Christliche Pädagogik und Interreligiöses Lernen*. Band 2. 2. Auflage. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2007.

_____. *Bildungsverständnis im Umbruch. Religionpädagogik im Lebenslauf. Elementarisierung*. Gütersloh, 2005.

_____. Art. Religionspädagogik. In: *Evangelisches Kirchenlexikon*, Bd. 3, Göttingen 1992.

_____. *Elementarisierung als Kern der Unterrichtsvorbereitung*. Gütersloher Verlagshaus, Gütersloh, 1986.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. 4. ed. Ver. Brasília: Unesco/Fundação Vale, 2008. In: NUNES, 2011.

NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NUNES, Antonio Ozório. *Como restaurar a paz nas escolas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

PACKER, James. *Keep in Step with the Spirit*. Old Tappan. Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1984, p. 83. In: GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

PAGANOTTI, Ivan. *Novo PNE: muitas emendas podem piorar o soneto* Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/novo-pne-muitas-emendas-podem-piorar-soneto-639756.shtml>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

PAZMIÑO, Robert W. *Temas fundamentais da educação cristã*. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

_____. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

PEGO, Márcia Goulart Tozzi. *A representação simbólica na clínica psicopedagógica*. São Paulo: Editora Vetor, 2003.

PINTO, C. F. *A formação humana no projecto da modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

PIRES, Artur. *Lei de Cotas nas universidades federais: passo gigantesco da educação brasileira*. Disponível em:

<<http://impressoesmundanas.blogspot.com.br/2012/08/lei-de-cotas-nas-universidades-federais.html>> Acesso em: 6 abr. 2015.

PIZZANI, L. *et al.* *A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento*. Disponível em: <www.sbv.unicamp.br>. Acesso em: 13 abr. 2015.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SILVA, Sylvia Helena Souza da. *A formação do professor: reflexões, Desafios, Perspectivas*.

PNE, 2001, IV – MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2015.

RAPPAPORT, C. R. *et al.* *Psicologia do desenvolvimento: a idade pré-escolar*. São Paulo: EPV, v. 3, 1981.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

RINALDI, Ana Beatriz. *Educação por Princípios para iniciantes*. In: WORKSHOP DE EDUCAÇÃO ESCOLAR CRISTÁ, 23, 2014, Jaboticatubas. Slides, disponibilizada da Sessão Temática.

RINALDI, Roberto Jr. *Educação na perspectiva cristã*. AECEP, 1. ed. Belo Horizonte, 2006, p. 5. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 1.)

ROCHA, Andreza Roberta. *Relatos de experiência publicados na revista Nova Escola (2001-2004): modelo de professora ideal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROCHA, Doralice Lange de Souza. *O resgate da espiritualidade na educação: reflexões a partir de uma perspectiva holística*. 2004, p. 3. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0142.pdf>>. Acesso em: 15 de set. 2014.

ROSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1992.

SANTOS, Valdeci da Silva Santos. *Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas*. In: *Fides Reformata*, XIII, n. 2. São Paulo, 2008.

SAVIANI. Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SCHWEITZER, Friedrich. *Das Recht des Kindes auf Religion*. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2013.

_____. *Elementarisierung im Religionsunterricht*. 4. Auflage. Ed: Neukirchener Verlagsgesellschaft mbH. Neukirchen-Vluyn, 2013.

_____. *Kindertheologie und Elementarisierung*. 1. Auflage. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2011.

_____. *Religionspädagogik und Zeitgeschichte im Spiegel der Rezeption von Karl Ernst Nipkow*. 1. Auflage. Ed: Gütersloher Verlagshaus, 2008.

_____. *Elementarisierung: ein religionsdidaktischer Ansatz: Einführende Darstellung*. In: Ders. (Hg.) *Elementarisierung im Religionsunterricht. Erfahrungen, Perspektiven, Beispiele, Neukirchen-Vluyn*, 2003.

SERVICIOS PEDAGÓGICOS Y TEOLÓGICOS (SPT). *Manifesto por uma educação teológica de qualidade*. La Paz, Bolívia, 2009.

SILVA, Maria Abádia. *Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial*. Campinas, SP: Autores Associados, Fapesp, 2002.

SILVA, Pedro L. B.; COSTA, Nilson R. *A avaliação de programas públicos: reflexões sobre a experiência brasileira*. Relatório Técnico. Cooperação Técnica BID-IPEA. Brasília: IPEA, 2002.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. *Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea, 2005.

SILVA, Valmor da (Org.). *Ensino Religioso: a educação centrada na vida: subsídios para a formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda (Orgs.). *Política educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SLATER, Rosalie J. *Teaching and Learning Americas Christian History*. São Francisco, CA: FACE, 1965.

Slides da Sessão Temática no 23º Workshop de Ana Beatriz Rinaldi.

SOARES, M. S.; LIMA, C. B. *Grito de dor e canção de amor: visão humanística da AIDS na perspectiva da espiritualidade*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2005.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: questões temáticas e de pesquisa. In: *Caderno CRH*, Salvador, n. 39, jul./dez. 2003.

SOUZA, Jaqueline. *A primeira igreja protestante no Brasil: Igreja Reformada Potiguara – 1625-1691*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

STRECK, Gisela I. W. *Ensino religioso com adolescentes em escolas confessionais luteranas da IECLB*. Tese de Doutorado. São Leopoldo, EST, 2000.

TÁVOLA, A. Disponível em: <<http://geocities.ws/profberti/>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

THOMAS, J. R.; THOMAS, K. T. *What Is Motor Development: Where Does It Belong?* Quest, 41, 1989.

VALLA, V. V. Apoio social e saúde: buscando compreender a fala das classes populares. In: COSTA, M. V. (Org.). *Educação popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.

VASCONCELOS, E. M. *Educação popular nos serviços de saúde*. São Paulo: Hucitec, 1997.

WEBSTER, Noah. *American Dictionary of the English Language*. São Francisco, CA: F.A.C.E., 1967. Disponível em: <<http://webstersdictionary1828.com>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

_____. In: LYONS, Max. *A Abordagem por Princípios*. Belo Horizonte: AEECEP, 2006, p. 7-10. (Série Conceitos Fundamentais da Educação por Princípios, 2.)

_____. *American Dictionary of the English Language* (Dicionário Americano de Língua Inglesa), São Francisco, CA: F.A.C.E., 1967.

WONDRACEK, Karin H. K.; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Letícia N. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: uma introdução às ideias de James E. Loder*. 1. ed.. Grafar: Joinville, 2012.

YOUMANS, Elizabeth. Christian Curriculum Design. In: *Workshop de Educação Escolar Cristã*, 15, São Paulo, 2006.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILLES, Urbano. Espiritualidade Cristã. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges *et al* (Ed.). *Espiritualidade e qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Disponível em: <http://www.colegiofonte.com.br/?page_id=18>. Acesso em: 21 mai. 2015.

INTERNET:

Dicionário Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/mestre>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

Dicionário Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/did%C3%A1tica/>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

Eco Desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/biblioteca/pesquisas/relatorio-de-monitoramento-global-de-educacao-para>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação Disponível em: <<http://www.educacao.ma.gov.br/Documentos/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Secretaria%20Nacional%20do%20Tesouro.PDF>> Acesso em: 7 set. 2015.

Ministério da Educação. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/indicadores-da-educacao/5-metas>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

Políticas Públicas na Educação. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABDokAF/politicas-publicas-na-educacao>> Acesso em: 28 jan. 2015.

Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2015.

Sistema Renovo de Ensino. Disponível em: <http://sistemarenovo.com.br/?page_id=71>. Acesso em: 12 abr. 2015.